HISTORIA
DE
PORTUGAL.

TOMO DECIMO.

HISTORIA
DE
PORTUGAL.

TOMO DECIMO.

HISTORIA
GERAL
DE
PORTUGAL,
E SUAS CONQUISTAS,

OFFERECIDA

Á RAINHA NOSSA SENHORA

D. MARIA I.

POR

DAMIAÕ ANTONIO DE LEMOS

FARIA E CASTRO.

TOMO X.

LISBOA,

NA TYPOGRAFIA ROLLANDIANA.

1788.

Com licença da Real Meza da Commissaõ Geral sobre o Exame, e Censura dos Livros.

FOI taxado este Livro a quatro centos réis em papel: Meza 24 de Novembro de 1788.

Com tres Rubricas.

INDICE
DOS CAPITULOS.
LIVRO XXXVII.

HISTORIA
GERAL
DE
PORTUGAL
E SUAS CONQUISTAS,
OFFERECIDA
Á RAINHA NOSSA SENHORA
D. MARIA I.
POR
DAMIAÕ ANTONIO DE LEMOS
FARIA E CASTRO.

TOMO X.

LISBOA,
NA TYPOGRAFIA ROLLANDIANA.
1788.
Com licença da Real Meza da Commissaõ Geral sobre o Exame, e Censura dos Livros.

FOI taxado este Livro a quatro centos réis em papel: Meza 24 de Novembro de 1788.

Com tres Rubricas.

INDICE
DOS CAPITULOS.
LIVRO XXXVII.

LIVRO XXXVIII.

LIVRO XXXIX.

CAP.

HISTORIA GERAL
DE
PORTUGAL.

LIVRO XXXVII.

Da Historia Moderna de Portugal.

CAPITULO I.

Das expediçoes do Grande Affonso de Albuquerque na India, sendo ainda Vice-Rei D. Francisco de Almeida.

NÓS deixamos morto na India ás mãos de Mirhocem, e de Meliqueáz, Generaes do Soldaõ, e de Cambaya, ao estimavel D. Lourenço de Almeida; e em quanto seu grande Pai, o Vice- Era vulg. 1508

Rei,

Era vulg.

Rei, se prepára para lhe vingar a mórte, e reparar a québra das nossas armas, vamos nós a principiar a narração das façanhas do pai dellas, o famoso Affonso de Albuquerque, depois que delle se apartou Tristaõ da Cunha, que havendo tomado a Fortaleza de Çoçotorá, veio a Cannanor, donde dissemos navegára para o Reino. Na sua ausencia ficou o Albuquerque encarregado de cruzar os mares da Arabia, de incommodar as suas cóstas, de fazer prezas nos navios, que encontrasse. Mal se conformava com o espirito sublime deste Chéfe representar na Asia hum officio de Pyrata, de Escumador dos mares, e formou na sua idéa designios de grande Capitaõ, de que á Patria, e á pessoa resultasse glória verdadeira.

Elle teve por empenho digno do seu valor, e do seu nome a conquista da Ilha de Ormuz, entranhada no Golfo Persico, que tomou este nome de Armusa, Cidade antiga de Carmania, hoje sem outra memoria álem do nome. Goza Ormuz o titulo de Reino,

naõ

naõ obſtante a ſua pequena extenſaõ de huma legua de comprido, hum quarto de largo, e quatro de circuito. Eſta Ilha he huma mina de ſal, e enxofre; nada produz, nem cria; o ſeu calor he tanto, que a gente paſſa a noite mettida em banhos; mas ſem embargo da ſua pequenhez, e eſterelidade, toda a Aſia a eſtima pela chave do Eſtreito do Mar Perſico, por ficar a Cidade em huma ponta da Ilha, aonde vem a fazer dous pórtos com figura de bahias, bons, e muito ſeguros, donde provém que eſta terra ſeja a eſcala do Commercio Oriental, e Occidental, da Perſia, Armenia, e Tartaria, que tem ao Nórte. Os Arabes, e Perſas foraõ os primeiros moradores de Ormuz, que ſobindo pelo negocio a huma riqueza enorme, veio a ter Reis particulares, que mettiaõ nos ſeus cofres ſommas immenſas. O primeiro foi Melequaez, Senhor da Ilha de Caês, que teve por ſucceſſor a Groduxá, Dominante do Magoſtan. Eſte fez aſſento em Ormuz, aonde continuáraõ a reſidir os que ſe lhe ſeguíraõ até Ceifadim,

Era vulg

ra vulg. dim, que reinava no tempo de Affonſo de Albuquerque. Eſtes Soberanos de Dominio taõ curto, empregando as ſuas grandes rendas nas vantagens do Eſtado, os avançáraõ com as acquiſiçóes de muitas Ilhas, e Cidades na Carmania, e Arabia.

Bem inſtruido o Albuquerque na importancia de Ormuz, a 20 de Agoſto do anno paſſado de 1507 ſahio de Çocotorá para o Cabo de Roſalgate, que da parte da Arabia deſcobre aquelle Reino. O aparato para eſta expediçaõ conſtava de ſeis náos, em que levava 470 ſoldados, e os Capitães Franciſco de Tavora, Manoel Teles, Affonſo Lopes da Coſta, Antonio do Campo, Joaõ da Nova, e Nuno Vaz de Caſtello Branco. Deo a Eſquadra fundo defronte de Calaiate, huma das principaes Cidades do Rei de Ormuz na embocadura do Golfo. Os habitantes acceitáraõ as noſſas propoſtas de paz, e gratuitamente nos fornecêraõ de mantimentos fechados em toneis. Foi-ſe avançando a navegaçaõ para Curiate, outro porto do meſmo Rei, e no caminho

minho quiz o Albuquèrque destribuir pelos seus soldados as munições de bocca, de que os de Calaiate lhe haviaõ feito presente. Abríraõ-se os tonéis, e achárаõ-se immundicies taõ ascarosas, que o seu máo cheiro era capaz de empestar a gente.

Era vulg

Quizéra logo vingar-se o Chéfe injuriado; mas dissimulando o resentimento para melhor occasiaõ, continuou a derrota para Curiate. Hum Indio soberbo, que governava a Praça, naõ quiz attender ás nossas propostas, com grande satisfaçaõ do Albuquerque, que antes queria huma resistencia aberta, que a imagem especiosa da paz simulada. Elle saltou em terra, sem lhe impedir o desembarque a opposiçaõ do Indio na tésta de tres mil homens, que foraõ levados ás cutiladas com mórte de muitos a hum palmar, donde se pozéraõ em fugida. Na Praça naõ se acháraõ mais que mantimentos em tanta cópia, que carregámos as náos, e depois de a abrazarmos com cinco navios de Meca, que estavaõ no porto, navegamos déz legoas adiante á Cida-

de

Era vulg. de de Maſcate, Praça muito mais forte, e conſideravel do Rei de Ormuz, ſituada entre duas ſerras, que no ſeu centro formaõ huma bahia, que faz a entrada mais difficultoſa, e eſtreita. As fortificações, que de novo ſe fizéraõ, a vinda de hum Official de Ormuz com mil homens de ſoccorro, nada foi baſtante para o Albuquerque mudar a reſoluçaõ, que havia formado de invadir Maſcate.

Para a execuçaõ do ſeu intento lhe deo cauſa o Official de Ormuz, que conſeguio do Xeque faltar á palavra de nos fornecer de mantimentos, e ás náos Portuguezas, que por alli paſſaſſem. A primeira demonſtraçaõ do noſſo reſentimento foi o bombardeio de huma noite inteira ſobre a Cidade, que ficou quaſi por terra. Seguio-ſe na manhã o deſembarque em tres córpos, cobrindo o primeiro Franciſco de Tavora com Affonſo Lopes da Coſta, o ſegundo Joaõ da Nova com Antonio de Campos, o terceiro Affonſo de Albuquerque com Manoel Teles. A noſſa primeira inveſtida derramou o terror

ror entre os inimigos, obſervando que o *diluvio* do ſeu fogo, o chuveiro das ſuas armas de arremeço, a oppoſiçaõ de quatro mil homens nada nos detinha o paſſo, até chegarmos, e arrombar as portas de Maſcate. Coberto o campo de mórtos, os ſoldados o abandonaõ, os moradores deſampáraõ a Cidade, os Portuguezes em vingança de oito homens, que perdêraõ, a deſpojaõ, e a queimaõ. Era vulg.

Affonſo de Albuquerque, que tinha forças para ſuſtentar o pezo de muitas victorias, e que a guerra de Ormuz mais era empenho do ſeu valor, que do ſeu poder; ſem perda de tempo pôz as prôas ao porto de Soar, que eſtava defendido por huma boa Fortaleza quaſi na embocadura do Ganges. O ſeu Governador naõ quiz expôr-ſe aos riſcos de a defender; entregou-a em boa paz, jurando-ſe vaſſallo, e tributario del Rei D. Manoel. Ao meſmo deſtino ſe ſujeitou a Villa de Orfaçaõ, que he a ultima da cóſta da Arabia para a parte ſeptentrional, pertencente ao Reino de Ormuz. O General, depois

de

Era vulg. que dos attrevimentos, que acabára de ter nas terras do ſeu Monarca. O Albuquerque o percebeo aſſim nas reſpoſtas cheias de fereza, com que Cojeatar de hum dia para outro mudára de eſtylo, ao meſmo tempo que lhe offerecia á face movimentos audacioſos, que o deſafiavaõ para huma batalha.

Era muito prudente o noſſo Chéfe para deixar de advertir o perigo, em que eſtava, ou de faltar aos deveres da honra retirando-ſe, ou de ſe empenhar com tanta deſigualdade de forças em hum combate de opiniaõ. Mas como as almas grandes em repente algum perdem o acordo; o Albuquerque ſublimando o eſpirito, começa a implorar os ſoccorros do Ceo; lembra-ſe, que os Portuguezes na guerra com os Barbaros nunca medíraõ proporçőes; traz á memoria, que elle meſmo, muitas vezes inferior em número de gente, acabava de bater inimigos poderoſos, de lhes queimar os ſeus navios, de lhes aſſollar as ſuas Cidades; e dando a todas eſtas idéas de heroicidade as imagens mais vivas, elle

le as reprefenta na face dos feus folda- Era vulg.
dos. Naõ houve algum de valor, que
dominado de huma intrepidez, que fe
naõ concebe, deixaffe de lhe moftrar a
impaciencia, com que foffria a demóra
da batalha. Avança-fe a ella o General
na vá-guarda para ir infultar os navios,
que eftavaõ dentro do porto de Or-
muz, e ordena que a reta-guarda faça
frente, aos que vinhaõ pelo bórdo do
mar para lhes impedir, que cruzaffem
os fógos. Eftas ordens foraõ acompa-
nhadas de huma advertencia aos Capi-
tães para naõ fe chegarem muito aos
inimigos, em quanto elles naõ déffem
as primeiras cargas da fua artelharia.

O fucceffo moftrou o acerto defta
providencia. Os inimigos atacáraõ a
noffa reta-guarda com hum fogo taõ
vivo, que fez tremer o mar, e enro-
lar o Ceo em huma nuvem de fumo.
Quando fe defcobríraõ os objectos, o
noffo mais bem apontado fez perce-
ber os effeitos nos gritos, e impreca-
ções dos feridos, e agonizantes, que
augmentavaõ o horror do efpectaculo.
Ao mefmo tempo o General fazia hum
gran-

Erà vulg. grande destroço nas náos, especialmente nas de Cambaya, aonde a mortandade era tanta, que os vivos se lançavaõ ao mar, fugindo de hum inimigo inexoravel para outro cruel. Entaõ saltáraõ os nossos nos batéis para alancearem estes infelices, que Cojeatar quiz soccorrer nas terradas de Ormuz; que sendo muito ligeiras, entravaõ, e sahiaõ por entre as nossas náos com muita celeridade; mas mettido a pique hum grande número, as ondas cobertas de cadaveres, nelles tropeçavaõ os vivos, que nadavaõ, em quanto as lanças dos batéis naõ os punhaõ na mesma igualdade da sórte.

Na náo Meri tinha a do Albuquerque feito hum grande destroço, que sendo percebido pelos nossos Fidalgos ambiciosos de honra; elles tomáraõ á sua conta abordalla, e rendella com mórte da maior parte dos seus defensores. O General lhes mandou logo ordem, para que abocassem a sua artelharia para a Cidade, e a varejassem sem descanço, para que o seu Rei, que das varandas do Paço via o comba-

bate, notasse que este do mar havia ir dar fim na terra. Já os nossos encontravaõ inimigos sem resistencia; muitas náos mettidas a pique; outras queimadas; muitas prisioneiras; o resto em fugida; dous mil homens mórtos, e dos Portuguezes apenas dez. O General foi perseguindo aos que se retiravaõ para Ormuz, aonde mandou çortar as amarras a 30 náos surtas, que foraõ varar na Cósta da Persia, e passando pelo varadouro, e estaleiros, fez pôr fogo a 140, que se estavaõ construindo, e alimpando: segundo horror sobre o primeiro, que des do Rei até ao ultimo dos vassallos introduzio aquella qualidade de medo, que desterra a presença do espirito para a razaõ naõ obrar livre. Era vulg.

Ainda que os inimigos desampararaõ os muros da Cidade, e foraõ entrincheirar-se no Paço para defenderem, ou morrerem com o seu Rei; o Albuquerque por naõ abusar de tamanha victoria; vendo os Portuguezes poucos, fatigados com oito horas de combate, a noite chegando; mandou tocar a reti-

tar-se com o Albuquerque, e pedio lhe fizesse este gosto. Elle respondeo, que só esperava as suas ordens para saltar em terra. Hum concurso numeroso se alvoroçou para vêr este milagre do valor, que recebido pela guarda do Rei, foi levado a Paço, aonde competiaõ o prazer, e a pompa. Ceifadim o esperava no meio de huma Corte soberba, que á imitaçaõ do Soberano o tratou com todas as demonstrações de estimaçaõ. Acabada a Audiencia, com o mesmo magnifico aparelho foi elle conduzido ás náos, e seguido do presente Real, que se compunha de diamantes de grande preço; de hum cinto bordado de ouro com pedraria preciosa; hum punhal, que tinha da mesma fabrica huma bainha de valor, outras muitas peças, e hum cavallo Arabo com jaezes ao modo da India. O Albuquerque correspondeo com alguns trastes de ouro, e prata fabricados no Reino, que tivéraõ a estimaçaõ, que se costuma dar, senaõ ao preço, á raridade.

Parte dos Portuguezes saltou em ter-

terra sem a menor suspeita de alguma fraude, para se servirem das casas, que o Rei lhes destinára. Algumas das náos sem susto se encostáraõ á praia. Immediatamente se deo principio á obra da Fortaleza em lugar visinho ao mar para cómmodamente receber os soccorros. O conhecimento, que o Albuquerque tinha das intrigas dos Mouros, lhe inspirou ordenar, para segurança do trabalho, que em huma lingua de terra junto a elle se levantasse huma plataforma guarnecida de artelharia para repellir as tentativas daquelles Barbaros. Fornecia o Rei com diligencia os materiaes necessarios para a obra, e os Portuguezes, desde o General até ao ultimo soldado, principiáraõ a trabalhar nella com o ardor de quem queria em pouco tempo deitar hum freio ao arrependimento, que já se deixava sentir na gente de Ormuz. Se durasse mais esta boa intelligencia entre os nossos, com brevidade chegaría a Fortaleza á sua perfeiçaõ; mas a cobiça com effusaõ de razões especiosas derramou sobre os Portuguezes a compe-

Era vulg.

vulg. tencia originada de huma glória falsa, que lhes divertio a occupaçaõ dos espiritos.

Suspendêraõ-se os descontentes hum pouco com a chegada dos Embaixadores, que Ismael, Sophi da Persia mandou a Ormuz. Este Principe poderosissimo havia declarado a guerra aos Principes visinhos, vencido a todos, rendendo-os seus tributarios, e agora por via de negociaçaõ sem mais armas, que o respeito das victorias passadas, pretendia que o Rei de Ormuz se deixasse involver no mesmo destino dos outros Soberanos seus feudatarios. O verdadeiro fim da pretençaõ de Ismael era divertir a Ceifadim da alliança de Portugal, e a conjuntura de abatido elle a teve pela mais propria para fazer valer os seus interesses. Sobprendeo-se o Rei de Ormuz entre o temor de seu visinho o Sophi da Persia, e o de violar a fé jurada ao Rei de Portugal. Elle quizéra communicar o seu aperto ao Albuquerque; mas advertio que era justo ouvir antes os votos do Conselho. Cojeatar, e a maior parte dos

Mi-

Ministros se inclináraõ a Ismael com razões, que pareciaõ irresponsaveis. O Rei, depois de os ouvir, tomou o partido de abraçar os seus proprios sentimentos, de naõ faltar á palavra, de se abrir com o Albuquerque, e de fazer, que este negocio naõ era com elle; mas com os Generaes do Rei de Portugal.

Era vulg

Affonso de Albuquerque taõ sabio nos Gabinetes, como intrépido nos combates, para resgatar ao Rei de Ormuz da dependencia do Sophi, e para dar vigor á protecçaõ do seu Soberano; elle vio bem, que era hum expediente digno da corage impavida dos Portuguezes, e que só pelo meio da fereza se podia levar ao fim. Chamando ao seu interior a presença da heroicidade até aos seus ultimos termos, elle manda hum dos Capitães, que vá dizer aos Embaixadores da Persia: Como o Rei, e Reino de Ormuz descançaõ á sombra da protecçaõ do grande Rei de Portugal, que reconhecem por Senhor, e lhe pagaõ tributo: que elles naõ pódem servir a dous Do

ra vulg. nantes, e ſatisfazer dous feudos, ſem deſprezarem a hum para eſtimarem o outro: que D. Manoel he Soberano de vaſſallos incapazes de ſoffrer, que haja quem lhe faça deſprezos ſobre a face da terra; e que o tributo, que ſeu Amo pretendia do Rei de Ormuz, elle lho mandava na arca, que lhes remettia.

Abrio-ſe a arca, e o ſeu recheio eraõ ballas de artelharia, e de moſquete, ferros de lanças, e de flechas. O noſſo Emiſſario, apontando com o dedo eſtas precioſidades, continuou: O meu Chéfe me ordena vos inſtrua na reſpoſta, que haveis dar ao voſſo Soberano, concebida nos preciſos termos. De que eſte he o tributo, que aos ſeus feudatarios manda pagar a outros Principes eſtranhos o Auguſto Rei de Portugal, e dos Algarves, da Africa, da India, e de Ormuz, quando os recebe, e lhes offerece o ſeu amparo. Ouviraõ os Embaixadores eſta reſpoſta, e tomáraõ a offerta de ſemelhante tributo por huma fracçaõ do Direito das Gentes; elles proteſtáraõ pela injúria, que a noſſa

con-

confiança fazia a hum Monarca taõ adoravel, como era Ismael Sophi; elles deixáraõ correr livre a cólera para derramar ameaças de vinganças inexoraveis; mas tivéraõ de se recolher para a Persia com as mãos vasias, mallogrados os intentos, sem abandonarem o pezar, e as queixas, em quanto dellas naõ fizessem narraçaõ aos pés de seu Amo.

Era vulg.

CAPITULO II.

Trata-se da discordia dos Capitães da Armada com Affonso de Albuquerque, e da segunda guerra, que elle fez ao Reino de Ormuz.

NAÕ impedio a negociaçaõ, que acabo de referir, com os Embaixadores da Persia os progressos da obra da Fortaleza, que já se via no estado de poder defender-se; como ella se dilatava, e a cobiça lembrava aos Officiaes as prezas, que deixavaõ de fazer no corso do Cabo de Guardafú, que os en-

a vulg. enriquecia; elles principiáraõ a sentir-se, e levar à mal, que as suas mãos honradas se occupassem mais tempo em operaçaõ taõ servil. Conjurados para o fim dos seus intentos, depois de hum longo discurso para deprimirem o cambio, que o Chéfe fazia da construcçaõ de Praças sem lucro pela do corso interessante dos mares: em nome do Rei lhe disséraõ, que a Fortaleza já podia ter Governador, e guarniçaõ, que a defendessem; e que elle devia retirar-se do porto para virem os navios de Commercio, que o seu temor affugentava. Este requerimento por escrito lhe mandáraõ elles pelo Escrivaõ das náos; protestando, que era contra o serviço do Rei empregar-se tanto na conquista de Ormuz, sem ordem sua. O Albuquerque naõ querendo vello, o metteo debaixo de huma pedra na porta, que des de entaõ ficou chamada dos Requerimentos.

Como os descontentes reforçáraõ a representaçaõ com o nome do Rei de Ormuz, e o Albuquerque a attendêra taõ pouco; offendidos desta contu-

tu-

tumelia, procuráraõ ao Regente Cogeatar, e lhe fizéraõ saber: Que o Albuquerque, quando sahira de Lisboa, naõ recebêra ordem alguma del Rei D. Manoel para celebrar Tratados com Ceifadim, nem para lhe declarar a guerra, se elle os recusasse: Que este General era hum ambicioso temerario, que com o pretexto da glória da Patria, e do Monarca, se valia da sua authoridade para andar pelo mundo inquietando os Reis, que estavaõ em tanta distancia dos Dominios de Portugal, e delles só se queria o Commercio, naõ a vassallagem: Que os mesmos Reis á pessoa do Albuquerque, e naõ ás dos mais Portuguezes, he que haviaõ olhar como inimiga do Soberano Poder, perturbador do seu soçego, injúria, e escandalo das Magestades. Deste modo se fez geral a desobediencia, atropelada a disciplina, a ordem, a dependencia militar: Officiaes, soldados, e marinheiros nada mais respiravaõ, que hum espirito de revolta, que preparava para os inimigos as vantagens.

Era vulg.

Re-

Era vulg. Reviveo a alma de Cogeatar, que sendo taõ déstra, naõ deixaría de pegar em occasiaõ taõ favoravel para maquinar sem susto a ruina do Albuquerque. Elle o buscou denodado, e lhe disse affouto, que tratasse de se retirar com a Armada de Ormuz, porque o medo dos Mercadóres romperá o fio do Commercio com grande detrimento das Rendas Reaes, que naõ chegariaõ para se pagar o tributo a El-Rei D. Manoel: que a sua ausencia naõ diminuiría a fidelidade de Ceifadim, que promettia fornecer á Fortaleza quanto lhe fosse preciso; mas que apartasse de Ormuz o objecto do terror daquella parte de Asia, assim para socegar as Nações, como para escusar ao seu Rei o perigo de ser atacado por sua causa pelo formidavel Sophi da Persia. O Albuquerque, secco, e austéro, lhe respondeo, que elle naõ era homem capaz de desistir de hum empenho depois de começado.

Como naõ aproveitou esta industria, Cogeatar escrupulisou pouco em declarar a perfidia, com que sobornou

cin-

cinco marinheiros da Armada, que tinhaõ o officio de fundidores de artelharia, e os fez desertar. A perda de homens semelhantes, que era taõ sensivel ao Albuquerque pelas consequencias, ella o obrigou a esforçar-se com o Rei de Ormuz para o constranger a restituillos. Passáraõ-se dias, e porque a restituiçaõ se naõ fazia, naõ ignorando o Albuquerque, que elles estavaõ occupados no exercicio da sua arte, reiterou mais vivas as instancias, a que se deo em resposta: Que os marinheiros tinhaõ fugido para a terra firme, e já sobre elles naõ podiaõ ser executadas as ordens de Ceifadim. Do intervallo, que se gastava na ida e vinda destes recados, se aproveitava Cogeatar para reforçar de noite a guarniçaõ da Praça, e fazer os mais aprestos, que lhe podiaõ servir para se aproveitar da nossa desuniaõ: manobras, de que Affonso de Albuquerque foi logo avisado pelo Mouro Abrahem, nosso confidente. Este caso novo, como necessitava de novo conselho, obrigou o General a convocar á sua náo todos

Era vulg.

os

Era vulg. os Officiaes, que eſtavaõ na Fortaleza, e na Armada.

Quando os teve juntos, em diſcurſo breve lhes diſſe: O Rei de Ormuz ſe prepara para nos declarar a guerra, confiado mais na noſſa diſcordia, que nas ſuas forças: Vós ſois Portuguezes, os meſmos, que atégora cedeſtes dos voſſos intereſſes particulares para attenderdes aos do commum da Naçaõ; lembrai-vos do juramento de fidelidade, que déſtes ao noſſo Rei, e eſquecei o deſprazer, que vos tem cauſado a aſſiſtencia em Ormuz, e o trabalho deſta Fortaleza. Ouvido eſte diſcurſo, os Capitães mais deſcontentes do Albuquerque, foraõ os primeiros, que ſe lhe uniraõ, e fizeraõ reviver a confiança, que antes tinhaõ nelle. Ceifadim, e Cogeatar inferiraõ deſte conſelho, que os ſeus eſtratagemas eſtavaõ deſcobertos; mas entendendo que elle naõ teria ſido baſtante para congraçar a diſplicencia declarada entre os primeiros Chéfes, com a eſperança de lhes ſer vantajoſa a noſſa deſuniaõ imaginada, elles ſe reſolvem a fazer-nos a guerra deſcoberta.

Sen-

Sendo o designio do Rei obrigar o Albuquerque a fazer-se ao largo, mandou que os canhões da Cidade, e os dos navios ao mesmo tempo descarregassem sobre a Armada hum fogo contínuo. Elle causou no animo intrepido do Albuquerque taõ pouco temor, que entaõ se chegou mais para o porto, aonde Cogeatar mandára recolher os navios, que com huma innundaçaõ de fógos arteficiaes foraõ feitos em cinza. Depois assestou a artelharia contra a Cidade, e a bateo doze dias contínuos; mas tendo este modo de guerra por muito lenta, quiz castigar a audacia, e perjurio dos contrarios com golpe mais sensivel, qual he a fome. Como Ormuz recebia de fóra todos os provimentos, ordenou aos Capitães de quatro náos, que com a maior vigilancia guardassem o mar, lhe fechassem as portas, aprezassem todas as embarcações, e as trouxessem á sua presença, para que Ormuz bloqueada perecesse. Esta foi a occasiaõ, em que o Grande Albuquerque esqueceo a humanidade, e deitou huma nodoa feia

Era vulg.

na

Era vulg. na galla especiosa das suas façanhas passadas, e futuras.

A todos os prisioneiros, que entaõ se fizéraõ, mandou elle cortar huma das mãos, as orelhas, o nariz, e a metade de hum pé. Nesta triste figura os fazia pôr em terra para dizerem a Ceifadim, e a Cogeatar, que aquelle tratamento esperava a todos os que levassem mantimentos a Ormuz, e aos moradores da mesma Cidade, que cahissem nas suas mãos. Hum espectaculo cheio de tanto horror, huma fome já intoleravel, de tal sórte consternou os animos, que em nada mais pensavaõ, que em escogitar os meios de naõ ser participantes de sórte taõ fatal. Grande número de consternados em tumulto rodeiaõ ao seu Rei, e lhe clamaõ faça a paz com os Portuguezes, e que se deixar de o executar assim, naõ se sinta depois, se elles se lançarem a qualquer expediente, que os possa salvar de hum perigo espantoso. O Rei, ouvindo estas vozes sem deixar vêr a pessoa, mandou dizer ao Povo que socegasse; porque as cisternas da Cida-

de,

de, e os poços de Turumbat estavaõ providos de agua, os armazens cheios de mantimentos; que elle lhe assegurava huma subsistencia effectiva, até a chegada da Fróta, que esperava.

Esta promessa acalmou tanto o tumulto, que o Albuquerque se considerou embaraçado com o socego, que por alguns dias via em Ormuz. Tirou-o deste susto hum prisioneiro, que lhe referio o estratagema de Cojeatar, quando os armazens, cisternas, e poços estavaõ quasi vasios, e que para guardar as poucas aguas de Turumbat se havia mandado para este sitio hum reforço consideravel de trópas. Descobertos estes segredos dos inimigos, o Albuquerque destacou a Jorge Barreto, e a Affonso Lopes da Costa para Turumbat com o designio de subprender a guarda, que acháraõ dormindo com o seu Capitaõ Cidehamer, e a passáraõ á espada com o mesmo Capitaõ, que foi morto por D. Antonio de Noronha. Serviraõ os cadaveres para tupir os poços, que era empenho bastante naquella conjuntura; mas o General, des-

Era vulg.

Era vulg. desafiando as difficuldades, os mandou guarnecer por Lourenço da Silva, bravo, e destemido Fidalgo Hespanhol, com vinte soldados, para que os inimigos naõ os alimpassem.

Deo causa este empenho a hum choque terrivel entre todas as forças de Ormuz com o Rei na sua tésta, e Affonso de Albuquerque na frente de 150 Portuguezes. Foi este o maior dos perigos, em que se vio o nosso General por todo o discurso da sua vida, guardado nos seios da Providencia para ainda lhe dar formosos dias. Nós nos vimos obrigados a abandonar o posto com quasi todos os homens feridos, e mórtos unicamente Christovaõ de Figueiredo, pagem do Albuquerque. Este grande Capitaõ foi atacado pelo seu favorecido Raix de la Mixa; mas a balla disparada dos batéis lhe levou huma perna, e cessou de perseguir ao seu bemfeitor. Nenhum dos nossos escaparia desta refrega, se o lugar della naõ fosse perto da praia, que nos facilitou a retirada, e o embarque. Huma vantagem taõ conhecida em nada aliviou

a

a consternaçaõ da faminta, e miseravel Ormuz, que já corria á sediçaõ, nem esfriou o ardor do nosso Chéfe para lhe augmentar o aperto com toda a vigilancia, e industria.

Era vulg

Quando as cousas se achavaõ neste estado, alguns dos nossos Capitães se arrojáraõ a huma torpeza digna de nota eterna. Elles, ainda que famosos na qualidade, e nas obras, transportados do odio, que haviaõ concebido contra o seu Commandante, quando a guerra tinha chegado ao ponto de se concluir com glória; esquecidos da fé, e da nobreza, desampáraõ ao Grande Albuquerque, daõ vélas ao vento, e se *fazem* na volta da India. Foraõ estes desertores Manoel Teles Barreto, Affonso Lopes da Costa, Antonio do Campo, e no seu número entrariaõ Francisco de Tavora, e Joaõ da Nova, se o Chéfe a tempo naõ os prendêra, e provesse em outros os seus cargos, ainda que pouco depois os restituio a elles. O Albuquerque com as forças taõ diminuidas teve de se apartar da vista de Ormuz, colérico, e indi-

a vulg. mo a outra, em que prendeo hum Abexim muito prático nos Dominios do Preste Joaõ, e instruido por elle, enviou os tres Emissarios, que chegáraõ ao Reino da Abassia, entaõ bem governado por Helena, Mãi do Principe David, que estava na sua menoridade. O Abexim veio a Portugal, aonde se fez Christaõ; os Emissarios entregáraõ as Cartas a Helena, e esta Rainha em nome de seu filho mandou por Embaixador a Lisboa hum Armenio chamado Mattheus, para significar a D. Manoel a sua extrema complacencia com as noticias de taõ grande Rei.

Affonso de Albuquerque, que passára o Inverno em Çocotorá, com a chegada dos Capitães Francisco de Tavora, Diogo de Mello, e Martim Coelho reforçada a sua Fróta, determinou naõ ter ociosas as armas. Sempre viva na sua lembrança a injúria, que se lhe fizéra em Calaiate, quando lhe déraõ tonéis de immundicies em lugar de mantimentos, elle se fez á véla para esta Praça. Os moradores, entendendo ser nova Esquadra, que chegava de Por-

tu-

tugal, mandáraõ dous Emiſſarios a in- Era vulg.
formar o Commandante do que ſe tinha paſſado em Ormuz, e ſondar o fundo das ſuas intenções. Elles entráraõ affoutos na Capitania; mas encontrando-ſe com o Albuquerque, perdêraõ a côr, interrompeo-ſe-lhes a falla, elles paſmáraõ. Depois que ſahíraõ do extaſi cauſado pelo temor, ſe lhe lançáraõ aos pés, e diſſéraõ, que havendo entrado na náo como amigos, e que como taes eſtavaõ promptos a ſervillo, ſe lhes déſſe liberdade, implorando a ſua clemencia. O General lha prometteo, ſe lhe diceſſem com verdade o eſtado de Calaiate, e ſe o Governador era o meſmo perfido, que da outra vez lhe fizéra nos mantimentos hum engano, e huma injúria enormes.

Os Deputados informáraõ ao General de tudo com ſinceridade, e de que o Governador era o meſmo. Sem mais demóra elle os deſpede; faz levar as náos para o interior do porto, e embarca a gente nos batéis para inveſtir a Praça. Juſtamente entendeo o Albuquerque, que ſó o eſtrondo da

a vulg. ſua chegada acompanhado da lembrança do terror, que derramára por toda aquella cóſta o anno paſſado, lhe abriría o caminho para andar ſem tropeço. Enganou-o a idéa, por ſer eſta huma das conjunturas, em que o meſmo temor ſabe deſterrar a cobardia. O Governador ſe conſiderava réo de hum crime inexpiavel por meios brandos; e firme no conceito, de que havia manter conſtante a obſtinaçaõ, ſe *reſolveo* a moſtrar a contumacia na *reſiſtencia*. Elle deſceo á praia rodeado de hum corpo numeroſo de trópas, que poſtou com huma Meſquita na reta-guarda para lhes ficar mais difficultóſa a retirada. Em tom de bravo homem ſuſtentou o Governador o primeiro repelaõ dos Portuguezes; mas notando o eſtrago, obſervando a differença, que vai das imagens viſtas ás penſadas da guerra, reſuſcitou o antigo temor, abateo-ſe a contumacia, e o Governador cobarde foi o que primeiro fugio para a Cidade. A maior parte da ſua gente ſe recolheo á Meſquita, entendendo lhe valeria o Sagrado, já que pa-

para a defenſa lhe eſmorecêra o valor.

Era vulg.

Com o meſmo impulſo ganhárao os Portuguezes a Meſquita, degolárao muitos homens, e os que podérao, corrêrao para a Cidade, ſeguindo-lhes os noſſos o alcance. Vinha chegando a noite, e mandou o General tocar a retirada para continuar a victoria com a luz do outro dia, nao ſuccedeſſe ſervirem-lhe as ſombras de tropeço. Como ſe tinha ganhado a Meſquita, nella ſe ampárárao os Portuguezes, plantando córpos de guardas avançadas em todos os contornos, por onde ſe haviao conduzir á expugnaçao de Calaiate. Ao apontar o dia nos avançamos ao ataque; mas achámos a Cidade deſerta, e vimos que os contrarios, ſem lembrança alguma das riquezas, ſó dominados do amor da vida, na meſma noite forao buſcar os boſques para azylo das peſſoas. Oito dias gaſtamos no ſaque da Cidade: tempo, em que Xarafadim, Capitao do Rei de Ormuz, chegava com mil homens de ſoccorro. Suppondo-nos entretidos com os deſpo-

jos,

Era vulg. jos, descuidados pela fugida dos defensores, baixou com elles do monte em huma noite escura com certeza constante de vencer-nos.

Era o Albuquerque Capitaõ mui precatado para ter descuidos. Xarafadim o encontrou taõ prevenido, que depois de perder a maior parte da sua gente, huma mórta, outra prisioneira, teve de buscar o mesmo refugio da montanha, donde descêra. Para *acabar* com Calaiate de hum golpe, o *General* lhe fez pôr o fogo, que a consumio até aos fundamentos; mandou abrazar vinte, e sete náos, e outra vez esquecido da humanidade o Albuquerque, ordenou que a todos os prisioneiros se lhes cortassem várias partes do corpo para ficarem defórmes, deixando na terra em espectaculos taõ horrendos hum testemunho vivo do seu resentimento sobre Calaiate, que tanto o provocára.

CA-

CAPITULO III.

Continua-se com a guerra de Ormuz, e com os successos do Vice-Rei D. Francisco de Almeida na India.

BEM despicado da injúria recebida, o Albuquerque sahio de Calaiate para mostrar o mesmo semblante a Ormuz. Como os motivos do seu sentimento naõ lhe permittiaõ guardar formalidades, apenas chegou ao porto entrou a servir a Cidade com o fogo da artelharia das náos. O Rei Ceifadim temeo a cólera de hum inimigo inexoravel, contra Cogeatar ainda mais inflexivel; e para haver de se deliberar ajuntou conselho, aonde se ponderáraõ as difficuldades de resistir a hum General, que trazia a fortuna ao seu soldo, a huma Naçaõ, que fazia dos perigos instrumentos das victorias. Nesta perplexidade Cogeatar resolveo, que ao Albuquerque se apresentassem Cartas do Vice-Rei *D. Francisco* de Almeida es-

Era vulg.

ra vulg. escritas a Ceifadim, em que desaprovava a guerra de Ormuz, e a declarava emprehendida sem ordem do Rei de Portugal. Estas Cartas póde ser, que tivessem origem nas calúmnias, que os tres Capitães desertores pozéraõ na presença do Vice-Rei, suggeridas pelo seu odio contra o Albuquerque: porém este Chéfe animoso, se á primeira vista sentio perturbaçaõ, elle a depoz; naõ se embaraçou com semelhantes Cartas, e resolveo fazer-se em Ormuz menos tractavel do que antes, por mais estimulado mais feroz.

Rompeo o General pela observancia destas ordens, já porque lhe impediaõ fazer ao Rei, e á Patria hum grande serviço, já porque eraõ huma affronta, que lhe atacava a reputaçaõ, já porque eraõ hum obstaculo aos progressos da grande glória, que elle hia adquirindo, e a reposta a esta deputaçaõ do Rei, e do Regente foi redobrar os ataques. Como tinha poucas embarcações para impedir a entrada dos mantimentos, que era a guerra mais crúa, que podia fazer a Ormuz; passou á ter-

terra firme do Mogaſtaõ para inveſtir Era vulg. o lugar de Nabande, aonde tupio os poços, aprehendeo quantidade de mantimentos, abrazou o lugar: e ſabendo que dous Capitães do Sophi da Perſia vinhaõ com 500 homens eſcoltando huma grande cafila de viveres deſtinados para Ormuz, deo ſobre elles, paſſou-os á eſpada, tomou a preza, e por hum Mouro do meſmo lugar, que ſe moſtrou officioſo, mandou dar novas deſte ſucceſſo a Ceifadim, e a Cogeatar. Do meſmo paſſo enviou Diogo de Mello, e nove homens em hum batel, ſem mais deſignio, que o de tupir huns poços na Ilha de Lara; mas elle querendo-ſe aſſignalar por alguma acçaõ illuſtre, enganado por dous Mouros captivos foi fazer huma invaſaõ entre a Ilha de Queixome, e a terra firme, aonde o rodeáraõ alguns dos 40 navios, que vinhaõ de Julfar com provimentos para Ormuz, e o matáraõ com os nove companheiros.

Vendo o Albuquerque a Ormuz bem provida, notando as ſuas poucas forças para huma guerra aberta, navegou

pa-

vulg. para a India, e chegou a Cananor, onde encontrou ao Vice-Rei D. Francisco, que tendo já ordem para lhe entregar o Governo da India, viera de Cochim a despedir sete náos de carga para o Reino, e preparar a Armada, com que determinava ir atacar em Dio as de Mirhocem, e de Meliqueáz em desagravo da mórte de seu filho D. Lourenço. Ambos os Chéfes se tratáraõ com apparencias de grande amizade, que logo mostrou o tempo ser hum effeito da sua politica. Em huma conferencia, que o Vice-Rei teve só com o Albuquerque, lhe disse: Eu recebi huma Carta del Rei, em que me manda vos entregue o Governo: dentro neste anno naõ o posso fazer por duas razões; a primeira porque a via, que trazia Jorge de Aguiar, em que se me ordena o que eu hei de obrar na India antes de partir para o Reino, ainda naõ he chegada; a segunda porque tenho já prompta a Armada para ir lançar destes mares a do Soldaõ de Babylonia, e naõ devo differir huma expediçaõ de tanta importancia.

Mui-

Muito mal soáraõ nos ouvidos do Albuquerque estas razões. Elle lhe respondeo prompto: Que a sua força naõ era bastante, nada tinhaõ de sólido para resistir ás ordens positivas da Corte, nem ellas o desculpariaõ na face do Rei: Que a vantagem de obedecer elle a devia preferir á glória de haver principiado a reduzir os inimigos, e elevalla a todas as outras considerações de honra, e de interesses, que lhe podiaõ ser particulares: Que em quanto á jornada de Dio contra Mirhocem, e Meliqueáz, elle se offerecia a fazella com hum successo, que sería igual ao que meditava o seu valor; porque marcharía sobre os vestigios, que este lhe deixava impressos, sem se apartar hum ponto das instrucções, que elle lhe désse, com tanto que o provesse dos meios para as seguir, e as executar. Em vulg.

Naõ conveio o Vice-Rei na proposta do Albuquerque, ambiciosos ambos, contumazes em ceder da glória, que esperavaõ em hum honrado feito; e a differença de sentimentos nos dous Chéfes causou huma rotura, que pode-

dera ſer fatal, no eſpirito de uniaõ dos ſeus Officiaes. Todos os que tinhaõ militado com o Vice-Rei tomáraõ o ſeu partido: os que haviaõ ſervido com o Albuquerque, ſe declaráraõ por elle; mas eſta diviſaõ naõ podia produzir effeito na face de dous Generaes incapazes de atropelar os intereſſes da Patria para deixarem correr as paixões particulares por cima dos ſeus deſtroços. Preparava-ſe a Armada, e quando eſteve prompta, o Albuquerque em vez de ſe oppôr, ſe mandou offerecer ao Vice-Rei para o acompanhar, e ſervir ás ſuas ordens. A occaſiaõ era muito critica para huma alma tamanha, como a de D. Franciſco de Almeida, conſentir nella hum concurrente, e igual, de eſpirito taõ grande como Affonſo de Albuquerque. Elle lhe agradeceo o zelo; mas inſtando-o para ficar em Cananor, ou ſe recolher a Cochim, para onde partio logo, liſonjeando-ſe com as eſperanças, de que a Corte daria a juſtiça a quem a tiveſſe.

Deſpedidas as náos de carga para o Reino, e Affonſo de Albuquerquer para Co-

Cochim, o Vice-Rei ſahio de Cananor Era vulg
com huma Armada de dezanove vélas
bem eſquipadas, em que além da gente de ſerviço, embarcáraõ 1ↀ300 Portuguezes, e 400 Malabares de Cochim.
Chegado a Onor, o noſſo confederado Timoja o viſitou com hum rico
preſente, e deo a noticia, de que no
rio a cima eſtavaõ muitos paráos de
Calecut. O Vice-Rei ordenou a Payo
de Souſa, e a Simaõ Martins, que os
foſſem queimar, como fizeraõ, naõ
ſem effuzaõ de ſangue de ambas as partes. De Onor foi a Armada tomar agua
a Angediva, donde navegou para Dabul, Cidade do Reino de Decaõ pertencente ao Çabayo, hum dos Alliados de Calecut, e de Mirhocem. Payo
de Souſa teve ordem de ir obſervar o
que ſe paſſava em Dabul, com prohibiçaõ de ſahir do batel para ſaltar em
terra; mas elle, naõ ſó o fez pelo contrario, ſenaõ que conſentio as injúrias,
com que os ſeus ſoldados inſultáraõ aos
moradores. Os agravados convocáraõ
o Povo, que lançando-ſe ſobre os noſſos, matou a Payo de Souſa, e os mais

com

ra vulg. postas. Foi crescendo o estrago com o ardor da peleija; o Governador perdendo a corage á vista de tantos mórtos, e por naõ entrar no seu número, foi o primeiro, que buscou a salvaçaõ na fugida.

As trópas, que naõ tinhaõ obrigaçaõ de ser mais valentes, que o seu Capitaõ, seguiraõ-lhe o exemplo; mas os nossos de envolta com elles entráraõ na Cidade, aonde a crueldade passou além do espantoso. A nada perdoou o primeiro furor: homens, e mulheres, entrando a do Governador, grandes, e pequenos, culpados, e innocentes, tudo foi passado aos fios da espada, sem se dar quartel a algum vivente. Dos braços das Mãis se arrancavaõ os filhos, que eraõ esmagados contra as paredes; ellas depois atraveçadas pelo ferro. Na mesma marcha, com que ganhamos a Cidade, nos fizemos senhores do Castello; e porque em ambas as partes o cabedal era immenso, acabou a carnage, e começou o saqueio. Como declinava o dia, para que naõ succedesse que a desordem perturbasse

o gosto de taõ completa victoria, o acautelado Vice-Rei mandou tocar a recolher; mas os soldados attrahidos da cobiça, que no meio de tantas riquezas podia despertar a dos Diogenes, e Catões, naõ fizéraõ caso do estrondo das caixas, nem do som das trombetas, e se engolfáraõ no saque.

Esta falta de obediencia constrangeo o Vice-Rei a mandar pôr o fogo aos principaes quarteis da Cidade para forçar as trópas a buscar as suas bandeiras: incendio, que a reduzio a cinzas, e tirou a vida a grande número de pessoas escondidas pelas casas. O mesmo fim tiveraõ as muitas náos de inimigos, que estavaõ no porto; sendo tal o desprezo do sangue, e da fazenda para só se dar lugar ao furor, e á cólera, que dalli em diante entendêraõ os Barbaros do Oriente, que a praga mais fulminante, e horrenda, que elles podiaõ pedir aos seus inimigos, era dizer-lhes: *A ira dos Frangues venha sobre ti, como veio sobre Dabul.*

Nesta grande acçaõ tivemos deza-

ra vulg. fete mórtos, e 200 feridos. Dos contrarios perecêraõ mais de quatro mil além da gente do Povo; e porque o resto se salvou na montanha, aqui a foi perseguir o Vice-Rei, naõ só para avançar a mortandade, mas para fazer arder os fórtes Castellos, e agradaveis quintas dos contornos de Dabul. Como já naõ havia que destruir, nos embarcamos, e antes de sahir do porto o Vice-Rei recebeo hum Emissario de Meliqueáz com cartas redundando officiosidades respectivas ao resgate de alguns Portuguezes, que fizera prisioneiros na occasiaõ de Chaul; comprometendo-se ás que elles lhe escreviaõ; assim no que tocava á facilidade do resgate em quanto os tivesse em seu poder, como pelo que pertencia á humanidade, com que elle os tratava no abatimento da sua sórte: tudo politica fina, com que Meliqueáz pretendia menos adoçar o espirito do Vice-Rei, que procurar meios para se instruir nos seus designios. O Vice-Rei, que assim o pensou, respondeo ás cartas, naõ pelas cartas, nem pelo seu author;

mas

mas pela materia dellas, e pela sua mesma dignidade. Era vulg.

Com este successo de Dabul damos fim aos do anno de 1508, e principiamos os do seguinte 1509 representando ao Vice-Rei D. Francisco soltando as vélas daquelle porto a cinco de Janeiro em demanda das Armadas de Babylonia, de Cambaya, e de Calecut unidas no porto de Dio. Elle foi correndo ao longo da cósta; recolhendo os tributos, que se deviaõ ao seu Rei; dando de si huma vista guerreira, e temerosa, até chegar ao rio Maim, aonde entrou para fazer provimentos, e admirar a fabula dos cem mil sepulchros dentro de huma Mesquita, que lhe disséraõ os naturaes serem de Hercules, e dos seus soldados mórtos, e vencidos naquella Regiaõ por hum dos Principes potentissimos da India nas idades mais remotas, que para conservar a memoria da sua façanha por todos os seculos futuros, mandára consagrar á Religiaõ aquelle monumento eterno. Daqui navegou o Vice-Rei para o porto de Dio, aonde já vamos 1509

vello empenhado em huma das batalhas mais bem disputadas, que as armas Portuguezas dérao na Asia.

CAPITULO IV.

Da grande batalha naval, que o Vice-Rei D. Francisco de Almeida ganhou sobre as Frótas colligadas do Egypto, de Cambaya, e de Calecut.

A voz vaga, que corria, do estrago de Dabul, do empenho com que o Vice-Rei da India vinha sobre Dio para tomar de Mirhocem, e de Meliqueáz vingança inexoravel pela mórte de seu filho D. Lourenço, obrigou os dous Generaes a consultarem, se o haviaõ esperar dentro, ou fóra do porto. Meliqueáz foi de parecer, que os inimigos se esperassem dentro; porque commettendo elles a sua vulgar temeridade de saltar em terra, as náos, e as trópas ficavaõ expóstas a soffrer todo o fógo da sua Armada, das batarias plantadas na ribeira, e dos canhões das mu-

talhas. Prevaleceo porém o voto façanhoso de Mirhocem, que para fazer ostentaçaõ do seu valor, ou do nosso desprezo, se sustentou firme, em que se désse o combate no alto mar. Apenas appareceo a nossa Armada, a dos tres colligados composta demais de cem vélas, sahio do porto; mas naõ em tanta distancia, que se naõ servisse de hum banco de arêa para lhe facilitar a retirada, nem se apartasse do soccorro, que esperava receber da artelharia da Praça. Guarneciaõ a Armada inimiga 800 Mamelucos, várias gentes das nações ferozes da Asia, grande número de trópas de Calecut, e Cambaya, e naõ poucos Christãos de Esclavonia, e de Veneza, que preferíraõ o amor de huma ganancia vil ao zelo, que deviaõ ter pela sua Religiaõ Santa, e queriaõ combater temerarios.

Em vulg

Já promptos para o avance, os Generaes inimigos animáraõ os seus soldados com o espirito destas palavras: Lembrai-vos, valerosos Musulmãos, do odio, que justamente tendes concebido contra os Christãos, inimigos im-

pla-

Era vulg. placaveis do vosso Alcoraõ adoravel. Ahi os tendes á vista : se elles com forças infinitamente desiguaes agora nos vencem , quem naõ os confessará dignos de huma memoria eterna ? Se ficarem vencidos , todas as idades os teráõ por huns loucos temerarios , merecedores de eterno desprezo , e affronta : desta batalha depende a segurança da India , a conservaçaõ , a liberdade dos vossos paizanos , o credito , o respeito da vossa Religiaõ. Vêde que obrigações taõ santas tendes , que cumprir , todas dependentes do valor , com que peleijares para glória immensa do vosso Profeta , para honra immortal da vossa posteridade.

Ao mesmo tempo o bravo Vice-Rei com huma presença taõ firme , que parecia estar mostrando no semblante as certezas da victoria , que no animo concebêra , chamando todos os Officiaes á sua náo , lhes fallou assim : Nós somos chegados á occasiaõ , em que o Nome de Jesus Christo ou geralmente seja conhecido , ou totalmente se esqueça na India : grande número

ro

ro dos adverſarios deſte Nome Santiſ- Era vulg.
ſimo nos rodeia: elles nada valem, ſe
nós com Fé viva o invocarmos: ſe
affrouxarmos neſta Fé, que ſendo ti-
bia faz eſmorecer o valor, nós ſere-
mos vencidos; elles por toda a Aſia
cahiráõ ſobre o Chriſtáos vagos, e eſ-
palhados pelas ſuas Regiões, e fazen-
do-os victimas do ſeu furor, acabaráõ
os cultos do Chriſtianiſmo neſta parte
do mundo. Eſtes motivos ſublimes de-
vem trazer-vos á memoria os deveres
dos Varões pios, e fórtes, que ou ven-
cem, ou morrem. Permittí-me, que
entre aquelles motivos ſantos vos re-
freſque a lembrança com huma cauſa
humana, qual he a mórte de meu fi-
lho, que vós tanto amaſtes, para que
appliqueis á ſua vingança alguma parte
do voſſo esforço, com que o acompa-
nhaſtes na vida.

Recolhidos os Officiaes ás ſuas reſ-
pectivas náos, ſe ſoltáraõ as vélas, e
emproamos aos inimigos. O Vice-Rei
quiz aproveitar o vento eſperando a
maré; mas elle ſe mudou, obrigan-
do-o a calar a véla para naõ varar no
ban-

banco, que o ſeparava dos contrarios. Sendo pouca a diſtancia entre huns, e outros, ſe ſerviraõ do fogo dos canhões todo o reſto do dia, o que tambem fizéraõ os da Praça, e 40, que eſtavaõ montados no fórte do mar. O Vice-Rei tinha deliberado ſer elle o que rompeſſe a batalha, abordando logo a Capitania de Mirhocem. Os Officiaes lhe naõ conſentíraõ eſte deſignio, em que arriſcava muito; porque ſe ſuccedeſſe perder-ſe em hum lance todo de contingencias, eſta deſgraça era baſtante para huns ſoldados taõ officioſos á ſua peſſoa, como obedientes ás ſuas ordens, perderem a coragem, e conſiderar-ſe deſtroçados antes de batidos. Cedeo da ſua reſoluçaõ o Vice-Rei, e ſe offereceo eſta honra a Nuno Vaz Pereira, com ordem de levar diante a Diogo Pires na ſua galé para ir ſondando o mar, naõ ſuccedeſſe encalhar a náo.

Toda a manhã do dia ſeguinte ſe gaſtou em diſpoſições; e Mirhocem vendo as noſſas, mudou a reſoluçaõ, que tomára no Conſelho de nos vir ata-

àtacar além do banco para receber soccorros da terra, e se servir da vantagem do seu fogo. Com este designio deo ordem para se avançarem as maiores náos encadeadas cada duas para cobrirem a testa da Armada. Nos lados della postou as galéz, e embarcações ligeiras para darem repelões por intervallos sobre as nossas conforme a necessidade o pedisse. As fustas de Cambaya andavaõ em bórdos contínuos do mar para a terra, assim para sustentarem os nossos primeiros impulsos, como para darem soccorro ás suas náos, que vissem mais atacadas. O Vice-Rei fez signal á Armada para se levar, indo na vá-guarda Nuno Vaz Pereira seguido de Jorge de Mello, e sobre este primeiro movimento dos Portuguezes mandou Meliqueáz descarregar toda a artelharia da Praça, e das batarias. Viéraõ em fim ás mãos huns contra outros inimigos, e começou a batalha, em que o ruido das trombetas, o estrondo dos tambores, os gritos, que se levantáraõ em ambas as Armadas, augmentavaõ o ardor, e a corage dos soldados.

Era vulg.

Os

vulg. Os primeiros que ensanguentáraõ o combate, foraõ déz marinheiros da náo de Nuno Vaz, que caçando huma escota no convéz, veio huma balla perdida, que a todos levou as cabeças. Nem este espectaculo triste, nem a resistencia feróz dos inimigos serviraõ de embaraço ao valente Capitaõ para se ferrar com Mirhocem. Este o queria atracar no meio com outra náo ao lado; mas o déstro Pereira mandando desparar sobre ella hum grosso canhaõ ao lume da agua, a passou por ambos os costados, mettendo-a logo a pique. Celebrado com hum viva este presagio da victoria, o Pereira, e os seus soldados se lançáraõ de tropel no castello de prôa da náo de Mirhocem, e a troco da vida de Henrique Machado, leváraõ os Mamelucos ás cutiladas até ao convéz. Neste aperto, Mirhocem fez signal a hum navio para bater o de Nuno Vaz pela poppa, em quanto elle o atacava pelo flanco, e pela frente; mas o Capitaõ prevenido, que no maior calor da acçaõ naõ deixava de observar as manobras do inimigo, vol-

voltou á ſua náo, e com as peças de guarda-leme fez tal fogo, que a inimiga em breve tempo foi ao fundo.

Era vulg

Na fadiga deſta refrega, o Pereira para tomar a reſpiraçaõ, levantou o barbote, que trazia ſobre o gorjal, a tempo que vinha huma ſéta, que o ferio na garganta mortalmente, e acabou tres dias depois. A perda do Capitaõ converteo em raiva o valor dos ſoldados para vingarem a ſua mórte no ſangue dos Barbaros. Em lugar do Pereira entrou Franciſco de Tavora com parte da ſua gente na náo de Mirhocem, aonde os Portuguezes ſe houvéraõ com tal intrepidez, que a maior parte dos defenſores ficou logo mórta, os poucos vivos ſe lançáraõ ao mar, e Mirhocem pode eſcapar em huma lancha, que o levou a terra, donde logo partio para Cambaya, temeroſo de que Meliqueaz pelo preço da ſua entrega quizeſſe comprar a paz com os Portuguezes.

Em quanto rendemos a Capitania, os outros Chéfes da noſſa Armada naõ eſtavaõocioſos. Pedro Barreto ferrou

ou-

1 vulg. outra grande náo de Mirhocem, e a tomou. Antonio do Campo fez o mesmo a hum dos seus maiores galeões; e Jorge de Mello Pereira, que tinha o favor do vento sobre os navios de Cambaya, lançou-se a elles, e os metteo no fundo. Pedro Caõ, sem ferrar outro dos do Egypto, se botou dentro com trinta soldados, ficando todos em grande perigo, que se fez maior, quando Pedro Caõ mettendo a cabeça pela escotilha para vêr os inimigos, hum Mameluco lha tirou dos hombros com hum golpe de espada. Os trinta soldados ficáraõ sustentando hum combate de desesperaçaõ para venderem cáras as vidas; mas sendo soccorridos a tempo, rendêraõ a náo, e toda a sua equipagem. Todos os mais Capitães aprisionáraõ, mettêraõ a pique várias embarcações, degoláraõ, e fizéraõ que se arrojassem ao mar muitos inimigos: taõ igual o valor em todas as partes, que em alguma deixava de ser instrumento effectivo de taõ gloriosa victoria.

O Vice-Rei fulminava os inimigos para todos os lados com hum fogo horren-

rendo da sua náo, e elle acabou de os dissipar. Meliqueaz, que tinha a desfeita por inevitavel, senaõ impedisse a fugida dos que buscavaõ a terra, saltou nella, e ajuntando a força á authoridade, com a espada na maõ matava, feria, atropelava os soldados, que recusavaõ obedecer-lhe. Deste modo os miseraveis consternados, que cahiaõ em maior perigo, que aquelle que vinhaõ de evitar, tornavaõ a lançar-se ás armas para se bater até espirar; mas como o valor forçado naõ he corage, elle lhe durou pouco, porque a derrota logo foi geral. Os paráos de Calecut foraõ os primeiros, que abríraõ o caminho á retirada, fazendo-se ao mar, muito satisfeita a sua gente com ir publicando por toda a cósta, que a Fróta do Vice-Rei ficava derrotada. As náos de Meliqueáz, e as galéz de Mirhocem buscáraõ a embocadura do porto; mas seguidas pelo bravo Ruy Soares na sua caravella, que demandava menos fundo, se metteo entre duas das galéz; lançou-lhes os arpéos, combateo-as, ganhou-as, e trazendo-as a rebo-

Era vulg.

boque pela sua poppa, veio offerecer ao Vice-Rei este rico, e honrado presente.

Nós viamos aos nossos contrarios desesperados de quartel, andarem fluctuando sobre as ondas, que esperavaõ mais propicias que o nosso furor; mas nem este refugio lhes consentia a gente dos nossos bateis, que os atravessavaõ sem piedade. Nós viamos, que de taõ formidavel Fróta já naõ restava na nossa presença senaõ huma náo de Meliqueáz, e naõ soffria a nossa impaciencia, que ella se sustentasse sobre o mar depois da derrota das suas companheiras. Esta náo estava defendida por muita gente, e artelharia: era coberta em cima de couros crús, de sórte que naõ se lhe podia entrar senaõ pelas portinholas: cingiaõ-lhe o costado muitas cintas de ferro, que cospiaõ as ballas, e abordando-a os nossos muitas vezes, naõ lhes foi possivel entralla. O Vice-Rei mandou suspender a abordagem, e ordenou se fizesse sobre ella fogo contínuo até a metterem no fundo, como o veio a conseguir Garcia de Sousa-

ſa com hum golpe de balla ao lume da agua, que a ſubmergio. A tripulaçaõ que ſe quiz ſalvar nadando, foi degolada pela guarniçaõ dos batéis.

Era vulg

Com eſta acçaõ ſe concluio a batalha, que durou do meio dia até noite, e fez tremer todos os mares, e pórtos de Cambaya, ſem mais perda da noſſa parte, que a de 300 feridos, e a de 32 mórtos, naõ faltando da Nobreza mais que Nuno Vaz Pereira, Ruy de Novaes, Pedro Caõ, Fernaõ Soares, Henrique Machado, e dous filhos de Manoel Peçanha. Dos inimigos morrêraõ quaſi quatro mil, entrando neſte número os 800 Mamelucos, de que ſó eſcapáraõ vinte e dous; muitos ſe affogáraõ; Meliqueaz degolou alguns deſobedientes, e em breve tempo deſappareceo da preſença dos Portuguezes aquella multidaõ de homens, e navios congregados de tantas partes para a ſua ruina. Muitos paráos de Calecut, e fuſtas de Cambaya foraõ mettidas a pique, ſeguindo-as neſte deſtino duas grandes náos de Mirhocem, e a famoſa de Meliqueaz, em que acabei de fallar.

pa: próva evidente, de que na Armada do Soldaõ vinhaõ individuos das mesmas respectivas Nações, que todas eraõ Catholicas Romanas, servindo os seus filhos a favor dos Barbaros em huma guerra mais de Religiaõ, que do Estado. Era vulg.

Ainda que os contrarios por abatidos pouco susto podiaõ causar ao Vice-Rei, elle naõ quiz passar a noite dentro do porto de Dio, e fez levar as náos da outra parte do banco. Meliqueaz entendeo na retirada por hum estratagema para no dia seguinte o Vice-Rei continuar a guerra, ainda naõ satisfeito da injúria da mórte do filho com haver tirado tantas vidas. Ou fosse este receio, ou elle quizesse ter por amigos a huns homens, que a experiencia lhe acabava de mostrar serem singulares no valor, na manhã seguinte escreveo ao Vice-Rei huma longa carta de elogios, que rematava em propostas de paz, e lhe mandou por Cidialle, Mouro de Granada, que o conhecia do tempo em que servio a Fernando o Catholico na conquista daquel-

vulg. as duas da Armada do Soldaõ, que apri-
zára, para as levar com mantimentos
a Cochim; e elle foi navegando toda
a cósta de Dio até esta Cidade, fazen-
do tributarios aos Principes, e Regu-
los daquelles continentes; porque for-
midavel na India pela passada victoria,
bastava o estrondo da sua reputaçaõ pa-
ra fazer inclinar os Sceptros, e abater
as Coroas.

Della taõ bem estabelecida *abusou* o
Vice-Rei, quando chegou a Cananor
arrojando-se a hum impeto barbaro de
vingança, que lhe desfigurou a especio-
sidade. Elle fez hum recreio do espe-
ctaculo triste, com que os infelices vas-
sallos do Soldaõ seus prisioneiros, que
pelo direito da guerra, naõ só domi-
nava captivos, mas estavaõ debaixo
da sua protecçaõ esperando o resgate;
huns fossem enforcados, outros póstos
nas boccas dos canhões, a que se dava
fogo, para os vêr voar em pedaços pe-
los ares. Nós veremos logo ao grande
D. Francisco de Almeida na Aguada
de Saldanha pagar com a vida ás mãos
de Cafres vís esta atrocidade, que aca-
bou

boõ demoſtrar, que elle buſcava a vingança nas victorias. Como a voz commua reprehendia ſemelhante inhumanidade, o Vice-Rei tomou o expediente de ſe retirar de Cananor para Cochim, aonde foi recebido pelo ſeu Rei com os applauſos, que mereciaõ as ſuas ultimas expedições.

Era vulg.

CAPITULO V.

Diſcordia entre o Vice-Rei, e Affonſo de Albuquerque com os mais ſucceſſos até á mórte do meſmo Vice-Rei.

A CHEGADA do Vice-Rei a Cochim poz logo em movimento o eſpirito revoltoſo de alguns homens perdidos para fazerem renaſcer entre elle, e Affonſo de Albuquerque as diſcordias começadas. Nós bem ſabemos, que a emulaçaõ, o ciume deſtes dous Chéfes, ſe os fizéraõ inimigos declarados, ſem romperem hum contra outro em acções, ou palavras, que indicaſſem o rancor; os ſeus partidarios trabalháraõ quanto

po-

Era vulg. podérañ, para que os impulsos do odio rompessem as medidas da moderaçaõ. Nos conventiculos, e assembléas mais públicas discorriaõ os da facçaõ do Vice-Rei contra o Albuquerque, e affirmavaõ: Que elle pela sua temeridade, pela sua glória vã, pelo genio transportado, era incapaz de manejar na India a importancia dos nossos negocios: Que para próva desta verdade nada mais se necessitava, que olhar para a guerra de Ormuz, aonde sem ordem do Rei, por hum esforço da insania, elle emprehendêra audacias capazes de derrotar a reputaçaõ do Rei, o crédito das armas, a glória dos Portuguezes, com perda da vida de todos os homens, que lhe estavaõ encarregados: Que Deos, porque quiz, fizéra prosperas as tentativas do desacordo vaõ, e arrojado de hum militar sem outro discernimento, que o de se lançar aos casos sem os prevenir. A estas razões geraes se ajuntavaõ outras affrontas, e dicterios, que sobre amolgarem a reputaçaõ de hum Herói, os seus authores os entendiaõ activos para lhe fecharem o caminho ao Vice-Reinado.

Pe-

Pelo contrario os do partido de Affonso de Albuquerque diziaõ: Que o Vice-Rei empenhava todo o resto ao lanço de huma fortuna, ou de huma vingança, como se acabava de vêr na batalha de Dio, em que expozéra todas as forças da India com risco de a perder entre partidos taõ desiguaes, sem causa alguma mais que o despique da mórte do filho, e a vaidade de render as armas do Soldaõ: Que estas considerações bastavaõ para elle, naõ só desmerecer os applausos, que de todas as partes se lhe rendiaõ; mas lhe abaterem o crédito entre as gentes, que nos lances da honra sabem conhecer as delicadezas, de que resultaõ louvor, ou vituperio.

Era vulg.

Como a publicidade de semelhantes calúmnias, contra dous homens tamanhos, naõ podia deixar de chegar aos seus ouvidos, sendo ambos incapazes de as soffrerem, entrou a fazer a immoderaçaõ os seus officios. Rompeo o Albuquerque atacando ao Vice-Rei, para que sem demóra lhe entregasse o Governo, como El-Rei manda-

Ida vulg.

dava: o Vice-Rei o entreteve com a
eſperança, de que o faria a ſeu tempo,
mas uſando da força, e para evitar o
tumulto, ſe apoderou do ſeu Competidor,
e o mandou para a Fortaleza de
Cananor, aonde eſteve até a vinda do
Marechal D. Fernando Coutinho, ordenando que todos o trataſſem com as
honras devidas á ſua peſſoa. Eſte Fidalgo, de quem já vamos a fallar,
foi o medianeiro da paz entre os dous
concurrentes, e logo depois do ajuſte
Affonſo de Albuquerque tomou poſſe
manſa, e pacifica do Governo. D.
Franciſco de Almeida partio para o
Reino, aonde teria os premios devidos aos ſeus altos merecimentos, ſe
naõ encontrára na jornada o fim tragico, que diremos.

El-Rei D. Manoel receoſo, de que
as ameaças, que fizéra Campſon, Soldaõ do Egypto em Roma, produziriaõ
o ſeu effeito na India, determinou conſervar nella com mais vigor a reputaçaõ das armas Portuguezas. Com eſte
deſignio, deſtinado eſpecialmente á
ruina da Cidade de Calecut, fez apreſ-

tar

tar huma Armada de quinze náos, de que nomeou por Commandante ao Marechal D. Fernando Coutinho, hum dos Capitáes distinctos do seu tempo. Embarcáraõ na Armada mais de mil e seiscentos homens, sendo os Capitáes das náos pessoas taõ illustres como Pedro Affonso de Aguiar, Francisco de Sá, Sebastiaõ de Sousa Delvas, Leonel Coutinho, Francisco de Sousa Mancias, Ruy Freire, Gomes Freire, Jorge da Cunha, Francisco Corvinel, Rodrigo Rebello de Castello-Branco, Francisco Marecos, Braz Teixeira, Alvaro Fernandes, e Jorge Lopes Bixorda, que todos com felicidade ferráraõ o porto de Cananor em Outubro deste anno. Affonso de Albuquerque, parente, e amigo do Marechal, teve com a sua vinda naõ vulgar complacencia: com elle se embarcou, e chegáraõ a Cochim, aonde se fizéraõ as pazes com o Vice-Rei, que com as devidas formalidades lhe entregou o Governo da India, e partio para o Reino.

Era vulg.

O Marechal, e o novo Governador im-

Era vulg. immediatamente se dispozéraõ para a guerra de Calecut, dando della parte ao Rei de Cochim, e assentando todos o muito que era preciso saber-se o estado da sua Capital, que havia de ser investida. Para esta informaçaõ lembrou mandar vir com cautéla de Calecut a Cochim ao nosso amigo fiel o Mouro Cogebique, que obedeceo com promptidaõ ao aviso dos nossos Generaes. Elle lhes fez saber, que o Rei de Calecut andava entranhado no Paiz em guerra viva com hum dos Principes seus visinhos; mas que antes de partir deixára guarniçaõ numerosa na Corte, bem provida de munições, e mantimentos. Naõ embaraçou este aviso a resoluçaõ primeira. Com toda a actividade se preparava a Armada, quando chegou a Cochim Vasco da Silveira com cartas de Duarte de Lemos para Affonso de Albuquerque, em que lhe pedia náos, e gente para reforçar a Fróta, com que cruzava nos mares da Arabia. Como este soccorro naõ se podia pôr prompto antes da expediçaõ de Calecut, Vasco da Silveira, que pa-

para elle o chamavaõ os fados, se offereceo ao Marechal para o acompanhar. Em vulg.

Appareceo sobre Calecut a nossa Armada com mais de dous mil Portuguezes, e seiscentos Malabares de Cochim, que mandava o Rei de Porcá. Antes de desembarcarem, disse o Marechal a Affonso de Albuquerque: Que na acçaõ lhe havia ceder a vã-guarda; porque como elle ficava na India entre gentes ferozes, que lhe dariaõ muitas occasiões de ganhar honra, e a sua vindagem só a esta empreza de Calecut, a qual acabada tinha de voltar logo para o Reino, pedia naõ lhe disputasse aquelle lugar, nem da maõ lhe arrancasse huma palma, quando nas suas tinha tantas. Conveio o Albuquerque na proposta; mas com violencia, como quem conhecia no caracter do Marechal, que elle hia arrojar-se ao precipicio, que mostrou o successo. Na vã-guarda dos batéis com a gente para o desembarque, hiaõ os do Marechal, e os do Albuquerque, que sendo sentidos, naõ obstante o escuro da noite,

en-

a vulg. entrárañ a soffrer hum diluvio de fo-
go.

Como o perigo era evidente, Af-
fonso de Albuquerque aconselhou ao
Marechal, que os batéis se dividissem
para serem os tiros vagos, e mais fa-
cil a cada hum tomar a terra. Apro-
veitou esta industria para elle ser o
primeiro em a pizar com tanta firme-
za, que os defensores das trincheiras
mais fórtes naõ podendo soffrer-lhe os
golpes, depois de huma perda igual á
resistencia, se pozéraõ em fugida. A
este tempo chegava o Marechal, que
com modos menos decentes ao decó-
ro se queixava do Albuquerque. Quiz
este satisfazello; mas naõ admittindo as
desculpas, disse ao lingua o célebre
Gaspar da Gama, que o guiasse para o
Palacio do Rei; porque queria encon-
trar homens com quem peleijar, naõ
sendo os desbaratados por outro obje-
cto dignos para o seu valor. Elle rom-
peo a marcha colérico na tésta de 800
homens: Affonso de Albuquerque, cer-
to do perigo, deixando 300 de guarda
dos batéis, e para recolherem a arte-
lha-

lharia das trincheiras rendidas a cargo de seu sobrinho D. Antonio de Noronha, de Manoel de la Cerda, de Simaõ de Andrade, e de Rodrigo Rebelo; o seguio com os 600 Malabares de Cochim.

Os Naires, que estavaõ no Palacio de guarda ás enormes riquezas do seu Rei; nome, que elles adoravaõ por santo; e animados pelo Regedor da Cidade; fizéraõ huma defensa toda de bizarria. Depois do primeiro impeto, tanto os atemorisou a constancia, com que os Portuguezes renovavaõ os ataques favorecidos do fogo de duas peças de campanha, que o Marechal levava na sua frente; que por pórtas occultas aos nossos fugíraõ para a montanha, aonde escapáraõ ao estrago, deixando a Cidade, o Paço, e as suas riquezas em poder dos vencedores. Grande era esta vantagem na India para as nossas armas, se naõ a botára a perder hum Capitaõ mais valente, que considerado. Entregáraõ-se as trópas á pilhagem de tantas preciosidades, como eraõ as de Calecut, huma das Cortes mais

opu-

opulentas, e magnificas do Oriente: O Marechal lho consentio depostas as armas para as transportarem para as náos; taõ cheio de vaidade, que presumia era bastante o terror, que o seu nome causára nos Barbaros para elles perderem todos os officios de homens.

Manoel Peçanha, sábio, velho, valente, e experimentado Capitaõ; naõ podendo soffrer esta ignorancia militar em hum Chéfe, advertio ao Marechal, que a retirada dos Barbaros era menos huma fugida, que huma occasiaõ de ajuntarem as forças dispersas para tornarem á peleija: reflexaõ prudente, que o obrigava a mandar recolher a gente, tella em fórma sobre as armas, nem elle se demorar no Palacio mais de huma hora, sem fazer caso de despojos, nem riquezas, por ser hum lugar de muitos perigos, meia legua distante da praia, aonde estavaõ os batéis: Que sem demóra mandasse tocar a retirada, postasse córpos de guarda nas pórtas do Palacio, e que em quanto elle naõ ardia, se entrincheirasse para esperar os inimigos, ou

an-

antes: se fosse recolhendo para a praia. Cheio de confiança lhe respondeo o Marechal: Que elle agora he que conhecia a fraqueza dos Mouros da Indía, e a covardia dos Nayres de Calecut: Que queria descançar hum pouco do trabalho no Palacio, e que em lhe parecendo tempo mandaria ajuntar a gente.

Em quanto elle se aproveitava dos interesses da victoria, e o fogo por outra parte produzia os seus effeitos, chegava Affonso de Albuquerque, que sendo logo atacado pelos inimigos recobrados do primeiro susto, e vendo que do monte vinha descendo em demanda do Palacio huma numerosa multidaõ delles; sem passar adiante avisou ao Marechal o que succedia; como elle já andava ás mãos com os inimigos; como o terreno para a praia era muito cortado, e a retirada se havia fazer com huma pequena frente; que sem perda de instantes se retirasse, porque todos estavaõ no perigo de serem mortos. O inconsiderado Coutinho fez responder ao Albuquerque, que

o embarque. Nós tivemos nesta infeliz jornada 300 feridos, e 78 mórtos, a maior parte Fidalgos, e Cavalleiros de conhecido valor. Os inimigos perdêraõ mais de 2000 homens, vinte náos de Meca, a que pozemos fogo no principio do avance. Chegáraõ os Portuguezes já de noite a bórdo das náos, e na manhã seguinte se fizeraõ á véla para Cochim, aonde Affonso de Albuquerque esteve em grande perigo de vida por causa das passadas feridas. O seu espirito, incançavel, ainda mal convalecido, o fez applicar ao restabelecimento da disciplina militar, e á expediçaõ das náos para o Reino, de que eraõ Capitães Gomes Freire de Andrade, Sebastiaõ de Sousa, e Francisco de Sá.

Á desgraça do Marechal D. Fernando Coutinho succedida em Calecut se seguio a do Vice-Rei D. Francisco de Almeida na Aguada de Saldanha, pouco depois sabida na India. Naquella paragem proveo elle as náos de agua, e estando prestes para montar o Cabo, succedeo que alguns homens fossem á terra comprar gados aos Cafres, que en-

dados, que marchavaõ rodeados de gra outra femelhante, naõ quizeraõ obedecer ás vozes do Capitaõ, e se contentavaõ com receber a gente do Marechal, que vinha fugindo. Hum golpe de espada levou huma perna deste Chéfe, que com o joelho em terra vendeo a vida a troco de alheio sangue. A sua morte sería mais sentida, se elle por indiscreto naõ causasse as de Manoel Peçanha, que já na India perdêra quatro filhos no serviço do Rei, de Ruy Freire, de Francisco de Miranda Chichorro, de outros Fidalgos, e ultimamente de Vasco da Sylveira, que vindo por entre huns vallos a soccorrello, matou tres Nayres, que o investíraõ, atropellou outros, até que aberto em feridas acabou a vida.

Já perto da praia recebeo o Albuquerque o golpe da pedra, que faria completo o nosso destroço, se Diogo Fernandes de Béja naõ o levára em braços, e naõ acodíraõ D. Antonio de Noronha, e Rodrigo Rebêllo com os 300 homens da guarda dos bateis, que fizeraõ parar os inimigos, e facilitáraõ

ra vulg. o embarque. Nós tivemos nesta infeliz jornada 300 feridos, e 78 mórtos, a maior parte Fidalgos, e Cavalleiros de conhecido valor. Os inimigos perdêraõ mais de 20000 homens, vinte náos de Meca, a que pozemos fogo no principio do avance. Chegáraõ os Portuguezes já de noite a bórdo das náos, e na manhã seguinte se fizeraõ á véla para Cochim, aonde Affonso de Albuquerque esteve em grande perigo de vida por causa das passadas feridas. O seu espirito incansavel, ainda mal convalecido, o fez applicar ao restabelecimento da disciplina militar, e á expediçaõ das náos para o Reino, de que eraõ Capitães Gomes Freire de Andrade, Sebastiaõ de Sousa, e Francisco de Sá.

A desgraça do Marechal D. Fernando Coutinho succedida em Calecut se seguio a do Vice-Rei D. Francisco de Almeida na Aguada de Saldanha, pouco depois sabida na India. Naquella paragem proveo elle as náos de agua, e estando prestes para montar o Cabo, succedeo que alguns homens fossem á terra comprar gados aos Cafres, que en-

encontráraõ humanos, e condescendentes a todas as nossas pretenções. Entre elles vinha com sua partida de gado hum bizarro negro, que os nossos desejáraõ trazer a bórdo para o Vice-Rei o vestir, e fazer beneficios, que movessem os seus paizanos a ficarem nossos amigos. Para este fim usáraõ de violencia, taõ mal soffrida dos Cafres, que sahindo da Aldêa sobre os doze Portuguezes, que estavaõ em terra, os fizéraõ embarcar arrependidos dos seus intentos. O Vice-Rei entendeo se devia castigar a audacia dos Salvagens com a ruina da sua Aldêa; oppondo-se a essa resoluçaõ Lourenço de Brito, que fôra Commandante da Fortaleza de Cananor, Jorge de Mello Pereira, e Martim Coelho, que lhe propozéraõ como fazer caso, e guerra a gente taõ vil, que tal vez naõ soubesse o que fez, nem era decente á sua pessoa, nem de a vencer resultava glória.

Seguíraõ contrario parecer Pedro Barreto de Magalhães, Manoel Telles Barreto, e Antonio do Campo, que na vingança dos Salvagens nada menos

F ii re-

Era vulg.

representáraõ, que a conservação da dignidade da Naçaõ Portugueza, e com estes votos só nascidos da arrogancia se conformou o Vice-Rei, que tinha de encher naquelle lugar com a perda da vida os Decretos da Providencia. Elle desembarcou á meia noite com 150 homens; mandou avançar para a Aldêa com a vã-guarda a Pedro, e a Jorge Barreto; elle os foi seguindo em bastante distancia; mas os Cafres, tanto que sentíraõ aos Barretos, se pozéraõ em arma; carregáraõ-nos com hum diluvio de sétas, e tiros de arremeço; matáraõ a Fernaõ Pereira; e elles querendo aproveitar-se de algum gado, que tomáraõ nos curraes, retrocedêraõ a buscar a bandeira do Vice-Rei, que já vinha chegando á Aldêa; que a suppôz rendida, os Salvagens destroçados, e nesta intelligencia se fez na volta da praia, aonde naõ achou os bateis, que foraõ mais avante buscar outra paragem de melhor embarcadouro.

Tudo concorre para as desgraças, quando ellas tem de ser inevitaveis. Torceo o Vice-Rei a marcha em de-

manda dos bateis, levando os gados no centro, e na reta-guarda o corpo, que cobriaõ os Barretos. Já a este tempo se tinha ajuntado huma innundaçaõ de Salvagens determinados a restaurar a preza, e vingar a injúria. Os primeiros, que as suas flexas deitáraõ a terra mórtos foraõ tres Portuguezes, que guiavaõ os rebanhos. Crescendo a mortandade, inevitavel á multidaõ dos tiros, os nossos foraõ perdendo a fórma, espalhando-se para naõ serem juntos hum alvo, aonde os Cafres naõ perdessem golpe. A esta vista Jorge de Mello, que em Cochim seguíra o partido de Affonso de Albuquerque, voltando-se para o Vice-Rei lhe disse: Ah! Senhor D. Francisco, quanto estimára que aqui estivessem os vossos lijongeiros da India, para os vêr arriscar pela segurança da vossa pessoa em tal aperto. O Vice-Rei lhe pedio naõ tivesse esta lembrança; mas se encarregasse do Estandarte Real, naõ succedesse que tomado pelos Salvagens, fizessem irrizaõ da insignia de hum grande Rei: Que em quanto á sua mórte, ella já naõ era immatura, e elle naõ ignorava que a merecia.

Era vulg.

Já

Era vulg. Já os Cafres tinhaõ tirado a vida a Pedro Barreto, e naõ tardou em o acompanhar na sórte o Vice-Rei, que atravessado pela garganta por huma séta, cahio logo morto. Este foi o fim tragico de hum Heróe, que acabou sem glória por seguir na ultima acçaõ os pareceres de homens ligeiros em pensar, fortes em persuadir. Aos seus pés cahio o Capitaõ Diogo Pires, que lhe acodio, e os mais á vista deste catastrofe, cuidáraõ em salvar-se. Lourenço de Brito, e Martim Coelho clamavaõ aos fugitivos: Ó Portuguezes, que noticia haveis dar no Reino do vosso Chéfe? Com que corage, devendo-lhe tantos beneficios, vos partis, e o deixais insepulto? Como quem corria naõ voltava, os dous Capitães famosos se lançáraõ como leões aos Salvagens; mas cobertos de huma nuvem de pedras, ficáraõ esmagados. Nesta desgraçada invasaõ perdemos sessenta e cinco soldados, entre elles onze Capitães memoraveis, igualmente conhecidos pelas qualidades, e pelas façanhas: huns homens, que por meio do

do fogo, das ballas, pelas pontas das Era vulg. lanças, e das espadas foraõ o terror dos seus inimigos, ganháraõ victorias famosas, se fizéraõ dignos de glória immortal: estes homens ás mãos de huns Cafres nús, Salvagens desarmados, canalha vil, viéraõ a perder as vidas, a ser por elles despojados, a ficarem na praia de Africa descompostos, como hum espectaculo da imbecillidade, e fraqueza humana, huma irrizaõ da temeridade, e arrogancia da fortuna.

Os interpretes dos juizos de Deos chamáraõ ao seu juizo os nossos mórtos. Do Vice-Rei se dizia, que viéra acabar nas areias adustas de Africa, aos tiros de gente infame; porque na batalha de Dio naõ procurava a gloria de Deos, nem o serviço do Rei, senaõ huma vingança da mórte de seu filho D. Lourenço, e que pagára com a pena de Taliaõ a deshumanidade, que usára com os prisioneiros em Cananor. Dos mais Capitães se affirmava, que naõ podiaõ deixar de ter semelhante fim huns homens, que se ensoberbeciaõ com as prosperidades, que naõ conheciaõ a modera-

Era vulg. raçaõ nas victorias ; que as tiſnavaõ com a crueldade ; e que faziaõ hum entretenimento de arrancar com violencia a vida eſtimavel dos homens. Em fim no fatal dia primeiro de Março de 1510, em que aconteceo eſte ſucceſſo, os noſſos que eſcapáraõ vivos, ſe recolhêraõ ás náos, de que tomou o commandamento Jorge Barreto ſem oppoſiçaõ de Jorge de Mello.

Na tarde do meſmo dia, quando já naõ appareciaõ os Salvagens, viéraõ á terra eſtes dous Chéfes a celebrar com lágrimas o funeral dos ſeus mórtos, a ſepultar-lhes os cadaveres naquellas praias deſertas. Elles os achāraõ nús, e o do Vice-Rei aberto dos peitos até ao ventre : acçaõ de Barbaros, que para os noſſos foi ſegunda láſtima ſobre a primeira dôr. No dia ſeguinte as náos ſe fizéraõ á véla, e com feliz viagem chegáraõ a Lisboa, aonde a noticia do tragico ſucceſſo de D. Franciſco cauſou ao Rei, e á Corte o ſentimento, de que elle ſe fazia digno por ſi meſmo, quanto mais acontecido a hum Fidalgo de taõ altas qualidades,

que

que acabava de dar tanta glória ao Soberano, á Patria huma reputaçaõ brilhante. Era vulg.

CAPITULO VI.

Trata-se os successos de Diogo Lopes de Siqueira na India até á primeira expediçaõ do Albuquerque sobre Goa.

EM quanto succediaõ os casos, que deixo referidos, Diogo Lopes de Siqueira, que no anno de 1508 sahíra de Lisboa com huma fróta de quatro náos, e por Capitães, além delle, Gonçalo de Sousa, Jeronymo Teixeira, e Joaõ Nunes com o destino de examinar as terras da Ilha de S. Lourenço, e de Malaca; depois de executar a primeira parte da sua commissaõ, e de ter tomado a bórdo alguns dos marinheiros de Joaõ Gomes de Abreo, que haviaõ ficado naquella Ilha, como dissemos, navegou para o rio de Matatana, correndo, e descobrindo toda a Cósta até a Ilha de Zeilande. Daqui arribou para Co- 1510

a vulg. Cochim, aonde foi recebido com muito agrado pelo Vice-Rei D. Francisco de Almeida, que lhe deo mais huma náo com 60 homens ás ordens de Garcia de Sousa para levar a sua Fróta com mais reforço ao descobrimento de Malaca.

Diogo Lopes de Siqueira foi o primeiro Portuguez, que entrou na Ilha de Samatra, chamada pelos antigos Taprobana, que está situada debaixo do Equador, opposta á Aurea Chersoneso para a parte do Sul. Ella tem 200 legoas de comprido, e setenta de largo: o Paiz he admiravel na fertilidade, e dividido em muitos Reinos, e linguas; frequentado da maior parte das Nações da Asia, e hum pequeno braço de mar muito perigoso o separa do Continente, aonde está Malaca. Ha nelle minas abundantes de ouro, de ferro, de estanho, e de enxofre, de que faz hum grosso commercio em cambio de alguns generos, que lhe faltaó. Nesta Ilha ferrou Diogo Lopes o porto de Pedir, e nelle contratou alliança em nome de D. Manoel com o Soberano do Paiz, que

que era dependente do Reino de Achem. Vinte legoas avante entrou em Pacem, e fez outro igual ajuste com o Rei da terra; que permittio se levantasse hum Padraõ em honra do Rei D. Manoel. Era vul[illegible]

Concluidas estas negociações, Diogo Lopes continuou a sua viagem para Malaca, Cidade situada em huma Peninsula além do Ganges, antigamente conhecida pelo nome de Ilha do ouro. Ella era entaõ o Emporio mais célebre do Oriente, governada por hum Rei Mahometano chamado Mahomet, dividida a Cidade por hum pequeno rio, e communicadas por huma ponte as suas duas partes. A soberba estructura das casas, e muros formavaõ huma vista respeitavel: a boa figura da gente, a sua humanidade, a doçura da sua lingua, o brilhante da pompa, a cultura da sociedade; o seu conhecido valor, tudo concorria para ser attendida, e frequentada das Nações. Algum dia foi Malaca parte do vastissimo Reino de Siaõ; mas os Principes, que a dominavaõ, enriquecendo-se enormemente, com as avultadas ganancias, direi-

tos,

vulg. tos, e tributos do ſeu Commercio; e ſervindo-ſe do valor dos Malayos, fizéraõ a guerra aos Reis de Siaõ, ſacodíraõ o jugo, levantáraõ-ſe com os feudos, e ficou Malaca huma Cidade livre.

Neſte porto de Malaca lançou ferro Diogo Lopes, e immediatamente foi requerido da parte do Rei por alguns dos ſeus Miniſtros para lhe dizer, qual era a ſua Naçaõ, em que Reino habitava, que pretendia na ſua Corte. O Siqueira reſpondeo, que a Naçaõ era Portugueza, moradora nas extremidades Occidentaes do Sol, governada por hum Rei illuſtre, que deſejava unir em hum todos os Soberanos do Univerſo nos laços da amizade, do trato, do Commercio, e que eſte era o unico deſignio, com que elle de partes taõ remotas viéra a Malaca, e com que outros muitos Capitães do meſmo Rei andavaõ pelas Cortes mais famoſas da Aſia, e Africa. Tanta impreſſaõ fizéraõ no eſpirito do Rei eſtas razões de Diogo Lopes, tanto ſe deixou tocar da ſublimidade da idéa do

Rei

Rei de Portugal, que lhe mandou asfegurar feria tratado em Malaca com todas as delicadezas da hofpitalidade: Que elle ficava impaciente para em pessoa mesmo celebrar o Tratado de Alliança com o Capitaõ do Rei magnifico; e que para isso lhe rogava, que sem perda de tempo viesse a terra. Assim o fez o Siqueira, sendo recebido com agrados extraordinarios, juraõ ambas as partes os ajustes; o Rei conveio, em que ficasse por Feitor Rodrigo de Araujo com alguns Portuguezes, dando-lhes casa para a Feitoria, e principiáraõ os nossos a comprar, e vender, a entrar, e sahir na Cidade de Malaca com tanta segurança, como se estivessem no porto de Lisboa.

Era vulg.

Já a este tempo Diogo Lopes, e toda a gente das nossas cinco náos cultivavaõ amizade muito estreita com as tripulações de quatro da China, que quando nós chegámos estavaõ ancoradas em Malaca. Estes homens fidelissimos, especialmente os Commandantes das náos, fizéraõ hum ponto de honra em instruir a Diogo Lopes no

ca-

caracter dobrado, e mentiroso dos Malayos; lembrando-lhe a necessidade de segurar com refens no seu bórdo as pessoas de muita da sua gente, que habita a terra; e que para esta precauçaõ, ainda que os de Malaca naõ fossem tao perfidos, bastava estar elle em huma Cidade taõ remota, e ser nella estrangeiro para naõ perdoar a expediente, que podesse evitar os máos successos naõ previstos. O Siqueira, que [illegible] com demasia as civilidades exteriores do Rei, e do Povo; que teve por [illegible] defectivel a observancia do juramento dos Barbaros, desprezou o conselho dos Chinas, naõ fez delle o uso, que devêra; continuou a frequentar Malaca como d'antes, e quando advertio o erro da imprudencia, já encontrou difficultoso o remedio.

Perturbáraõ-se com o ciume da nossa amizade os Mouros Jaos, e Guzarates, que naõ perdêraõ tempo em arbitrar meios de fazer valer a calumnia, e que ella bem persuadida por homem de authoridade tocasse forte o espirito do Rei. Com este designio ganhá-

hiráraõ a sua devoçaõ do Bandara, Governador de Malaca, Tio do mesmo Rei, e o fizéraõ crêr que os Portuguezes eraõ huns Pyratas aborrecidos de todas as Nações; huns falsarios, que com o pretexto de Commercio, e de alliança com o seu Rei, andavaõ infestando as Cortes dos Principes; huns trahidores, que áquelles, que se mostravaõ maiores amigos, deitavaõ um jugo de servidaõ, como se estava vendo em Cochim, e Cananor, em Çofala, e em Ormuz; huns tyrannos, que naõ estimavaõ victorias sem muito sangue, e que aos prisioneiros faziaõ victimas da crueldade. Ultimamente concluiraõ, que se o Rei de Malaca naõ queria experimentar a sórte dos infelices, affogasse a hydra, que nascia, antes que no seu terreno criasse forças, ou vomitasse o veneno.

Era vulg.

Naõ foi difficultoso a Bandara introduzir o odio contra os Portuguezes no coraçaõ do Rei minino, Mahometano de profissaõ, criado no meio dos enganos, sem conhecer no governo mais máximas, que as da simulaçaõ,

Era vulg. çaõ, e as da fraude. Sobre a materia
quiz elle ouvir os votos do Conselho
de Estado composto de lisongeiros.
Mas nelle se encontrou hum Lasamane,
seu Almirante, que por hum esforço
do bom uso da razaõ, pouco praticado
naquella gente, disse ao Rei: Como
o mundo civilisado lhe estranharia a
falta de palavra, e rotura do juramento,
to, duas indignidades para qualquer
homem, quanto mais para hum Soberano;
rano; como caso taõ estranho se requeria
ria huma reflexaõ madura sobre as contingencias,
tingencias, que podia ter, injuriando
hum Rei potentissimo do Occidente,
que tinha Capitães capazes de lhe despicarem
picarem as affrontas em qualquer parte
do mundo, de que eraõ bons exemplos
esses mesmos successos de Calecut, de
Cananor, de Çofala, e de Ormuz:
como Malaca naõ era Potencia igual
a alguma destas em forças para deixar
de temer ruinas semelhantes, ou ainda
maiores, originadas da mesma causa,
que era a rotura da boa fé.

O Rei Mahomet estava muito prevenido
venido para se inclinar aos conselhos

ma-

Era vulg.

imaduros do Almirante. O exterminio dos Portuguezes ficou determinado no Conselho pelo meio vil, covarde, e infame do convite para hum banquete, em que Diogo Lopes, e os seus camaradas haviaõ ser degollados. Huma mulher da Persia residente em Malaca fez avisar ás náos do que passava, o modo por que a trahiçaõ estava armada, e que os Portuguezes excogitassem os meios para naõ cahirem no laço. Entaõ conheceo o Siqueira a sinceridade dos Chinas, a importancia do seu aviso, a nenhuma desculpa, que elle tinha no desprezo com que o recebêra. Para se escusar ao convite, se fez doente; mas ainda naõ capacitado de que o aviso da Persiana era verdadeiro, deixou de tomar as providencias, com que se devia acautelar em situaçaõ taõ crítica.

Como o primeiro estratagema naõ produzio effeito, o Rei, e Bandara armáraõ segunda intriga, que foi avisarem a Diogo Lopes mandasse no dia seguinte todos os batéis a terra para receberem a carga das náos, porque os

Era vulg. queriaõ preferir na expediçaõ a todos os outros Mercadores. Assim o fez Siqueira, sem deixar a bórdo mais de hum batel; mas antes de vir aquelle recado, o Rei havia feito metter em lanchas, e manchuas da terra quantidade de armas cobertas com muitos mantimentos, e toda a tripulaçaõ de soldados com figura de tratantes para os irem vender a bórdo, e quando vissem o signal de hum fumo, que era o do ataque dos nossos batéis em terra, fizessem elles o mesmo no mar ás náos. Todas ellas foraõ rodeadas por grande número das manchuas dos fingidos mercadores, que entráraõ a vender os generos por preços taõ baixos, como quem esperava resgatallos com usuras. No navio de Garcia de Sousa entráraõ tantos, que elle teve de os lançar fóra com as armas; e por Fernaõ de Magalhães mandou aviso a Diogo Lopes, que visse como a Fróta estava cercada, que naõ consentisse aquella gente na sua náo; porque elle desconfiava de huma manobra mercantil taõ pouco vulgar.

Par-

Fernaõ de Magalhães achou a Diogo Lopes com oito Malayos taõ embebido no jogo do xadrez, que quasi naõ fez caso do recado, e se contentou com dizer ao contra-mestre subisse á gavea para vêr se os batéis vinhaõ de terra. O que elle descobrio do alto foi hum dos Malayos, filho do General da empreza, com hum punhal para o metter pelas cóstas de Diogo Lopes, e outro assenando que naõ era tempo, porque se esperava na terra o signal ajustado. Gritou o marinheiro a Diogo Lopes, que cuidasse em si, só no convéz, rodeado de oito inimigos. Elle se lançou ás armas; mas quando lhe acodíraõ, já os Malayos se tinhaõ embarcado, e fugiaõ com todas as manchúas. Ao mesmo tempo, que nos salvamos do perigo nas nãos, foi visto em terra o signal do fumo acompanhado de hum vivo repelaõ sobre os batéis, e do massacro dos Portuguezes, que andavaõ pela Cidade. Unicamente escapáraõ vinte na Feitoria com Rodrigo de Araujo; e Francisco Serraõ com outros pode embarcar-se no *batel* da náo de Joaõ Nunes,

Era vulg.

Era vulg. nes, e rompendo pelo meio de muitas embarcações dos inimigos, veio dar parte a Diogo Lopes do que ſuccedia em Malaca.

Eſte Capitaõ chamou todos os Officiaes a Conſelho, aonde houvéraõ muitos, que ſuſtentáraõ, como á injúria ſemelhante, nem inſtantes ſe havia demorar a vingança, e que ſe déſſe fogo a todas as náos, que eſtavaõ no porto, excepto as dos Chinas. O maior número ſeguíraõ contrario parecer com o fundamento da diminuiçaõ da gente, da perda dos batéis, e que a Fróta ſe fizeſſe á vela para andar pairando, até vêr ſe ſe entrava em alguma negociaçaõ para ſalvar as vidas de Rodrigo de Araujo, e dos vinte Portuguezes. Com outros muitos enganos, e recados fingidos traçavaõ ainda a noſſa ruina o Rei, e Bandara; o que vendo Diogo Lopes lhes mandou dizer guardaſſem bem aos Portuguezes, que tinhaõ em ſeu poder; porque naõ tardaria muito em os vir buſcar, e tomar-lhe conta da perfidia, que acabavaõ de uſar com huma gente amiga, que nunca os offendêra.

Com

Era vulg.

Com a pequena satisfaçaõ deste recado sahio Diogo Lopes de Malaca, e navegou 40 legoas na volta da India á Ilha da Polvoeira, aonde mandou queimar a náo de Gonçalo de Sousa, por naõ ter gente para a marear, e no Cabo de Comorim perdeo a de Jeronymo Teixeira. Em Travancor soube, como o Vice-Rei D. Francisco de Almeida tinha partido para o Reino; e porque era seu parcial, e Affonso de Albuquerque governava a India, naõ quiz ir vello a Cochim com temor dos aggravos, ou de aggravado. Elle lhe escreveo os seus successos sobre Malaca; mandou a Garcia de Sousa, e a Jeronymo Teixeira com as náos, que o Vice-Rei lhe havia dado, e de Travancor navegou para Lisboa, aonde chegou felizmente no fim deste anno, que tratamos.

CA-

CAPITULO VII.

Escreve-se a primeira tomada de Goa por Affonso de Albuquerque, e os mais successos atè o Hidalcaõ a recobrar.

Era vulg.

O GOVERNADOR da India Affonso de Albuquerque, que depois da expediçaõ infeliz de Calecut, nós o deixamos em grande perigo de vida na Cidade de Cochim, apenas convaleceo inteiramente das suas feridas, elle quiz justificar com façanhas novas o acerto das passadas; tapar as boccas dos emulos, dizer quem era, quaes os seus sentimentos antes obrando, que fallando. A continuaçaõ da guerra reprovada de Ormuz elle a escolheo para a sua chéfe-acçaõ de Governador, e para ella aprestou huma Armada de vinte e tres náos com dous mil Portuguezes, e alguns auxiliares da India, publicando, que hia fazer huma Fortaleza na bocca do mar de Arabia, e reforçar com algumas daquellas náos a Esquadra, que

na

na meſma Cóſta mandava Duarte de Lemos. Deſpedidas as náos do Reino, ſahio elle de Cochim para Cananor, e antes de entrar em Baticalá rendeo duas de Mèca muito importantes.

Era vulg.

Era já pública a voz, de que o deſignio do Governador tinha por objecto a Ormuz: rumor, que trouxe a Baticalá com a ſua Fróta de quatorze navios de remo ao noſſo fiel amigo Timoja, que em huma conferencia repreſentou ao Albuquerque: Que elle com razaõ ſe admirava, de que Armada taõ poderoſa houveſſe de ſe empregar em huma guerra diſtante, arriſcada, e com menos lucro, deixando outra proxima, mais ſegura, e com intereſſes muito avultados: Que primeiro que render Ormuz, e que edificar huma Fortaleza na Arabia, eſtava conquiſtar Goa, aonde o Hidalcaõ mandava conſtruir muitas náos grandes, quantidade de fuſtas, e paráos para na primeira conjuntura invadir Cochim, e Cananor: Que a preſente para as noſſas armas era a mais favoravel, que ſe podia deſejar; porque o Hidalcaõ tinha ſido

obri-

Era vulg. obrigado a marchar com gróssos Exercitos para dissipar as discordias civís, que se tinhaõ levantado em todos os seus Estados, e atacar a alguns dos Reis visinhos, que lhe haviaõ declarado a guerra depois da mórte do Çabayo seu Pai: Que esta mórte, e aquellas guerras eraõ a causa do Hidalcaõ naõ haver já vingado no sangue dos Portuguezes os destroços, que elles fizeraõ na Cidade de Dabul: idéa, que elle Albuquerque devia prevenir com o temor, que lhe causaría a tomada de Goa; e que para o acompanhar na empreza elle se offerecia com a sua Armada.

Propoz o Albuquerque em Conselho este parecer de Timoja, que foi approvado por unanimidade de votos. Logo se procedeo a formar o plano da expediçaõ, e se resolveo que este nosso Alliado marchasse por terra a arrazar a Fortaleza de Cintacorá, pertencente ao Hidalcaõ, aonde o iria tomar a Armada. Pouco depois da sua chegada a Goa veio Timoja, que deixava a Fortaleza rendida, e tragada do

fo-

fogo. Portuguezes, e Alliados naõ po- Era vulg.
déraõ aqui conter o júbilo, que lhes
causava só o projecto concebido da con-
quista de Goa, que se animava com a
esperança das riquezas, com a da pos-
se da agradavel Cidade; fazendo os
seus officios, em huns o amor da gló-
ria, em outros a ambiçaõ, em quasi to-
dos o interesse, para ser geral a com-
placencia. Elles estavaõ vendo a Cida-
de magnifica situada na Ilha do seu
mesmo nome, cortada do Continente
por hum rio caudaloso, que por duas
boccas se mettia no mar: na Ilha cha-
mada Trisvari, que tem de cumprimen-
to quasi tres legoas, e de largura em
partes, mais de huma, donde estreita
menos de meia; Emporio célebre do
Oriente, depois a Capital do Estado
Portuguez na Asia.

Esta Ilha, ainda que pequena, pó-
de sustentar Póvos numerosos, por ser
copada de densos arvoredos todos fru-
ctiferos, por ser abundante de muitos
generos de plantas, por nutrir quanti-
dade de gados, por produzir varieda-
des de alimentos, pela regarem fontes
pe-

Era vulg. perennes de boas aguas. A Cidade estava cercada de muros com altas torres defendidas de muita artelharia; as casas eraõ vistosas; a temperie do Ceo excellente; o porto muito seguro, que convidava os mercadores Estrangeiros para se estabelecerem na Cidade. Os Templos, ou Mesquitas do rito Mahometano se haviaõ edificado com despezas enormes, dotados de grôssas rendas para a sustentaçaõ dos seus Sacerdotes. Em Goa succedeo, pouco depois da sua conquista, que abrindo hum Portuguez os alicerces para fazer a sua casa, apparecesse nelles a Imagem de hum Crucifixo de metal, que se mandou a El-Rei D. Manoel para próva, de que antigamente florescêra em Goa o Christianismo.

Chegado Affonso de Albuquerque a esta Cidade, e unida á sua a Armada de Timoja, mandou a seu sobrinho D. Antonio de Noronha, a Simaõ de Andrade, e a Simaõ Martins, que com os navios de remo entrassem no porto, e fossem atacar hum Fórte, que nos podia incommodar. Na sua reta-guarda para

ra os soccorrer marchavaõ os batêis bem petrechados ás ordens de Jorge Fogaça, de Jeronymo Teixeira, de Joaõ da Nova, de Jorge da Silveira, e de Garcia de Sousa. O Piloto Mór foi encarregado de sondar as embocaduras, e o rio para se vêr se podiaõ entrar sem perigo as náos de alto bórdo. Timoja teve ordem para investir com a sua gente outra Torre pouco apartada da Ilha, bem municiada; partindo estes Chéfes com tanto esforço, e dando nos lugares destinados com tal impeto, que os inimigos, huns mórtos, outros fugidos, os desampatáraõ. Immediatamente se determinou, que D. Antonio de Noronha fosse sobre hum lugar da Ilha chamado Pangim, e Timoja sobre o de Bardez na terra firme. Ambos encontráraõ resistencia; mas derrotando aos contrarios com corage, ambos os lugares se rendêraõ.

Era vulg.

No dia seguinte se uníraõ todos os navios pequenos aos de D. Antonio, e o Governador naõ querendo ainda mover as náos, embarcou na galé de Diogo Fernandes de Béja para se mostrar a

Goa.

lg. Goa. Ao ſeu bórdo o viéraõ buſcar os Mouros de Dio eſtabelecidos na Cidade por cauſa do ſeu Commercio, e lhe repreſentáraõ: Que elles deviaõ ſer comprehendidos no Tratado de amizade celebrado entre o Vice-Rei D. Franciſco, e Meliqueáz, attendidos como bons alliados, que fielmente o informariaõ do eſtado, em que ſe achava Goa. Affonſo de Albuquerque lhes prometteo muito mais do que elles podiaõ deſejar, ſe com exacçaõ, e verdade, o inſtruiſſem nos negocios, em que elles meſmos intereſſavaõ a ſua fortuna, e a ſua vida. Com fidelidade lhe aſſeguráraõ os Mouros, que a guarniçaõ, e os habitantes de Goa, bem longe de ſe poderem defender, eſtavaõ occupados do medo, entre ſi divididos, huns querendo a reſiſtencia, outros a entrega; mas todos ſem juizo, nem conſelho para ſe deliberarem: que neſtes termos devia fazer a conta, de que Goa era huma Cidade já mettida no número das ſuas conquiſtas.

O Governador com eſte informe reſolveo eleger os meſmos Mouros por

ſeus

ſeus Deputados, e mandallos repreſentar aos de Goa em ſeu nome: Que elle vinha com aquella Armada, naõ para lhes derramar o ſangue em hum ſitio porfiado, mas para os livrar do jugo violento de hum tyranno, e os fazer goſtar o ſuave do Rei de Portugal D. Manoel: Que ſe quizeſſem entregar-ſe ſem deſembainhar as armas, lhes promettia o livre exercicio da ſua Religiaõ, huma liberdade plena, e a obſervancia das ſuas leis, uſos, e coſtumes; abatendo-lhes nos tributos a terça parte do que elles pagavaõ ao Hidalcaõ. Poucos dos ſoldados, que paſſáraõ para a terra firme, naõ conviéraõ na acceitaçaõ deſtas promeſſas. Todos os mais attrahidos da ſua franqueza, ou movidos pelo ſuſto das deſgraças, que os ameaçavaõ, abriraõ as portas de Goa, por onde entrou o Governador no dia dezaſſeis de Fevereiro deſte anno de 1510. Elle tomou poſſe deſta Capital em nome do ſeu Rei, e ao ſom de muitos inſtrumentos, do eſtrondo dos canhões acceitou o juramento de fidelidade dos moradores principaes, que

Era vulg.

o

Era vulg. o conduzírão á Cidadela, dahi ao Palacio do Rei, aonde lhe entregárão as chaves da Cidade.

Sobre os muros, e no Arsenal se achou huma quantidade prodigiosa de artelharia, de armas, e munições de guerra, que pôz a todos em admiração: nos estaleiros 40 náos grossas, e grande número de embarcações ligeiras: muitos cavallos da Arabia, e da Persia, e 160 nas cavalharices do Rei. Depois de tudo muito bem examinado, o Albuquerque proveo o governo da Cidade em D. Antonio de Noronha, a Alcadaria Môr em Gaspar de Payva, a Feitoria, que então era o Magistrado público, em Francisco Corvinel; e instruindo-o hum Gentio da terra nas importantes rendas das Alfandegas da Ilha, de que resultavão tantos interesses a El-Rei, elle o fez saber aos seus Officiaes para os persuadir á necessidade de invernarem em Goa para se regularem negocios tão interessantes, na qual algum delles então pôz dúvida. O serviço, que os Mouros havião feito, forão remunerados com indultos, e gra-

çàs particulares. Nas donzellas, que estavaõ no Palacio do Rei, se mandou ter grande vigilancia, para que ninguem as offendesse: protecçaõ, que mereceo ao Governador hum geral applauso, e dos moradores de Goa o reconhecimento mais distincto.

Era vulg.

Quando os Portuguezes souberaõ por experiencia a qualidade do Dominio, de que estavaõ senhores, entendêraõ deviaõ conservar a conquista de Goa, e da sua Ilha a todo o preço para Capital de hum Estado na Asia. Com esta idéa, o Governador se applicou a ganhar a inclinaçaõ dos naturaes, a estabelecer as utilidades do público, a ter os Mouros contentes, como primeiros moveis de todo o negocio, e a prover os cargos em pessoas do Paiz, que satisfizessem aos seus paizanos. Em outros expedientes mostrou elle a sua dexteridade, e politica, aquella na eleiçaõ, que fez de Timoja para administrar as rendas públicas, e refrear as fraudes no Commercio; esta na civilidade com que tratou dous Embaixadores, hum de Ismael, Sophi da Persia, ou-

Era vulg. outro de Ceifadim, Rei de Ormuz, que ſeus Amos tinhaõ mandado ao Hidalcaõ. A ſua meſma politica lhe inſpirou a neceſſidade de fazer Tratados de alliança com os Reis viſinhos de Goa para eſtabelecer o ſeu crédito naquelles contornos, ter amigos nas occaſiões, e com eſtes deſignios mandou Gaſpar Chanoca por Embaixador aos Reis de Vengapor, e de Narſinga, que o recebêraõ com grandes honras.

Com o meſmo caracter mandou a Rodrigo Gomes dar parte ao Sophi Iſmael do que acabava de fazer em Goa, e de caminho negociar com Ceifadim em Ormuz a ſegurança dos Portuguezes, que hiaõ commerciar á ſua Corte. Naõ chegou a ter effeito eſta Embaixada da Perſia: porque Cogeatar, receoſo de que nós ajuſtaſſemos alliança com o Sophi, matou com veneno em Ormuz a Rodrigo Gomes. Tantas acções ſublimes do Governador principiáraõ a ſer deprimidas por muitos dos ſeus Officiaes, que atacados pelo monſtro da invéja, ſe ſervíraõ do pretexto de naõ quererem invernar em Goa

pa-

para sustentarem infallivel o estrago, o perigo, o destroço da nossa gente, e á força de calúmnias, de improperios, de affrontas soblevarem 900 homens contra o seu Chéfe. Este prendeo em huma noite nas casas dos conventiculos aos cabeças da sediçaõ; mas pouco depois foraõ soltos sem mais fiador, que a simples promessa, de que ficaríaõ em Goa obedientes ás ordens do Albuquerque. Alguns esquecidos desta promessa, sempre ciosos das felicidades deste grande homem, naõ respirando mais, que meios de o inquietar, por proprio arbitrio se fizéraõ á véla para Cochim, rebeldes mesmo a expensas do serviço do Rei, e da Patria.

Era vulg.

Nesta figura se achavaõ os negocios de Goa, quando o nosso Alliado Mandaloi, Senhor do Condal, avisou ao Albuquerque, como o Hidalcaõ com a noticia da tomada da sua Capital, fizéra logo trégoas com os Principes seus inimigos; que com Exercito muito numeroso marchava a recobrar a sua perda; e que elle necessitava dos nossos

Dra valg. foccorros para fe defender no cafo de fer invadido. O Governador lhos mandou promptos ás ordens de Jorge da Cunha, e fez passar á terra firme ao Adail de Goa o valente Diogo Fernandes de Faría com doze cavallos; e mil Malabares para explorar os intentos do inimigo. Como fe foube que elle fe apoderára das terras do Condal, ordenou-fe a Jorge da Cunha, que fe retiraffe para a Ilha; applicando-fe todos os cuidados á fua defenfa.

O Hidalcaõ animou a fua gente com hum difcurfo vafto, em que lhe propôz a importancia da reconquifta de Goa; o pouco que era para temer o pequeno número de Portuguezes, que como barbaros faziaõ a guerra taõ longe dos Dominios do feu Rei; que elle para os atacar tinha alistados mais de 40000 Infantes, e 70000 cavallos; que com a vã-guarda defte Exercito fizéra marchar para o paffo de Benaftarím Pulatecaõ, feu Tenente General, e hum dos primeiros Capitães do feu Reino, e que elle o feguia com o refto das forças para lançar os Portuguezes

zes de Goa, ou morrer na empreza. Era vulg.
Naõ obstante estas razões do Principe, e a grande superioridade das forças, os Barbaros sempre temêraõ que em occasiaõ de tanto empenho os Portuguezes se arrojassem a algumas daquellas temeridades de valor, que os ensinava a desprezar o maior número para levarem avante os projectos depois de concebidos.

Este, em que o Albuquerque estava mettido, tinha muito de difficultoso, seja pela gente, que lhe desertára para Cochim, seja pela pouca, que lhe ficára, seja pelos muitos póstos, que tinha de defender em toda a Ilha, seja pelo grande recinto da Cidade, que requeria huma guarniçaõ numerosa; ou seja pela desconfiança dos moradores, que já se lembravaõ do seu Principe confórme na Religiaõ com elles. Naõ perturbáraõ estas considerações o espirito sublime do Albuquerque para lhe impedirem os aprestos da defensa com ardor incrivel. Depois de fazer os necessarios na Cidade, cuidou nos passos da Ilha; encarregando o de Benastarim

a Garcia de Sousa, que além da gente com que guarneceo a trincheira, levou a Ayres de Sousa com o seu navio para defender o rio: no do váo chamado Gandalim, postou a Francisco Pereira Coutinho com mil homens da terra: no de Aguacim pôz a Lopo de Azevedo com alguma gente amparada do fogo da galé de Diogo Fernandes de Béja, e dos navios de Fernaõ Peres, e de Luiz Coutinho. Entre este passo, e o de Benastarim fez andar como de ronda a Simaõ de Andrade com huma galé, a Simaõ Martins em huma galeota, a Bernardim Freire, e a Pedro da Fonseca em dous batéis, e por guarda da praia de Goa a Jorge da Cunha com sessenta cavallos.

Feitas estas disposições, o Governador se recolheo á Cidade com Timoja, com os mais Capitães, e soldados, que restavaõ. Pulatecaõ, que já havia assegurado a terra firme, e plantado no passo de Benastarim descobria na Ilha o campo de Garcia de Sousa, mandou á frente delle com signal de paz a Joaõ Machado, hum dos desterrados deixado

em

em Melinde por Pedro Alvares Cabral, que elle tinha em ſeu poder com apparencias de Mouro. Garcia de Souſa o ouvio proteſtar a Fé, que guardava de Chriſtaõ no fundo do eſpirito: que por honra della, e pelos intereſſes do ſeu Soberano legitimo, vinha aviſar ao Governador da India para ſe naõ fiar nas palavras dos moradores de Goa, que o haviaõ entregar; para naõ ſe expôr aos perigos de huma guerra ſem proporçaõ contra o Exercito formidavel do Çabayo Hidalcaõ, que o podia ſubprender; para que logo abandonaſſe a Ilha de Goa ſe queria conſervar a pouca gente, que tinha, antes que o maior rigor do Inverno o pozeſſe inhabil para receber ſoccorros.

Era vulg.

Affonſo de Albuquerque, que conheceo a induſtria dos Barbaros, ſervio-ſe deſte aviſo para com mais actividade mandar acabar os trabalhos começados, e pôr-ſe em eſtado de ſuſtentar, e repellir os esforços dos inimigos. Pulatecaõ obſervando pelas precauções do Governador, que de nada

lhe

Era vulg. lhe valêra a idéa do aviſo, fez muitos trincheiramentos na embocadura do rio para ſe cobrir ao noſſo fogo, e lançou nelle muitas jangadas para lhe facilitarem o tranſito de Salcete para a Ilha. Como Fernaõ Peres, Luiz Coutinho, Bernardim Freire, e Diogo Fernandes de Béja naõ podéraõ impedir, nem depois derrotar eſtas manobras, aviſáraõ ao Governador, que veio em peſſoa examinallas. Á ſua viſta entendeo, que nada mais podia fazer, que recommendar áquelles Capitães o valor na defenſa do paſſo, quando Pulatecaõ o invadiſſe, e elle ſe recolheo a dar na Cidade, já perturbada pela perfidia dos moradores, novas, e promptas providencias.

Como a gente de Goa via taõ perto a peſſoa do ſeu Principe, ella ſe cobrio de pejo pela covardia, com que entregára huma Cidade taõ reſpeitavel ſem fazer a menor reſiſtencia: ſentia a rapidez, com que muita parte della abandonára a Religiaõ dos ſeus Maiores, e para dar a primeira próva dos deſejos, que tinha de expiar os ſeus cri-

crimes na face do Soberano; ſabendo, que o Governador ſe queria ſervir das cotias, e embarcações ligeiras da terra para a defenſa dos paſſos do rio; ella teve induſtria de as mandar ao Hidalcaõ, que eſtimou o preſente, como penhor da fé dos ſeus vaſſallos. Quizéra o Alququerque diſſimular eſta perfidia, por naõ expôr com o caſtigo a maiores contingencias huma dominaçaõ, que naſcia. Por outra parte ſe lhe fazia intoleravel, que huma trahiçaõ taõ manifeſta houveſſe de ficar impunida. Arbitrou a ſua prudencia hum meio entre juſto, e ſuave; que foi chamar os cabeças da perfidia com pretextos *honeſtos*, e caſtigar nas ſuas vidas o delicto da multidaõ. Deſenganou-ſe o Governador, de que ſó o ſeu valor havia tomar as medidas para a defenſa, naõ perdoando a alguma, que contribuiſſe para a ſegurança de Goa, para a reputaçaõ das armas, para o crédito da peſſoa.

Era vulg.

CAPITULO VIII.

Como o Hidalcaõ restaurou a Cidade de Goa; da grande fome, que padecêraõ os Portuguezes, e do mais que obrou Affonso de Albuquerque.

ra vulg.

OS grandes desejos, que Pulatecaõ observava no seu Soberano de reduzir Goa á sua obediencia, o empenháraõ para investir com todo o esforço os passos da Ilha; mas notando, que naõ lhe bastava o valor para abater a corage dos Portuguezes, sem o acompanhar de industria, elle arbitrou huma, que a estaçaõ lhe faria favoravel. Foi ella a de esperar pela primeira noite mais tempestuosa do Inverno, que chegou a 17 de Maio bem propria para a invasaõ naõ prevista, em que Çufalarim pelo passo de Benastarim, e Melique Çufgorgi pelo de Çancalim entráraõ na Ilha com grossos destacamentos, sem que os nossos pelo escuro da noite, e pela continuaçaõ da chuva lho podessem impedir. Quando os inimigos foraõ senti-

tidos, os Portuguezes naõ deixáraõ de fazer huma resistencia, ainda que vaga, e duvidosa, cheia de magnanimidade, e de valor. Mas aquellas difficuldades, a mórte de Jorge de Sousa, a entrada na Ilha de Pulatecaõ com todas as forças, reduzíraõ os espiritos a tal aperto, que a gente desamparou os póstos da mesma Ilha para se salvar na Cidade.

Era vulg.

Cresciaõ nella os cuidados com a certeza, de que mais de mil soldados dos naturaes da terra haviaõ promettido a Pulatecaõ de passarem para o seu campo na primeira conjuntura. O Governador para se descartar destes trahidores, ou para provar a verdade da sua boa, ou má fé, os mandou soccorrer o passo de Benastarim; mas elles endireitáraõ a marcha para o campo de Pulatecaõ. Os Mouros, os mercadores, e a paisanage ficáraõ expostos ao furor do Albuquerque, que mandando prender a muitos dos principaes, fez pendurar nas forcas os mais distinctos, os ricos, os poderosos; sobmettendo-se callados os humildes para depois tomarem

m vulg. rem o partido dos vencedores. Como os inimigos podéraõ apagar o fogo, que nas suas embarcações ligeiras havia posto com valor desmedido o Adail Diogo Fernandes de Faria, elles se avançavaõ para a Cidade, e porque os seus muros em muitas partes estavaõ arruinados, o Governador reforçou de mais gente algumas estancias para oppôr á fraqueza dos muros o reforço dos peitos.

No lanço do postigo de Mandovi, que era o mais arriscado, posto a seu sobrinho D. Antonio de Noronha, e os outros, tambem arruinados, encarregou a Ayres da Silva, a Fernaõ Peres de Andrade, a Simaõ de Andrade, a Jorge Fogaça, aos irmãos D. Jeronymo, e D. Joaõ de Lima, a Diogo Fernandes de Béja; ficando elle de sobre-ronda para acodir, aonde a maior necessidade o pedisse. Depois expedio huma fusta a Cochim, avisando do aperto em que se achava aos Capitães Jorge da Silva, e Jeronymo Teixeira, que com as suas náos haviaõ desertado de Goa, pedindo-lhes o soccorressem em

occaſiaõ de tanta honra. Eſtes homens ſe fizeraõ deſentendidos ás vozes do ſeu Chéfe, ou arraſtados do odio, que contra elle concebêraõ, ou por ſe naõ exporem aos perigos, que receavaõ.

Era vulg.

O primeiro poſto atacado por Pulatecaõ na téſta de doze mil homens foi o de D. Antonio de Noronha, que naõ ſó os rechaçou, mas fazendo huma ſahida tirou a vida a grande número delles: esforço, que de nada mais ſervio, que para qualificar a noſſa corage, ſem podermos ſalvar Goa do grande poder dos Barbaros. Alguns dos Capitães deſgoſtados cuidavaõ menos na defenſa, que em ſublevar a gente para naõ obedecer ao Governador, e perſuadillo ſe embarcaſſe, antes que os inimigos os paſſaſſem á eſpada. A vinda do Hidalcaõ ſobre Goa com o réſto do poder acabou de pôr em emoçaõ aos Mouros, e moradores da Cidade, que aproveitando-ſe da noſſa perturbaçaõ, deſertavaõ em bandos. O Governador naõ podendo remediar tantas deſordens, nem oppôr-ſe aos inimigos, que por todas as partes o atacavaõ, elle ſe reti-

Era vulg. tira ao Castello para facilitar o embarque das trópas.

Naõ se desvelava menos o Hidalcaõ em impedillo de fórma, que nem hum só Portuguez lhe escapasse. Com este designio manda tupir a sahida do porto por huma grande náo carregada de arêa mettida a pique; mas o Albuquerque ordenou aos Pilotos sondassem o fundo do canal, que achando-se praticavel, se resolveo tentar o bota-fóra. Recolhêraõ-se na Armada as munições, e mantimentos; foraõ enforcados 150 Mouros trahidores, que estavaõ prezos; jarretadas as pernas aos cavallos; recolhidas a bórdo as mulheres, mininos, e Mouros amigos; mas o incendio, que D. Antonio de Noronha fez atear nos arsenaes, revelou aos Barbaros o segredo do nosso embarque, e se movêraõ para o impedir. A praia foi o campo de huma batalha formidavel, aonde disputavaõ o valor dos Barbaros com a esperança de ganharem huma victoria nova; o dos Portuguezes para salvarem comsigo outra esperança de recobrarem a que perdiaõ. Os nossos Fidal-

dalgos cobrindo a reta-guarda, naõ só sustentáraõ todo o pezo da refrega, mas conseguíraõ, que a gente, ainda que toda ferida, se embarcasse sem a perda de hum só homem.

Em vulg

Assim abandonou o grande Albuquerque no dia 30 de Maio a Cidade de Goa, que dominou tres mezes, e meio; levando firme a idéa, de que tomaria sobre ella outras medidas taõ ajustadas, que perpetuassem o dominio. Elle levou a Fróta para Ribandar, aonde naõ podia deixar de ter o Inverno, que impedio a sahida da barra, nem lhe fugia a consideraçaõ da grande fome, e sede, que se havia experimentado, com tantas difficuldades, que vencer para as prevenir. Estes discursos vulgares já rompiaõ em comoções sediciosas, e entre os Cabos descontentes, Francisco de Sousa Manicas, esquecendo-se de quem era, e da qualidade de Official, com a sua náo investio a barra para se separar do Governador. Como naõ a pode vencer, e retrocedeo, o Chéfe o cobrio do pejo da degradaçaõ pública na face da Armada, prendendo-o,

Em vulg. do-o, e privando-o do posto, que
veo em outro depois de lhe fazer
o sangue ao rosto com huma repre
saõ, que podemos chamar sang
ria.

Já extrema a fome, que forç
gente a comer os insectos, a roer
couros cosidos das arcas; as náos
cadas pelo fogo do Forte de Pang
que defendia a barra, e pelo
tarias, que o Hidalcaõ mand
tar pelas margens do rio
incómmodos obrigáraõ o Gover
fazer dous movimentos. O prim
mudar a ancorage para o rio
Ilha de Divar, e a Terra firme
de os soccorreo a Providencia com
guns peixes, que os marinheiros pes
vaõ. O segundo proposto por Timoj
foi mandar hum dos seus Capitães c
mado Menaique com D. Antonio
Noronha á mesma Ilha de Divar, e
Choraõ, aonde subprendêraõ felizme
te aos habitantes, os pozeraõ em fu
da, e se recolhêraõ com algumas
beças de gado grosso, que matou a
me por poucos dias. Ella reviveo

ue

trema como antes; a sede teve alivio pelas muitas chuvas, que adoçárão á agua do rio; mas redobrárão-se os cuidados com o aviso do degradado João Machado, que fez saber ao Governador, como o Hidalcaõ preparava muitos brulotes para lhe queimar a Armada, e oitenta navios de remo para acabarem de destruir as reliquias, a que perdoasse o fogo.

Em vulg.

Sempre a Naçaõ Portugueza soube tomar resoluções sublimes no meio de negocios desesperados. O Governador chama a conselho os Capitães, e soldados velhos; communica-lhes os avisos do Machado: propõe-lhes as miserias de que estaõ rodeados todos: como o Forte de Pangim he o embaraço unico dos seus movimentos; Pulatecaõ, que o cubria com tres mil homens, o obstaculo das suas resoluções: que elle entendia naõ lhes restava outro refugio para a salvaçaõ de todos, senaõ atacar Pulatecaõ, e render Pangim. Como Affonso de Albuquerque achou na sua gente huma intrepidez bem superior á situaçaõ triste, em que ella

se

Praça ao mesmo tempo foraõ atacados. Em hum repelaõ taõ rápido como breve, degollados 250 Barbaros, Pangim foi ganhado, Pulatecaõ posto em fugida, o Hidalcaõ ficou atonito, Goa com sustos novos, e nós recolhemos na Armada os viveres, as munições, a artelharia do Fórte, que era nossa. Quatro soldados tivemos mórtos nesta expediçaõ, e poucos feridos; mas adquirimos tal reputaçaõ, que o Hidalcaõ temeroso, de que marchassemos sobre Goa, depois de lhe dobrar a guarniçaõ, mandou pôr Joaõ Machado offecer paz ao Governador.

Era vulg

Este degradado, que dava próvas da sua fidelidade á Patria, o advertio, que naõ acceitasse a paz sem condições muito vantajosas; porque o Hidalcaõ as commettia forçado da necessidade para acodir á invasaõ do Rei de Narsinga, que vinha restaurar a Praça de Taracol, pouco antes tomada pelo Hidalcaõ. Além disto o Albuquerque naõ queria ligar-se com os vinculos da mesma paz, que lhe atavaõ as mãos para a reconquista de Goa; mas para entreter o tem-

Era vulg.

po, em quanto o Inverno paſſava, reſolveo-ſe a fazer, mudar, e alterar propoſtas taõ eſtranhas á dignidade do Hidalcaõ, que depois de muitos, e repetidos recados rompeſſem á negociaçaõ todos os meios.

Como eſtas vantagens diminuiraõ nos Portuguezes os trabalhos, a neceſſidade, a miſeria, tomou forças o vicio, ardeo a concupiſcencia, e a viſta da formoſura das Damas de *Goa*, *que* o Albuquerque fazia guardar nas *náos* com toda a vigilancia, ou para as conduzir a Portugal para liſongear com a ſua eſpecioſidade a Rainha D. Maria, ou para depois as caſar com Portuguezes, como fez na ſegunda tomada de Goa; eſta viſta inclinou os affectos, que rompendo as medidas da moderaçaõ, foraõ origem de grandes deſordens. Entre os mais deſcomedidos ſe diſtinguia Rodrigo Dias, filho de hum Eſcrivaõ de Alenquer, que tinha o atrevimento de ir todas as noites á náo do General render a huma das Damas os phreneſis impuros, que ſe cohoneſtaõ com o nome de civilidades. Soube-*o* o

Al-

Albuquerque, e formado processo ao delinquente, teve sentença de força. Alguns Fidalgos complices mais acautelados no crime de Rodrigo Dias, pedirão com instancia a vida do réo; mas naõ o podendo conseguir, metterão em uso todos os esforços, para que a ignominia da forca se lhe comutasse na honra de morrer degollado.

Era vulg.

Sendo a alma destes officios o descomedimento, as grosserias, as vozes de sediçaõ; o Governador naõ só deixou de atendellos, mas prendeo debaixo da coberta da sua náo a maior parte dos Procuradores. Advertindo depois, que naõ podia escusar o serviço de tantos homens distinctos, manda soltallos. Elles, tomados da cólera, clamaõ, rugem, daõ bramidos queixosos, de que com huns homens da sua qualidade se use de huma contumelia, que naõ he compensavel: que elles naõ querem ser soltos, senaõ virem a Portugal naquella mesma prizaõ dura, e infame para nella representarem ao Rei quem era Affonso de Allbuquerque. Este Chéfe, a tudo superior, naõ se embaraça, sup-

 põe

Era vulg. põe as palavras de ira hum parto da loucura, que como inhabilitava a quatro Comandantes de náos para servirem, os privou das Capitanias, e as proveo em Antonio de Almada, em D. Joaõ de Lima, em Antonio de Mattos, e em outro a que naõ sabemos o nome.

Por avisos novos de Joaõ Machado, quando estas cousas succediaõ, foi informado o Albuquerque, como o *Hidalcaõ* sentíra tanto a derrota do seu General, e a perda de Pangim, que determinava tomar satisfaçaõ desta injúria; mandando sobre a sua Armada oitenta fustas bem fornecidas de artelharia, e de gente para huma invasaõ repentina. O Governador seguindo o genio dos Portuguezes, que sempre disputáraõ aos seus inimigos a vantagem de ser os primeiros em investir; elle ordenou a seu Sobrinho D. Antonio de Noronha, que fosse atacar a Fróta contraria no mesmo porto de Goa, aonde ella se preparava. Offerecéraõ-se a D. Antonio, e elle conseguio levar comsigo, como soldados voluntarios, todos

dos os Fidalgos prezos, que esquecêraõ a injúria á vista da occasiaõ da honra no serviço da Patria. Em déz batéis o acompanháraõ outros Capitães, nas suas galéz Diogo Fernandes de Béja, Affonso Pessoa, e Joaõ Gonçalves de Castello Branco em hum paráo.

Era vulg.

Estes tres Capitães foraõ devaçar todo o rio pela parte, que banha a Cidade de Goa, e Joaõ Gonçalves o fez com valor taõ confiado, que batia com os remos em terra. Observando que ninguem lhe tomava contas do atrevimento, voltou a incorporar-se com as galéz, que esperavaõ por D. Antonio. Elle descobrio na Ilha de Divar trinta paráos, que Çufalarim punha em movimento para o virem atacar; e receoso de ficar mettido entre este fogo, e o da Armada da Cidade, mudou a ordem de batalha, que trazia. Dividio elle em duas a sua Esquadra: huma de quatro batéis, e as galéz, que elle mandava com os dous irmãos D. Jeronymo, e D. Joaõ de Lima, com Garcia de Sousa, para investir a Çufalarim: outra de seis bateis ás ordens de

Jor-

Era vulg. Jorge da Cunha, de Luiz Coutinho; de Bernardim Freire, e de outros Capitães, para atacarem a Armada da Cidade.

Com ardor incrivel por ambas as partes durava o combate por algumas horas sem se declarar a fortuna, nem perceber vantagem. D. Antonio derramava o terror na Esquadra de Çufalarim: dos seis bateis á vista mesmo do Hidalcaõ, que estava sobre os muros do Goa, se obravaõ proezas, que punhaõ em admiraçaõ a amigos, e a contrarios. Mas em fim como nas Frótas, tanto a de Divar, como a da Cidade, já a mortandade era intoleravel, ellas viráraõ prôas, e foraõ varar em terra, aonde naõ podiaõ chegar os nossos bateis, que demandavaõ mais fundo. D. Antonio naõ pode soffrer lhe escapasse Çufalarim, que foi varar defronte da pórta de Santa Catharina; e porque para este lugar o chamavaõ os fados, elle se arroja a atacar debaixo dos muros a grande fusta pela vêr só com a [illegible] rra, o mais corpo em boa [illegible] a ferrou pela poppa, e de

hum

hum salto a entráraõ os dous façanhosos irmãos Simaõ de Andrade, e Fernaõ Peres de Andrade seguidos por tres valentes soldados.

Quando estes cinco bravos davaõ golpes, que excediaõ as forças da humanidade, D. Antonio querendo entrár a soccorrellos, huma seta despedida dos muros de Goa lhe atravessou a cocha da perna esquerda com tanta violencia, que deo com elle no convez, sem mais se poder mover. A tripulaçaõ sentida, e officiosa, por lhe accodir, naõ sentio apartar-se o batel da Fusta, aonde os cinco Aventureiros ficavaõ expostos á furia de huma multidaõ barbara. Baixava a maré, ficava a fusta em secco, e de todas as partes corriaõ de tropel os inimigos para acabarem com os dous Fidalgos, e os tres camaradas, que eraõ o seu escandalo. Mas o seu valor se redrobava ao passo, que o perigo crescia, com tanta admiraçaõ do Hidalcaõ, que estava pasmado nos muros, observando cinco monstros de corage, que naõ podia crêr homens. O animo tre do batel de Luiz Coutinho

Era vulg. te marinheiros os ſalvou da eſcravidaõ, ou da mórte, quando Diogo Fernandes de Béja com o meſmo deſignio fazia esforços inimitaveis.

A noite fez recolher aos noſſos para a Armada do Governador, e eſta victoria ſería para nós huma das mais glorióſas pela grande mortandade dos inimigos, ſem perdermos da noſſa parte hum ſó homem, a naõ faltar tres dias depois D. Antonio, que foi geralmente chorado, e do Governador ſentida a ſua mórte, naõ ſó como de hum ſobrinho, que muito amava, mas como a de huma creatura da ſua diſciplina, de hum dos Officiaes mais bravos, que o Rei tinha no ſeu ſerviço. Foi ſepultado o cadaver de D. Antonio de Noronha debaixo de huma pedra na terra firme de Bardez, donde depois o meſmo Albuquerque fez trasladar os oſſos para a Cathedral de Goa.

O Hidalcaõ, que nos tornou a offerecer a paz com a infame condiçaõ de lhe entregarmos o noſſo fiel amigo Timoja, e por iſſo foi a propoſta deſprezada, naõ ſó deo públicos teſtemu-

nhos

nhos de ſentimentos pela mórte de D. Antonio, mas mandou viſitar a Simaõ de Andrade, e a ſeu irmaõ Fernaõ Peres por Joaõ Machado, que lhes aſſegurou da parte daquelle Principe: Como elle naõ podia diſſimular a invéja, que tivéra, quando os vio obrar tantas façanhas na fuſta de Çufalarim: que com dous homens como elles, lhe era bem fácil conquiſtar toda a India; e que dalli em diante o tiveſſem na conta do ſeu mais eſpecial amigo. Os dous Fidalgos lhe reſpondêraõ: Que eſtimavaõ tanto a honra, que lhes fazia, quanto ſentiaõ na occaſiaõ, em que lhes fallava, naõ poder render-lhe maior ſerviço, que o bem pequeno, que lhe haviaõ feito; mas que eſperavõ occaſiaõ de o avançar com tanta vantagem, que elle tambem a tiveſſe de augmentar a amizade.

Deſte modo acabou a primeira guerra de Goa. Como os doentes eraõ muitos, logo depois da batalha de D. Antonio de Noronha o Governádor os mandou adiante para Angediva na náo de Nuno Vaz. Elle ſeguio com a Arma-

mada a mesma derrota, mas porque el-
la necessitava de muito reparo, os doen-
tes, e feridos de cura mais prompta,
a gente fatigada de descanço; elle se
fez á vela para Cananor a 25 de Agos-
to deste anno. No mesmo dia antes de
montar o Cabo de Rama, encontrou
cinco náos nossas, que vinhaõ do Rei-
no; huma ainda pertencente á Arma-
da do Marechal, que invernára em Mo-
çambique; de que era Capitaõ Fran-
cisco Mareços; e as quatro, que traziaõ
o destino de Malaca, á ordem de Dio-
go Mendes de Vasconcellos com os Ca-
pitães Balthasar da Silva, Pedro Côrre-
ma, e Jeronymo Cerniche. Este en-
contro causou grande prazer a Affon-
so de Albuquerque, que nós deixa-
mos descançando em Cananor de tan-
tas fadigas gloriosas, para continuarmos
nos Livros seguintes com o progresso
das suas façanhas, que em todas as ida-
des haõ de occupar as cem bócas da
Fama.

LI-

LIVRO XXXVIII.

Da Historia Moderna de Portugal.

CAPITULO I.

Continúa a vida del Rei D. Manoel com os successos do anno de 1510 em Africa, na Europa, e na India, até novas expedições do grande Affonso de Albuquerque.

SE os ultimos acontecimentos da India, foraõ pouco vantajosos aos interesses do Rei D. Manoel, a justo titulo chamado, o Filho da Ventura, por causa da perda de Goa, elles foraõ hum retrocesso, hum fazer a mesma ventura pé atraz para logo correr á felicidade na mesma aceleraçaõ mais firme. Em Africa, depois que o Rei de Féz levantou o sitio de Arzila, que fica referido, ella reforçou o passo para reparar a fadiga, que teve na India; levan-

Era vulg. 1510

Era vulg. vando na ſua téſta ao grande Nuno Fernandes de Ataide, e ao bravo D. Vaſco Coutinho, Conde de Borba. O primeiro, mandando oitenta cavallos, derrotou hum corpo de Mouros com mórte do ſeu Alcaide Bengamene, de outros Agarenos deſtimidos, além dos que perdêraõ a liberdade. O ſegundo invadio duas Aldêas, onde fez 30 priſioneiros, e ſe recolheo com a preza de 1600 cabeças de gado, que fornecêraõ a ſua Praça. Barraxe, e Almandarim quizéraõ deſpicar eſtas injúrias, vindo com hum groſſo Exercito bater ás pórtas de Arzila; mas os de dentro lhes reſpondêraõ em tom taõ féro, que ſe retiráraõ contentes por nos darem huma moſtra de guerreiros.

Já neſte tempo o célebre Caciz de Numidia, que eu diſſe, ſe servíra das ſuas indúſtrias para ſe fazer o tronco da Familia dos Xerifes, havia mandado para o Reino de Féz a ſeus dous filhos os preſumidos deificados Mahamet, e Mahumed para darem principio aos vaſtos projectos concebidos por ſeu Pai. Elles ſe apreſentaraõ no Paço do Rei

Mu-

Mulei Hamet com o ſemblante officioſo de quem vinha aliſtar-ſe no ſeu ſerviço contra os Portuguezes, que divertiaõ a muitos dos ſeus vaſſallos dos caminhos da antiga Lei do Profeta. Como elles víraõ eſtabelecido em Féz o conceito, de que eraõ os interpretes illuminados do Alcoraõ, que os Portuguezes deſprezavaõ; foi-lhes facil conſeguir do Rei, contra o voto de hum ſeu irmaõ advertido, a permiſſaõ de ſe plantarem na téſta de huma trópa de cavallos com bandeira deſpregada, e tambor batido, como ſeus Alcaides, para andarem pelas Comarcas de Tangere, e Arzila, divertindo os Mouros da devoçaõ dos Portuguezes, confirmando-os na fé do ſeu Mafoma. Nós deixaremos os dous monſtros de ambiçaõ occupados por honra neſte exercicio da ſua piedade, que veio a ſer a pedra, aonde afiáraõ o cutélo, com que elles pretendiaõ degollar ao ſeu meſmo bemfeitor.

Era vulg.

Se ſaõ baſtantes para perturbar hum genio ſoberbo as affrontas imaginadas, quanto ſe inquietaría o altivo Rei de

Féz

Féz com tantas executadas, e feitas? Nos tranſportes deſtas conſiderações, que naõ podiaõ eſquecer as injúrias, e ruinas paſſadas, o Rei de Féz com exercito mais numeroſo, que o primeiro, reſolveo fazer ſegunda viſita á praça de Arzila. Entaõ ſe achavaõ nella Nuno Fernandes de Ataide, D. Joaõ Maſcarenhas, Capitaõ dos Ginetes, D. Franciſco de Portugal, depois Conde do Vimioſo, o Viſconde *D. Franciſco* de Lima, ſeu primo Diogo Lopes de Lima, Joaõ da Silva, Regedor da Caſa da Supplicaçaõ, Alvaro Gonçalves de Moura, D. Franciſco de Caſtro, Alcaide Mór do Sabugal, Ruy Gonçalves da Camara, Capitaõ da Ilha de S. Miguel, outros Fidalgos, ſoldados taõ promptos para a defenſa da Praça novamente fortificada, que o Rei de Féz, quando a examinou, ſe póz em retirada com o ſeu apparato formidavel ſem deſcarregar nella hum ſó golpe, na ſua reputaçaõ outro mais fundo.

Almandarim, e Barraxe quizeraõ vêr de quem fugia o Rei de Féz, e ap-

Era vulg

apparecêraõ ſobre Arzila. D. Fernando de Caſtro ſahio com hum ſó criado a recebellos; mas eſta temeridade lhe cuſtou a vida. Igual foi o deſtino de Jorge Vieira, que com trinta cavallos ataçou a Cide Hamet, filho do Alcaide de Alcacer-Quivir. Elle, ſeu Pai Eſtevaõ Vieira, outros bravos cavalleiros perdêraõ as vidas, alguns a liberdade, e voltáraõ nove a ſentir na Praça os effeitos da confiança deſmedida. Pouco util foi o remedio, que a eſta infelicidade quiz applicar D. Franciſco de Portugal, cobrindo a frente de noventa cavallos, na invaſaõ ſobre as Aldêas de Benagarfate. Elle ſim matou, e prendeo a muitos Barbaros; mas acodindo innumeraveis dos lugares viſinhos, D. Franciſco ficou mal ferido, deixou no campo mórtos, e captivos; entrando no número dos primeiros Affonſo da Silva, e Martim Affonſo Chichorro; no dos ſegundos André da Silva, e Franciſco Mouſinho.

El-Rei D. Manoel informado do que ſe paſſava em Africa, e na India, reſolveo ſuſtentar os intereſſes da Reli-

giaõ,

Era vulg. giaõ, e o crédito das armas com
tas forças navaes, que faz admira
quantidade de náos, que neſtes
ſahiaõ do Téjo. No de 1510, de
tratamos, partíraõ para a India co
deſignio da conquiſta de Malaca as
tro náos de Diogo Mendes de Va
cellos, em que fallei antecedentem
Nove dias depois partio Gonçal
Siqueira com ſete, de que eraõ C
tães, além delle, Manoel da Cu
Diogo Lobo, Jorge Nunes de L
Lourenço Lopes, Lourenço Mor
e Joaõ de Aveiro. A oito de Agoſt
hio Joaõ Serraõ com tres náos de
das á Ilha de S. Lourenço para aj
paz, e eſtabelecer commercio co
Reis de Matatana, e de Turubaia,
nos forneceriaõ os generos do ſeu
A quarta Armada, que pelo meſmo
po deo á véla para Africa, com
tino de fazer reſpeitar a Cidade de
fim, ás ordens do grande Nuno
nandes de Ataide, que entaõ vie
Lisboa; ella ſe compunha de mai
trinta náos, em que embarcou boa
te da Nobreza do Reino, e ſoldad

valor, dignos da refpeitavel empreza. Ei Nós fallaremos della nefte lugar para naõ rompermos depois o fio da narraçaõ nos fucceffos das outras Efquadras na India.

Como Nuno Fernandes de Ataide hia provido no governo de Çafim, apenas poz em terra a gente, munições, e viveres, naõ lhe foffreo o genio incançavel eftar muito tempo fem fazer entradas no Paiz dos Barbaros. Ambiciofo efte grande homem de avançar em Africa a authoridade do feu Rei, fahio a cobrar os grandes tributos impoftos aos lugares, que obedeciaõ ao mefmo Soberano, e aos defcontentes, que recufavaõ pagallos, reduzir a eftado de fe fubmeterem ao jugo. Em quanto ás invasões dos Póvos fortificados, alguma dellas naõ era comparavel com a do Caftello do Mouro chamado Santo, ou antes o Pagode vivo dos feus Povos, que o adoravaõ por hum prodigio de virtude. O Caftello, mais que pelo fitio, pela fórte guarniçaõ, mais que pela numerofa aretlharia, era defenfavel pelo refpeito defte Solitario,

a vulg. tinha promptas as vontades das gentes para darem as vidas em ſeu obſequio: circunſtancia, que fazia a tomada deſte Caſtello mais difficultoſa, que a de huma das Praças melhores da *Mauritania*.

O bravo Ataide, que conhecia a importancia de o reduzir, ſe moveo contra elle; e com tal vigor o atacou por todas as partes, que o levou *de aſſalto*. Quaſi todos os homens *perdêraõ* a vida, menos na defenſa da Praça, que na do reſpeitado trofeo vivo de Mafoma, que o Ataide mandou reſervar para varrer com elle as ruas de Çafim no ſeu triunfo. O eſtrondo deſta conquiſta fez tal commoçaõ nos eſpiritos, que de todas as partes concorriaõ *com* géſtos humiliantes a implorar a paz a Nuno Fernandes com as condições, que elle lhes quizeſſe preſcrever, para paſſarem a vida na tranquillidade ocioſa, em que tinhaõ ſido educados. Era o temor panico o primeiro agente deſtas ſubmiſſões; por iſſo depois de paſſado o primeiro ſuſto, Mouros innumeraveis de differentes Comarcas ſe *conju-*

rá-

rárao, rompérao a noſſa alliança, fi- Era vulg.
zérao ligas entre ſi, e dizem que com
o apparato eſpantoſo de ſeiscentos mil
infantes, e cinco mil cavallos, no dia
13 de Dezembro ſe apreſentárao ſobre
Çafim para pedirem contas ao Ataide
do ſacrilegio cometido na peſſoa do
Santao captivo.

Nuno Fernandes aviſado pelos batedores do campo da multidao de inimigos, que vinhao ſobre a Praça, por vias differentes deo parte a El-Rei, e pedio ſoccorros a Simao Gonçalves da Camara, que em muitas occaſiões os havia fornecido a todas as noſſas Praças de Africa tao importantes, quanto era ardente o zelo, com que elle ſe intereſſava no ſerviço do Principe. Succedeo nao eſtar Simao Gonçalves na Ilha da Madeira, por ter ſido chamado á Corte; mas ſua mulher, que tinha eſpiritos tao ſublimes como o marido, poz logo prompto hum Eſquadrao luzido, e numeroſo, que mandou a Çafim ás ordens de ſeu cunhado Manoel de Noronha. O Governardor diſtribuio a defenſa dos baluartes no recinto da

Era vulg. muralha por Francifco de Abreu com dous filhos de Joaõ Fernandes do Arco; por Chriſtovaõ Freire; por Joaõ Eſmeraldo; por Luiz de Atougia; por D. Rodrigo de Noronha; pelos *dous* irmãos Joaõ, e Antonio de Freitas; por outros dous irmãos Alvaro, e Manoel Mendes Cerveira; por Gonçalo Mendes Sacoto; pelo memoravel, e deſtemido Joaõ Homem; por Gonçalo Martins Valente; pelo Camareiro Mór D. Bernardo Manoel; por D. Garcia Deça; por ſeu cunhado Alvaro de Faria, e por Nuno Vaz de Béja; ficando elle com hum corpo valente para acodir aos lugares de maior neceſſidade com o ſeu Adail Lopo Barriga.

Eſcolhêraõ os Barbaros o dia 23 de Dezembro para darem hum aſſalto geral á Praça. Elle foi vehemente á medida da multidaõ empenhada nelle, ſem a embaraçar a mortandade, antes os montes dos mórtos ſerviaõ de eſcada para ſobirem os vivos. Os noſſos Fidalgos, mais qualificados, neſta occaſiaõ naõ ſe contentáraõ com ſer exhortadores, que animaſſem os ſoldados para

ſe

se arrojarem aos perigos. Elles mesmos, intrépidos, a peito descoberto, nos lugares, aonde só se deixavaõ vêr destroços da morte, arrojavaõ sobre os Barbaros tantos raios de polvora inflammada, tantas mantas ardendo em fogo, tal chuva de azeite, e pez fervendo, tudo acompanhado de huma innundaçaõ de ballas, e armas de arremeço, que os Mouros espantados abandonáraõ o ataque com mais pressa na retirada, que no avanço. Elles ficáraõ taõ cortados do nosso ferro, que sobre desertarem muitos, até ao ultimo de Dezembro estiveraõ sem acçaõ á vista da Praça. Em vulg.

Como tanta multidaõ já naõ podia subsistir junta por falta de viveres, e forragens; ella determinou, que o mesmo dia, em que acabava o anno, coroasse a sua empreza com hum assalto geral por todos os flancos dos baluartes, a que naõ podería resistir a guarniçaõ empenhada em tantos lugares. Enganou-os a confiança, quando em todos elles se encontráraõ com montanhas de constancia, a que nada abalava a firmeza. O Governador, que te-

mia

Era vulg. mia poder ſer entrado, como ſe elle ſe reproduziſſe, em todas as partes apparecia animando a gente, já com façanhas elegantes, já com vozes vivas. Os Fidálgos ſem mais lembranças, que as da honra, eſtimando-ſe para os perigos homens communs, pareciaõ leões, que ſe lançavaõ famintos ás prezas, aonde ellas com mais corage reſiſtiaõ. O menor dos ſoldados ſe diſtinguia de huma maneira taõ intrépida, que os Mouros naõ pódendo ſoffrer o fogo, e o ferro, a fereza, e o ardor, os golpes, e a mortandade, levantáraõ o ſitio, e foraõ pela Africa derrramando o terror ſó com repetirem o nome de Nuno Fernandes de Ataide.

Da inacçaõ repentina, do ſilencio profundo dos inimigos inferio eſte Chéfe, que elles ſe queriaõ aproveitar da noite para a retirada. Occupado deſta idéa, ſahio da Praça na téſta de quatrocentos cavallos, e cem infantes para obſervar os movimentos do campo, e ſe o viſſe em marcha picar-lhe a reta-guarda. Elle o conſeguio com vantagem, matando muitos, fazendo bom

nú-

Era vulg.

número de prisioneiros; mas para naõ ficar opprimido de tanta multidaõ, naõ quiz alongar-se de Çafim, por naõ impossibilitar a retirada. Já nos primeiros dias de Janeiro de 1511, informado de que algumas das trópas tinhaõ tomado quartéis pelos Aduares visinhos a Almedina; elle, e Manoel de Noronha, irmaõ de Simaõ Gonçalves da Camara, em duas occasiões as foraõ atacar, e as diminuíraõ com grande número de mórtos, e captivos. Mas suspendendo agora o estrondo da guerra de Africa para o renovarmos no seu tempo proprio, passemos a ouvir na India o que se anima com o brado do grande Affonso de Albuquerque.

CA-

CAPITULO II.

Trataõ-se as expedições de Affonso d'Albuquerque na India depois da perda de Goa até a reconquista da mesma Cidade.

Era vulg.

NÓS deixamos dito antecedentemente, como o Governador Affonso de Albuquerque, retirando-se de Goa com a sua Armada, encontrára no rio de Rama a Diogo Mendes de Vasconcellos com as quatro nãos que vinhaõ do Reino destinadas á empreza de Malaca, e com a do Capitaõ Francisco Marecos pertencente á Esquadra do Marechal D. Fernando Coutinho, que invernára em Moçambique. Diogo Mendes seguio ao Governador até Anchediva; e elle com a reuniaõ desta Esquadra considerando-se em estado de emprehender no Veraõ a restauraçaõ de Goa, de que dependia a conservaçaõ da India; representou a Diogo Mendes, que naõ obstante lhe ordenar El-Rei que o reforçasse para a expediçaõ de ...

laca, esta se podia differir para ambos unidos intentarem primeiro a de Goa, que era muito mais importante. Diogo Mendes quiz ouvir o parecer dos seus Capitães, que se conformárao com o do Albuquerque.

Era vulg.

Tomada esta resoluçaõ, mesmo de Angediva despedio elle a Francisco Pantoja com a sua náo carregada de mantimentos para Çocotorá, com ordem de dizer a D. Antonio de Noronha, Capitaõ desta Fortaleza, que logo se recolhesse para a India; e a Duarte de Lémos, que o desculpasse por naõ haver differido aos seus requerimentos, em razaõ dos embaraços, que lhe carretáraõ os negocios de Goa. Immediatamente se fez a Armada á véla para Cananor. O nosso amigo Timoja a esperava em Onor com hum grande refresco, que lhe foi bem compensado com a carta honrada, amigavel, e officiosa do Rei D. Manoel, que Diogo Mendes lhe entregou. Timoja transportado de gosto, estimando-a como cousa sagrada, protestou sobre ella, que o resto da sua vida seria hum acto

con-

Era vulg. contínuo de reconhecimento no serviço de taõ grande Rei. Depois de chegar a Cananor, o Albuquerque naõ perdêo instantes nas disposições para a execuçaõ das idéas, que tinha concebido.

Elle despedio a Simaõ Martins Caldeira com tres náos para impedir na barra de Calecut a sahida das de Meca, e a Garcia de Sousa com outras tres para cruzar na mesma cósta. Diogo Mendes foi encarregado de andar com a sua Esquadra do monte de Delli até Baticalá para dar caça ás náos, que sahissem de Goa, e Gaspar de Payva com tres para observar o que se passava nesta Cidade. Quando o Albuquerque se occupava nestas disposições, foi avisado como nosso fiel amigo Trimumpara, Rei de Cochim, era morto no seu Turcol, aonde passára o resto da vida occupado no serviço dos Deoses. Seu sobrinho Naubeador, tambem nosso alliado, reinava por elle a prejuizo do legitimo Principe de Cochim, seu irmaõ mais velho, por seguir o partido, e se allistar no serviço do Rei de Calecut no tempo das guerras de Trimumpara:

in-

infidelidade, que o inhabilitou para a successaõ do Reino, que lhe tocava. Era huma das Leis fundamentaes delle bem rigorosa, que quando algum Rei se retirasse a viver solitario no Turcol, em este fallecendo, o Principe, que reinasse ao tempo da sua mórte, abdicaria o Reino para ir occupar a sua praça: lei, que naõ podia deixar de subprender aos Portuguezes, vendo que a Coroa de Cochim pela abdicaçaõ de Naubeador, hia recahir em hum Principe faccionario de Calecut, todo abandonado aos seus interesses.

Era vulg.

Com as forças de ambos os Reinos se movia o Principe de Cochim para dethronar ao Reinante, e o arrojar ao Turcol sem vontade de viver na santidade imaginada. O Governador, que naõ podia deixar de olhar a elevaçaõ, e conservaçaõ de Naubeador no seu Reino, como obra da protecçaõ do Rei D. Manoel; a sua installaçaõ sobre o Throno, como huma acçaõ digna da corage do Albuquerque; elle se apresenta em Cochim com huma Esquadra numerosa para fazer valer o direito das

ar-

[margin: ...a vulg.]

armas sobre o da Lei fundamental do Reino. Bastou ouvir-se o nome do Albuquerque para o Principe, e os seus alliados suspenderem os projectos, e ficar vasia no Turcol a praça de Trimumpara. He verdade, que os grandes desejos da expediçaõ de Goa obrigáraõ o Governador a retirar-se de Cochim antes de tempo, e voltar a Cananor; mas deixando as ordens mais precisas a Nuno Vaz de Castello Branco, e a Lourenço Moreno para sustentarem os interesses de Naubeadorim, como dos mais importantes á reputaçaõ do Rei D. Manoel.

Aproveitou-se o Principe da ausencia do Albuquerque para entrar em Cochim com hum Exercito numeroso. Castello Branco, e Moreno lhe apresentáraõ batalha, que o Principe naõ pode recusar pelo excessivo poder, pelo ardor dos soldados, pela situaçaõ, em que se achava. Ella foi huma das mais disputadas, em que a fortuna, a multidaõ, o furor nos mostráraõ semblantes tristes; mas a tudo superior a corage Portugueza, generosamente esti-

ma-

mulada, fez nos inimigos tal destro- Era vul
ço, que perdidos os alentos, se pozéraõ em fugida vergonhosa, taõ esquecidos da segurança do Principe, que elle só a si se deveo escapar da mórte, ou da prizaõ. O écco desta victoria, que soou por todos os Reinos daquelle continente, naõ só firmou no Throno a Naubeador, mas tirou a esperança ao Principe de já mais reinar em Cochim, sem meios de outra subsistencia, que de continuar no serviço do Rei de Calecut.

Outro ruido, que punha em suspençaõ parte da Asia, eraõ os aprestos marciaes, que o Albuquerque fazia em Cananor. Chegáraõ elles aos ouvidos do Rei de Cambaya, e o obrigáraõ mandar á mesma Praça hum Plenipotenciario para lhe representar da sua parte: Que sendo voz pública, como elle preparava huma Armada para navegar ao Golfo da Arabia, lhe pedia que na passagem quizesse vir a hum dos seus pórtos, aonde ambos podessem formar os Artigos de huma paz duravel. O mesmo Ministro levava cartas

pa-

Era vulg. para o Governador de cincoenta Portuguezes do naufragio de D. Affonſo de Noronha, que eſtavaõ captivos em Cambaya. Sobre a ſua liberdade lançou o Governador as primeiras linhas para os preliminares, e o Miniſtro lhe aſſegurou as boas intenções de ſeu Amo a eſte reſpeito. Elle ſe recolheo ſatisfeito por todo o genero de honras, que lhe foraõ acceitaveis pela delicadeza: firme na promeſſa, de que na *primeira* occaſiaõ ſe concluiría a alliança, que já ficava em tanto vigor, como ſe o Tratado eſtiveſſe aſſignado.

No principio de Novembro já o Governador tinha prompta para a expediçaõ de Goa huma Armada de trinta, e quatro náos, em que embarcáraõ 1500 Portuguezes, e 300 Malabares. Chegado a Onor, quiz o Albuquerque authoriſar as vodas de Timoja, que ſe recebeo com huma filha da Rainha de Gozompa; aſſiſtindo lhe com toda a Nobreza luminoſa, e brilhante. Aqui o informou eſte amigo fiel, como o Hidalcaõ, depois que reſtaurára Goa, lhe reforçára as obras

ex-

exteriores, lhe profundára os fossos, reparára as muralhas, augmentára a artelharia, e lhe mettêra huma guarniçaõ de nove mil homens a maior parte Turcos. Naõ servíraõ estes maiores embaraços de obstaculo ás nossas resoluções. Fez-se Conselho de guerra, e nelle ficou determinado, que Timoja passaria da Terra firme para a Iha de Goa; que tres navios seus se uniríaõ á nossa Armada; e que Medio Rao, seu Capitaõ valente, e honrado, iría lançar ferro dentro da barra defronte de Banganim.

Era vulg.

Este Official, considerando-se Chéfe estimado, revestio o espirito de tal fereza, que se lançou intrépido sobre Pangim, e a guarniçaõ, que defendia este porto, naõ podendo sopportar-lhe os golpes, occupada de terror abandonou o posto, e se refugiou na Cidade. O Governador, que destinára o dia 25 de Novembro para dar a Goa o primeiro assalto; para fatigar a guarniçaõ com o desvélo da noite antecedente, mandou que as galéz, e huma náo em toda ella naõ cessassem de lhe fazer fogo. Duas horas antes de amanhecer es-

Era vulg. estava prompta nos batéis a gente destinada para o ataque, que chegou a terra no silencio mais profundo. O Governador, que se encarregou do avanço pela porta chamada depois dos Bacharéis, levava em hum Esquadraõ 900 Portuguezes, e os 300 Malabares de Cananor com parte dos nossos Capitães. Sobre outro lado do muro haviaõ marchar com 300 homens os dous irmãos D. Jeronymo, e D. Joaõ de Lima, Diogo Fernandes de Béja, e outros. No meio destes dous córpos haviaõ mover-se para hum ataque particular 200 soldados ás ordens de Diogo Mendes de Vasconcellos, de Gaspar de Payva, de Ruy de Brito Patalim, de Nuno Vaz de Castello Branco com varios Officiaes de conhecido valor. Para atacarem o lanço até ao esteiro chamado de Timoja, foraõ destinados 300 homens, que mandavaõ os dous irmãos Simaõ, e Fernando Peres de Andrade, com Ayres da Silva, Manoel da Cunha, e Antonio Raposo.

Ao romper o dia marcháraõ estes córpos ao mesmo tempo para os luga-

res

res dos seus respectivos ataques. De nada importou a resistencia valerosa, a innundaçaõ de fogo, o diluvio de ballas, que os inimigos arrojavaõ, para elles deixarem pouco a pouco de ir ganhando terreno. Á porta, que hoje dizemos de Santa Catharina, estava hum bravo Capitaõ Mouro com grande número de gente para fazer destacamentos aos lugares mais apertados. Vendo elle a audacia façanhosa, com que os Portuguezes se lançavaõ aos póstos de mais resistencia, mandou sahir dos muros a sua trópa para suspender a furia dos nossos repelões. Entaõ foi o combate de desesperaçaõ; mas conseguindo todos os nossos córpos ganhar as estancias, sobre que cada hum delles contendia, os inimigos cortados do ferro, e do medo, se foraõ retirando circunspectos.

Era vulg.

Pelas portas, que se abríraõ para receber os fugitivos das obras exteriores perdidas, quizeramos nós entrar de tropel com elles. Os de dentro as fechavaõ, quando chegava Diniz Fernandes de Mello, que intentou impe-

 dil-

ção metendo-lhe a lança ſoccorrido por Diogo Fernandes de Béja, que acudio para o ajudar a ſuſtentalla, naõ ſuccedeſſe os inimigos arrancar-lha das mãos, e cerrarem a pórta. Neſta contenda de a abrir, e a fechar, viaõ os noſſos, que ſe a abríaõ, ficava franco o primeiro paſſo para a victoria; os contrarios, que ſe a fechavaõ, tinhaõ conſtante a eſperança da defenſa. Concorriaõ os noſſos para a metterem dentro; o bravo Mouro, que eu diſſe, ſe esforçava para repellir os impulſos. Em fim treze Portuguezes impavidos a mettèraõ dentro, entráraõ, foraõ carregando os inimigos, e nós naõ lhes faremos a injúria de deixar no eſquecimento os ſeus nomes, dignos de glória immortal. O primeiro, que rompeo eſta porta de Santa Catharina, foi Frederico Fernandes ſeguido de Diniz Fernandes de Mello, de Diogo Fernandes de Béja, de D. Jeronymo de Lima, de Vaſco Fernandes, de Antonio Vogado, de Pedro Gomes de Lemy, de Joaõ Lopes de Alvim, de Antonio de Souſa, de Gaſpar Caõ, de Simaõ Velho,

lho, de Alvaro Gomes, e de Francisco Coelho de Viseo.

Grande foi o perigo destes treze homens, insultados por huma quantidade de inimigos, que os cobriaõ de huma nuvem de armas de arremeço despedidas das ruas, das janellas, e dos tectos das casas. Elles estavaõ nos termos de perder a grande vantagem ganhada, senaõ fossem soccorridos com alguma gente por Ayres da Silva, Mendo Affonso de Tangere, Fernaõ Peres de Andrade, Manoel da Cunha, Gaspar de Payva, e outros, que reforçáraõ o combate, e mettêraõ aos inimigos em desordem. Dos nossos se avançáraõ vinte com temeridade a perseguir muitos, que hiaõ a refugiar-se no Palacio do Hidalcaõ; mas vendo os poucos, que os seguiaõ, fizéraõ maõ baixa sobre elles, matáraõ a Vasco da Fonseca, a Cosme Coelho, e D. Jeronymo de Lima foi jarretado de golpes, de que cahio esmaiado. A este espectaculo todos os mais voltavaõ cáras, quando chegavaõ Ayres da Silva, e Mendo Affonso, que com as vozes, mais com o

exemplo animáraõ os camaradas pa
levarem os Barbaros a golpes, até a
metterem pelas escadas do Paço, qu
elles buscavaõ para ultimo asylo.

Alguns dos Portuguezes, já derra
mados por toda a Cidade, accodíra
ao estrondo deste choque, sendo o pri
meiro D. Joaõ de Lima, que encon
trando a seu irmaõ D. Jeronymo no e
tado triste, que fica dito, já lutand
com a ultima agonia, o amor frate
nal o fez parar sentido, desejoso d
soccorrello. Mas o espirito de D. Jer
nymo, ainda naquella hora occupad
dos sentimentos da honra, lhe dis
com vozes languidas: Que vos detei
des? Marchai avante, que semelhant
occasiaõ nada a perturba: eu morr
no meu officio; vós continuai no vosso
Assim o fez D. Joaõ, que em hu
grande largo junto ao Palacio vio dese
perada a peleija, os nossos poucos re
deados de muitas trópas de cavallo
e pelotões de Infantaria, perdida a e
perança de refugio, quasi entregue
nas mãos da mórte. A este aperto ac
codio com a sua gente Diogo Mende
de

de Vasconcellos, que havendo por outra parte entrado na Cidade, foi levando diante de si os inimigos despedaçados a cutiladas, até chegar ao terreiro do Paço.

Era vulg

Já alguns dos nossos levavaõ parte dos Barbaros de tropel pelas suas escadas, quando a Manoel de la Cerda lhe mettêraõ no rosto hum ferro de lança com hum pedaço da haste, que delle ficou pendente. Esta vista gentil, e a formidavel de hum Ethiope monstruoso, que montado a cavallo sustentava a refrega com ardor incrivel, enfureceo aos Portuguezes, que se lançáraõ a elle, e o deitáraõ em terra morto. Hum criado do la Cerda pegou do cavallo, e o offereceo a seu Amo, que montou nelle com o ferro pregado na cara, taõ insensivel á dôr, e á perda do sangue, que se lançou ao combate com a vivacidade de quem com forças inteiras começava a peleija. Os Barbaros perdêraõ nella os espiritos com a morte do Ethiope, com a de muitos dos seus camaradas feitos em póstas: terror, que naõ só os pôz em fugida

pre-

Em vulg. precipitada, mas tirou a outros o acordo para naõ sentirem, que se arrojavaõ dos muros para rebentarem na queda.

Em quanto estas cousas succediaõ na Cidade, o Governador, que havia desembarcado mais longe, e teve de sobir huma ladeira atropelando montes de perigos, depois de se mandar informar por Simaõ Martins da origem do grande estrondo, que ouvia ás portas de Santa Catharina, elle se avançou para a rua dos Bacharéis. Neste passo o obrigou a fazer alto huma multidaõ de Mouros formados, que se vinhaõ retirando, e encontrando este novo tropeço, determináraõ vender cáras as vidas. O Governador se lançou a elles, com o impeto da corrente, que tudo leva diante. A resistencia dos Barbaros foi heróica; mas morta a maior parte, o resto posto em fugida, entrou o Governador na Cidade pela porta dos Bacharéis, e degollados da guarniçaõ tres mil homens, o grande Affonso de Albuquerque rendeo Goa.

A sua primeira acçaõ na entrada desta Capital foi dar as graças ao Grande Deos

das

das Batalhas ; e quando parecia , que conquista semelhante havia custar aos Portuguezes a melhor parte das suas trópas, nós tivemos a perda de quarenta homens mórtos, e o trabalho de curar 300 feridos. Eu naõ duvido nos prodigios , que dizem obrára o Ceo nesta occasiaõ : mas que demonstraçaõ mais evidente da presença Divina em nosso soccorro , que vermos huma Cidade magnifica taõ fortificada , defendida por armas innumeraveis, cheia de hum Povo numeroso , presidiada por nove mil homens escolhidos, que fizeraõ huma resistencia denodada, e façanhosa, no espaço breve de seis horas render-se a 1300 Portuguezes, e a 300 Malabares de Cananor, seus auxiliares? O Governador advertido , para que os soldados naõ se desmandassem, naõ esquecessem a disciplina , e com a victoria naõ se fizessem arrogantes , mandou tocar a recolher, fechar as portas, e postar córpos de guarda para depois dar as providencias á conservaçaõ da Cidade, que elle destinava para Capital do Estado Portuguez na India.

Era vulg.

CA-

CAPITULO III.

Das disposições de Affonso de Albuquerque, que depois da conquista de Goa, e dos successos de Africa no principio do anno de 1511.

Era vulg. RENDIDA a Praça de Goa com tanta gloria das nóssas armas, como o Albuquerque previo que ella viria a ser huma das Cidades mais consideraveis da India, nada esqueceo de quanto podesse contribuir para a sua conservaçaõ, da sórte que nós o temos experimentado pelo espaço longo de 265 annos. No mesmo dia da victoria, que se completou ás déz horas da manhã, o Governador mandou dar fogo aos arrabaldes, naõ só para poupar o número de gente, que necessitava para os guarnecer; mas pelo ter assim promettido em desaggravo á perfidia dos Canarins na guerra passada. Tomou-se conta dos despojos, que naõ foraõ muitas riquezas, pelas haverem transportado os moradores para a Terra firme. Encontramos

com

com tudo o de que tinhamos mais necessidade, que era muita artelharia, immensas armas de todos os generos, huma quantidade prodigiosa de munições de guerra, e de bocca, e huma multidaõ de navios de todas as sórtes.

Era vulg

Quando nos occupavamos nestas manobras chegou o nosso amigo Timoja, que nos trazia tres mil homens de soccorro; e achando tudo feito, deo desculpas taõ evidentes da causa da demora, que o Governador naõ pode deixar de reconhecer a sua sinceridade. Sem perda de tempo fez elle publicar muitos Regulamentos para a boa Economia da República, que hia a fundar. Ordenou, que professor algum da lei de Mafoma ficasse na Cidade, nem na Ilha: que poderiaõ ficar os Gentios, que quizessem, com tanto, que pagassem ao Rei D. Manoel os mesmos tributos, que delles cobrava o Hidalcaõ; e que os Mercadores, seguros na boa fé, continuassem como d'antes os seus tratos. Para que elles assim o entendessem, mandou a Fernaõ Peres de An-

dra-

n vulg. drade, a Pedro da Fonseca de Castro, e a Antonio de Sá, que com tres náos fossem advertir a todas as embarcações, que encontrassem, viessem com toda a segurança a Goa tratar do seu Commercio.

Deo o governo da Cidade a Rodrigo Rebello, e porque com esta promoçaõ vagava o de Cananor, elle o proveo em Manoel da Cunha, filho de Tristaõ da Cunha, que partio logo a encarregar-se delle, e a aprestar as cousas necessarias á Armada, com que Diogo Mendes de Vasconcellos havia ir a Malaca. Despedio a Jorge Botelho, e a Simaõ Affonso Bisagudo para irem cruzar na barra de Calecut; fazendo estes Capitães, e os nomeados a cima, várias prezas importantes pelos lugares dos seus destinos. Dadas estas providencias aos negocios de fóra, o Governador politico, e soldado, advertio que a vantagem da sua conquista obrigaria Póvos menos guerreiros, que os Portuguezes, a nada perdoarem para reduzirem Goa ao estado de huma das mais fórtes Praças, e de huma das Ci-

da-

dades mais soberbas do Universo. A constancia desta idéa o obrigou a escogitar arbitrios, que lhe correspondessem, ainda que encontrada aos sentimentos do seu predecessor o Vice-Rei D. Francisco de Almeida, que naõ queria firmar o estabelecimento dos Portuguezes na India no dominio de Praças, senaõ na superioridade sobre os mares.

Em vulg

Para formar huma Colonia de vassallos fiéis, ligados com os vinculos de huma mesma communhaõ, o Albuquerque depois de fazer baptizar as Gentias, que captivou agora, e que prendeo na primeira tomada de Goa, casou a todas com Portuguezes; repartindo por cada casal fundos de terra para a sua subsistencia. Na noite das vodas succedeo, que o tumulto fosse causa de alguns dos maridos trocarem as mulheres. Quando amanheceo conhecêraõ o engano, desfizéraõ o cambio, e se contentáraõ, com que o negocio da honra ficasse hum por outro. Para confortar os espiritos com a glória da reputaçaõ, ordenou se levantasse hum grande cunhal, aonde fez abrir os nomes

ra vulg. mes dos que mais se destinguírað na to-
mada da Cidade. Como os genios Por-
tuguezes naõ saõ capazes destas exce-
pções, todos os que naõ víraõ os seus
nomes gravados na Pyramide, entráraõ
a comover-se. O Albuquerque pruden-
te, para os socegar, mandou que aquel-
la face da pedra se escondesse no angu-
lo de huma parede; e que na contraría
se gravassem as palavras da Escritura:
Lapidem quem reprobaverunt ædificantes, bic factus est in caput anguli.

Ao mesmo tempo ordenou, que
todos os Pagodes do rito gentílico, e
as Mesquitas do Mahometano fossem ar-
razados, e que os materiaes servissem
nas obras da fortificaçaõ. Entaõ prin-
cipiou a época feliz da magnificencia
de Goa, pouco depois naõ satisfeitos os
seus moradores só com edificarem na
Cidade casas brilhantes; mas pela cam-
panha, e pelas margens do rio Palacios
soberbos: tudo demonstrações das ri-
quezas monstruosas, que no mesmo tem-
po se tiravaõ da Cultura, e do Com-
- Tantos successos felices pelo
idades animados em Goa, co-
mo

mo no centro do nosso poder em Asia, tem justificado bem as Máximas entaõ reprovadas do grande Albuquerque pela emulaçaõ dos invejosos, e já mais se arrependêraõ os Portuguezes, que depois seguíraõ os seus regulamentos. Com estes successos damos fim aos do anno de 1510, e na entrada do de 1511 nos fornece materia para a Historia a continuaçaõ das gentilezas de Nuno Fernandes de Ataide.

Era vulg.

Este Commandante depois de fazer levantar o sitio de Çafim no ultimo de Dezembro, de ter picado a reta-guarda do Exercito dos Mouros; nos primeiros dias de Janeiro sahio a investir os lugares junto a Almedina, aonde Manoel de Noronha, que se arriscou a perder-se, fez nos Barbaros o estrago, que fica referido. Entre outras expedições menos consideraveis deste Chéfe, que bastáraõ para se estabelecerem gróssos tributos por huma vasta extensaõ de terreno dos Reinos de Féz, e de Marrocos, foi muito importante a dos Aduares ao lado de Conte, que elle subprendeo na frente de 460 caval-

1511

los,

ca vulg. los, e de 500 Infantes. Os Aduares amigos, que ficavaõ sobre a marcha; lhe sahiaõ ao caminho á implorar a sua clemencia. Nos contrarios, aonde levava o destino, elle por hum lado, e pelo outro o seu Adail Lopo Barriga, descarregáraõ golpes taõ pezados, que passados á espada 300 no primeiro repelaõ, 600 submettêraõ a liberdade. No despojo de 300 camellos, e cavallos, de mil bois, e de 50000 cabeças de gado miudo se escolheo a quantidade, que se podia conduzir.

Acabada a refrega appareceo no campo o nosso fiel alliado Abentafut, que veio sentir-se ao Ataide de naõ o querer occupar nesta empreza, sendo elle nosso Capitaõ do Campo. O Chéfe o tratou com as demonstrações do maior agrado, e o Mouro protestou que elle preferia a fidelidade de submetter aquellas Comarcas á obediencia do Rei D. Manoel sobre quantos interesses lhe tinhaõ mandado propôr os Soberanos de Fez, de Marocos, de Sus, e de Hehaõ: fidelidade, de que elle continuou a dar as provas

mais

mais constantes. Deste modo tratava- Era vulg.
mos em Çafim os negocios militares,
sem interrupçaõ alguma do Commer-
cio, depois que Nuno Fernandes de
Ataide lhe permitio a abertura. Na cam-
panha se degollavaõ os homens; mas
na Praça entravaõ, e sahiaõ livremente
a commercio franco com os generos
mais preciosos os Mercadores Mouros,
e Judeos com huma segurança pasmo-
sa na simples palavra do Commandan-
te.

E para deixarmos aqui referidos os
successos de Africa neste anno, devo
lembrar a respeito da sua conquista o
Tratado de limites, que El-Rei D. Ma-
noel celebrou com a Rainha D. Joanna
de Castella, no qual ficou na nossa de-
marcaçaõ o Reino de Féz. Agora que
Fernando o Catholico governava por
sua filha, succedeo fugir-lhe de Castel-
la para aquelle Reino hum Fidalgo,
que chamavaõ D. Pedro, o Bastardo.
Este homem culpado, cahido da gra-
ça do seu Rei, de condiçaõ intrigante,
desejoso de applacar a cólera do Sobe-
rano, fiado na grande amizade de Ale-
Bar-

Era vulg. Barraxe, Mouro poderoso, e Governador de huma Praça de Berberia, naõ pensa menos, que em submetter a Fernando o Reino de Féz, lisonjeando a Barraxe com o nome de Rei tributario do de Castella. Gostou o Barbaro da doçura do nome, e dispôz por seu meio, que Fernando deixasse vir D. Pedro a Hespanha para tratar com elle negocios de importancia.

Taõ bem ouvida foi a proposta pelo Rei de Castella, que no mesmo instante esqueceo o tratado fresco, as razões do sangue, a obrigaçaõ de amigo; em fim as Razões de Estado, as do interesse fizéraõ bem os seus officios nos annos velhos do Rei Catholico. Voltou D. Pedro a Africa com a acceitaçaõ do convite, e para dar huma tintura grosseira á perfidia, que contra nós maquinava, veio a ser nosso hospede em Alcacer-Ceguer. Rodrigo de Sousa, que a governava, e que com o espirito de penetraçaõ, de que era dotado, observava em D. Pedro a irregularidade dos discursos, e as anfibologias nas palavras; entreteve-o alguns dias,

dias, até que pode haver cartas, que D. Fernando efcrevia a Barraxe, de que tirou cópias, que mandou a D. Manoel, logo que o Caftelhano fahio de Alcacer. Subprendeo-fe El-Rei com as idéas defte attentado de feu Sogro, que fe conformava á vifta da numerofa Armada, que fe preparava em Malaga. Era vulg.

Quando de huma parte fe faziaõ queixas por hum tom, que pareciaõ myfterios, e da outra fe davaõ negações frias, que manifeftavaõ a duplicidade; o Papa Julio II. reprefentou ao Rei D. Fernando, que contra elle fe ligavaõ Luiz XII. de França, e os Venezianos, que o foccorreffe para cobrirem o Reino de Napoles ás invasões de tantos iuimigos. Fataes foraõ eftes officios aos projectos concebidos fobre Féz, que deviaõ ficar preteridos á vifta da confervaçaõ de Napoles. Como a occafiaõ punha a D. Fernando em maior neceffidade de cobrir os defignios tratados com Barraxe, elle entendeo, que o confeguia convidando a D. Manoel para entrar na Liga contra França, e Veneza. El-Rei, naõ fó fe fez

Era vulg. desentendido ás propostas dos Embaixadores de Castella; mas mandou fornecer de viveres, e munições a seis galés Francezas, que entráraõ em Lisboa, com sentimento profundo de D. Fernando. Finalmente, como esta guerra na Europa embaraçou a expedição de Africa, D. Fernando já mais a lembrou, D. Manoel nunca mais a sentio.

Antes destas cousas succederem em Africa, e no tempo em que ellas aconteciaõ, Duarte de Lemos, que como fica dito, se encarregou do Commandamento da Esquadra destinada para o Cabo de Guardafú, quando em Moçambique soube do naufragio, e da mórte de seu tio Jorge de Aguiar; elle chegou a Ormuz, e naõ podendo conseguir do Rei Ceifadim, e de Cogeatar concluir a Fortaleza, que o Albuquerque principiára, contentou-se de estar com elles em paz, sem obrar por aquellas partes nada de memoravel. De Ormuz foi a Mascate, e por enfermar gravemente em Çocotorá, se fez levar a Melinde, aonde recobrou a saude. Elle avisou ao Albuquerque por Vasco

da Silveira da repugnancia, que encontrára em Ormuz para a continuaçaõ da obra da Fortaleza: repugnancia, que naõ podéra desfazer pela desproporçaõ das suas forças, que pedia lhe augmentasse com soccorros effectivos. Duvidou o Albuquerque fazello com o pretexto do embaraço dos negocios de Calecut; mas assegurando naõ tardaria em se lhe unir para ambos irem á Arabia atacar huma Armada, que se dizia aprestava o Soldaõ do Egypto para invadir a India.

Era vulg

Como este rumor foi falso, e o Albuquerque o em que cuidava entaõ era a conquista de Goa; D. Affonso de Noronha, que estava provido na Fortaleza de Cananor, e Francisco Pereira de Berredo embarcáraõ na náo de Antaõ Nogueira para a India. Na viagem aprezáraõ elles huma grande náo de Cambaya carregada de mercadorias preciosas; mas sobrevindo huma tormenta, esta náo foi varar na Cósta de Dabul, e ficou a sua guarniçaõ prisioneira do Hidalcaõ. A de Antaõ Nogueira correndo com o *mesmo* tempo, quiz to-

Era vulg. mar o porto de Damaõ pertencente a Cambaya, aonde naufragou. D. Affonso de Noronha, que se lançou ao mar para se salvar nadando, perdeo a vida. Nos fragmentos da náo escapáraõ 50, que saõ aquelles, que nós dissemos escrevêraõ ao Albuquerque sobre o seu resgate pelo Embaixador de Cambaya, que da parte de seu Amo lhe foi offerecer a paz a Cananor, quando elle se preparava para a segunda jornada de Goa.

Reparou Francisco Pantoja parte desta perda, tomando outra náo de Cambaya muito mais importante, que a primeira, mandada por Alecaõ, parente do Rei Mamud, a qual conduzio a Çocotorá. A quem havia pertencer esta preza, se ao Governador da India, se a Duarte de Lemos por ser feita no destricto da sua jurisdicçaõ, isso foi assumpto de huma disputa entre elle, e Francisco Pantoja. Pouco depois veio Duarte de Lemos para Cananor, aonde foi recebido do Albuquerque com demonstrações delicadas de verdadeira amizade, que lhe protes-

tava o quanto sería completa a sua satisfaçaõ, se hum Capitaõ de tanto merecimento, como era o seu, quizesse acompanhallo na jornada de Goa, para onde estava a partir. Era vulg.

Muito longe do coraçaõ sincero do Albuquerque estava o dobrado de Duarte de Lemos. Huma inimizade occulta, que o arrastava, naõ só o fez escusar-se áquelle honrado convite; naõ só o induzia a deprimir com os seus amigos as acções mais bellas do Albuquerque; mas ainda depois de restaurada Goa com tanta glória, elle naõ podia conter-se sem declamar, que huma acçaõ sem consequencias custára a vida aos mais bravos Portuguezes: que deixára exhauridos os Erarios Reaes: que naõ podia conter o gosto de se escusar a huma empreza, que sería a causa da nossa ruina: que as acções do Albuquerque eraõ indignas de hum homem de guerra; e que nellas mais se descobria de felicidade, e de fortuna, que de prudencia, e de valor.

Se o Albuquerque fosse outro homem, estas calúmnias eraõ bem capazes

mar o porto de Damaõ pertence
Cambaya, aonde naufragou. D.
so de Noronha, que se lançou
para se salvar nadando, perdeo
Nos fragmentos da náo escapá
que saõ aquelles, que nós differ
creverãõ ao Albuquerque sobre
resgate pelo Embaixador de C
que da parte de seu Amo lhe
ferecer a paz a Cananor, qua
se preparava para a segunda jo
Goa.

Reparou Francisco Pant
desta perda, tomando outr
Cambaya muito mais impor
a primeira, mandada por A
rente do Rei Mamud, a q
zio a Çocotorá. A quem h
cer esta preza, se ao Gov
India, se a Duarte de Le
feita no destricto da sua jur
so foi assumpto de huma
elle, e Francisco Pantoja
pois veio Duarte de Le
nanor, aonde foi recebi
querque com demonstraç
de verdadeira amizade,

tava o quanto sería completa a sua satisfaçaõ, se hum Capitaõ de tanto merecimento, como era o seu, quizesse acompanhallo na jornada de Goa, para onde estava a partir.

Muito longe do coraçaõ sincero do Albuquerque estava o dobrado de Duarte de Lemos. Huma inimizade occulta, que o arrastava, naõ só o fez escusar-se áquelle honrado convite; naõ só o induzia a deprimir com os seus amigos as acções mais bellas do Albuquerque; mas ainda depois de restaurada Goa com tanta glória, elle naõ podia conter-se sem declamar, que huma acçaõ sem consequencias custára a vida aos mais bravos Portuguezes: que deixára exhauridos os Erarios Reaes: que naõ podia conter o gosto de se escusar a huma empreza, que sería a causa da nossa ruina: que as acções do Albuquerque eraõ indignas de hum homem de guerra; e que nellas mais se descobria de felicidade, e de fortuna, que de prudencia, e de valor.

Se o Albuquerque fosse outro homem, estas calúmnias eraõ bem capazes

zes de o chegarem ás ultimas extremidades. Com tudo, elle soffreo, e callou para naõ confrontar o seu caracter sabio, e valeroso com o indiscreto, e temerario de Duarte de Lemos. Quando esta emulaçaõ estava no maior vigor, sem que alguem o pensasse, elle recebeo ordem da Corte, para que com a sua não se recolhesse logo ao Reino, e unisse as mais á Armada do Governador. Tudo ficou em socego, e elle expedito para tratar com o Rei de Cambaya o cambio dos 50 Portuguezes pelos seus vassallos, que captivára Francisco Pantoja. Usando porém de hum impeto de generosidade, sem esperar a resposta do Rei Mamud, lhe mandou livre a seu parente Alecaõ: generosidade a que correspondeo o Principe enviando-lhe soltos a Diogo Correa, e a Francisco Pereira com os mais captivos.

CA-

CAPITULO IV.

O Governador da India, depois de dar em Goa as ultimas providencias, de concluir a controversia com o Vasconcellos, parte para a conquista de Malaca.

O ESTRONDO da conquista de Goa, Era vulg. como adquirio para o Albuquerque huma grande reputação, elle entrou a receber as honras devidas a hum Conquistador. Concorrêraõ logo a pagar os feudos os Ministros dos Principes tributarios, que eraõ o Rei de Baticalla, e o Principe de Chaul. Para se congratularem com o Albuquerque da victoria, viéraõ da parte de seus Amos Embaixadores dos Reis de Narsinga, de Cambaya, de Calecut, de Vengapor, de Onor, e de outros muitos, que com as suas comitivas brilhantes engrossáraõ a Corte do Governador, como huma das dos maiores Principes. Por outra parte as familias dos recemcasados, a quantidade de moradores,

Era vulg. a frequencia das Nações, tudo concorria para Goa parecer huma Cidade luminosa. O Governador entretinha com politica assim os Ministros públicos, como as pessoas particulares para serem testemunhas das disposições bellicas, e civís, com que elle regulava ambas as Economias da Cidade para a fazer hum Emporio, que elles fossem acclamando pela Asia respeitavel.

Ao contrario o Hidalcaõ naõ podia soffrer a fidelidade do competidor da sua fortuna, e conveio em quantas invectivas lhe propunhaõ os seus Generaes para a restauraçaõ de tamanha perda. Elles se nos deixavaõ vêr muitas vezes nas immediações da Ilha com semblantes de assustar; mas todas as suas tentativas serviaõ de nos firmar o crédito, de confirmar o nosso poder em Goa, de sobirem a alto tom a reputaçaõ do Albuquerque, tanto mais sublime, quanto mais atacada.

Este Chéfe incançavel, ao mesmo tempo que se occupava em tantos nego-

cios sérios, elle hia engrossando a Armada para combater a do Soldaõ nos mesmos pórtos da Arabia: elle despedio com tres náos a Diogo Fernandes *de Béja* para navegar a Çocotorá, receber nellas a guarniçaõ, e arrazar a Fortaleza, como Praça indifferente, inutil ao serviço do Rei: elle aconselhou prudente a Diogo Mendes de Vasconcellos, que lhe pedia reforços para ir sobre Malaca, suspendesse hum projecto, que era taõ difficultoso como o da conquista de Goa, e necessitava de huma Fróta, como entaõ naõ era possivel fornecer-lhe; que se unido com elle participára da glória daquella conquista; agora, sem se separar da mesma uniaõ, fosse adquirir outra semelhante no ataque da Armada do Soldaõ, para marchar da Arabia para Portugal coberto de honra.

Era vulg.

Oppôz-se o Vasconcellos, naõ só aos verdadeiros sentimentos do Albuquerque; mas á resoluçaõ bem ponderada no Conselho da India. Irritado contra ella até se tomar do furor, rompeo com o Albuquerque todas as me-

di-

Era vulg. didas: clamava, que elle se oppunha ás Ordens Reaes na negaçaõ dos soccorros, com que elle queria ir vingar a honra do seu Principe; que elle a pezar de todos os obstaculos, havia antes acabar na observancia do regimento, que se lhe déra em Lisboa, do que contravillo condescendendo aos sentimentos teimosos do Governador. Observou este, que todas as manobras do Vasconcellos o precipitavaõ; e contra elle, e os seus Officiaes mandou deitar hum bando com pena de degredo, e de confiscaçaõ de bens, se sahissem do porto sem licença sua; fulminando aos Pilotos, e Mestres com sentença de morte por castigo da desobediencia.

Nada refreia hum espirito altivo, quando concebe por affronta ceder dos primeiros designios. O effeito, que a ordenaçaõ do Governador produzio em Diogo Mendes, foi esperar huma noite escura com vento favoravel, e seguido dos seus Capitães, botar barra fóra. Esta noticia subprendeo, indignou ao Governador, que naõ podia deixar de sentir o abatimento da sua authorida-

dade á vista do desprezo formal, que Era vulg. Diogo Mendes lhe fazia. Elle manda a algumas galéz, e náos, que o sigaõ, com ordem de o reconduzir ao porto, e que senaõ o quizesse fazer, o metessem no fundo. Foi preciso hum principio de combate, huma balla desarvorar a verga grande da náo, outra matar dous marinheiros para Diogo Mendes amainar. Todos prezos, entráraõ pela barra de Goa, aonde logo se ajuntou o Conselho para deliberar sobre hum caso taõ insolito.

Era necessario dar hum exemplo, que nas trópas conservasse a disciplina; formar processo da contravençaõ ás ordens do primeiro Chéfe, e sobre a evasaõ furtiva, que Diogo Mendes fizéra do porto. Elle foi sentenciado em degredo para o Reino, e que em quanto naõ partia, estivesse prezo no Castello de Goa. Outro Acordaõ semelhante se lavrou contra o Capitaõ Pedro Quaresma, que sem embargo de ficar no rio, naõ descobrio a conjuraçaõ ao Governador. Jeronymo Cerniche, que a aconselhou, e a promoveo, foi julgado

Era vulg. do merecedor de ſe lhe cortar a cabeça, os Pilotos, e Meſtres de ſerem enforcados. Em dous deſtes ſe fez a execuçaõ nas vergas de huma das náos. Por Jeronymo Cerniche, e pelos mais Pilotos intercedéraõ os Embaixadores de Narſinga, de Cambaya, e toda a noſſa Nobreza. O Governador differio promptamente a eſtas ſúpplicas, e lhes commutou em deſterro a pena de mórte, degradou dos ſeus póſtos aos Officiaes, que na primeira occaſiaõ foraõ mandados para Portugal.

O Albuquerque, que vencida huma perturbaçaõ domeſtica, ſe juſtificava com lhe ajuntar huma façanha para avançar a reputaçaõ; deixando Goa bem preſidiada, com huma Armada de vinte, e tres náos ſe fez á véla para o mar da Arabia. Os ventos contrarios o forçáraõ a arribar a Goa, aonde ſe reſolveo em conſelho pleno, que aquella monçaõ ſe aproveitaſſe na viagem de Malaca. Ao parecer ſe ſeguio a execuçaõ; e dando em Cochim novas providencias, que ſe reduzíraõ a encarregar a Duarte de Mello de Serpa a inſpecçaõ

çaõ sobre a marinha; a deixar em Co- chim cinco náos commandadas por Manoel de la Cerda para na entrada do Veraõ fazer a guerra a Calecut, e ter cuidado na segurança de Goa; elle navegou para Malaca com dezoito náos, em que levava 800 Portuguezes, e 600 Indios.

Era vulg.

No discurso da viagem tomamos quatro navios de Cambaya muito importantes, que hiaõ para Malaca. Depois sobreveio hum temporal, que levou a Fróta á Ilha de Çamatra, aonde ferrou o porto de Pedir. O seu Rei lisongeou ao Governador, mandando-lhe a bórdo nove Portuguezes, dos que Diogo Lopes de Siqueira deixára em Malaca, donde elles fugíraõ para se approveitarem da boa hospitalidade daquelle Principe. Entre estes vinha Joaõ Viegas, que lhe deo noticia da mórte executada em Bendara por querer tirar a vida ao Rei de Malaca, e que o Principe Nahodabeguea, nosso inimigo na mesma Cidade, por complice no crime de Bendara, se pozera em seguro, fugindo para Pacem. Logo se fez o

Go-

Em vulg. Governador na volta deste Reino, e pedio ao seu Soberano lhe entregasse a pessoa do Principe refugiado; o que elle prometteo fazer com promessas de ganhar tempo para o Principe o ter de chegar a Malaca, avisar ao Rei da vinda do Albuquerque, e com este serviço expiar a culpa passada.

Mas quando a fortuna persegue a hum infeliz, nada lhe detem os impulsos. Perto da Ilha da Polvoeira encontrou a nossa Armada a náo, que levava a Nahodabeguea, e foi logo atacada. Este Principe, que sabia havia encontrar aos Portuguezes inexoraveis, quiz antes morrer no leito da honra, que ás mãos de hum verdugo, e se defendeo até acabar, e com elle todos, que tiveraõ por injúria sobreviver, quando elle morria. Os nossos o acháraõ aberto em feridas sem deitar huma só gota de sangue a beneficio de huma pedra, que trazia, criada em hum dos animaes, a que no Reino de Siaõ chamaõ Cabrizias, que sendo-lhe tirada se esgotou em hum instante. Fizeraõ-se outras prezas, e depois appareceo a

náo

náo, que nos mares de Pacem fez desviar as nossas, por pareçer, que ardia em hum incendio voraz, quando elle era fogo artificial atiçado no convéz, façil de apagar, e com que as suas gentes se escapáraõ. Dous da tripulaçaõ vieraõ na lancha a bórdo da Capitania, e pedindo licença ao Governador para fallar, lhe dissèraõ: Em vela.

Que hum Chéfe taõ magnanimo, como elle, naõ podia deixar de lhe perdoar o incendio imaginado da sua náo, quando a mandou atacar; porque a isso os obrigára o amor da vida, e da liberdade: que nella nada havia, que podesse despertar o gosto delicado de homem taõ magnifico, naõ sendo elles pyratas, nem mercadores, que levassem generos, ou tivessem feito prezas: que ao contrario, todos eraõ Fidalgos honrados do Reino de Paçem, partidarios do infeliz Sultaõ Zeinal, que fora dethronado, do Patrimonio Real, e hereditario excluido por hum usurpador violento: que elles hiaõ pedir soccorros á Ilha de Java para fazerem, que o seu Soberano legitimo remontasse o Thro-

Era vulg. Throno dos ſeus maiores; mas que havendo tido o encontro feliz do General Portuguez, a que toda a Aſia chamava Heróe completo, elles lhe pediaõ em nome dos fiéis vaſſallos de Pacem, que para glória do Rei de Portugal, e ſua, amparaſſe com as forças daquella Armada a hum Principe perſeguido.

O Albuquerque acceita eſta propoſta com humanidade jucunda; promette ſoccorrer o infeliz Zeinal, e em quanto elle em peſſoa naõ o hia cumprimentar, deputou a Fernando de Andrade para ir a Pacem, e o inſtruir nas intenções ſaudaveis, que elle acabava de formar a ſeu reſpeito. A relaçaõ, que mandou o Andrade do eſtado triſte, em que achou eſte Principe abatido, tocou com ſenſibilidade ao Governador; que apreſſou a partida para a conferencia com Zeinal. Eſte ſe prometteo tributario da noſſa Coroa, logo que o Albuquerque o reſtituiſſe ao Reino: empreza, que ſe havia ajuſtar em Malaca, para onde nos ſeguio Zeinal, embarcando na noſſa Capitania, ou por-

que assim se considerava mais seguro, ou por naõ perder de vista os objectos das suas esperanças. Em vulgi

No primeiro de Julho ancorou a Armada em Malaca no meio de muitas náos de diversas Nações, que com inquietaçaõ entráraõ a mover-se para se separarem della. O Governador sentio as consequencias deste temor panico, que teve por offensivo do seu crédito, e manda publicar que elle naõ vinha áquelle porto declarar guerra, senaõ a quem quizesse fazer-lha: advertencia, que tranquillisou a revolta, socegou os espiritos, e facilitou o trato de cinco Capitáes de outras tantas náos da *China*, que vieraõ render-lhe os mesmos obsequios, que antes haviaõ feito no mesmo porto a Diogo Lopes de Siqueira. O Governador lhes agradeceo a civilidade com huma cêa esplendida, em que os licores da Europa servíraõ de lhes derramar nos corações jucundidades. Nós participariamos dellas pelos motivos dos cumprimentos do Rei; das desculpas da injúria feita ao Siqueira pelas sugestões de Bendara, que el-

le lhe castigára com pena de mórte; pelos desejos vehementes, que tinha de huma paz; pela conservaçaõ da vida de Rodrigo de Araujo, e dos mais Portuguezes, que haviaõ ficado em Malaca, se todas estas expressões fossem sincéras.

Á vista dellas encontrou o Governador em negociaçaõ. Pedio se lhe restituissem os Portuguezes, e lhe foi respondido, que naõ o podia fazer por andarem dispersos. Requereo lugar para a fabrica de huma Fortaleza, e deixando-se na sua eleiçaõ, nada se lhe apromptava para ella. Ao mesmo tempo recebia elle cartas do Araujo, e noticias dos Capitães Chinas, que o avisavam de que o Rei de Malaca esperava huma grande Fróta para vir combater a sua; que na Praça haviaõ nove mil peçhões montados com gente á proporçaõ para os servir; e que a guarniçaõ em grande número tudo tinha prevenido para huma vigorosa defensa. Albuquerque para se justificar na de tantas Nações, que estavaõ em Malaca, as instruio na perfidia, q

maquinavaõ, quando a sua intençaõ naõ era romper o Commercio, nem inquietar a paz das Monarquias, antes ao contrario mostrar-se amigo commum, e trabalhar pela concordia entre os Soberanos. O Sultaõ Zeinal, que naõ penetrava o fundo destas politicas, nem sabia conhecer o mesmo que via; temeroso de que elle viesse a ser a victima da discordia ameaçada, huma noite fugio da náo do Governador, e foi pedir a protecçaõ do Rei de Malaca, que necessitava ser protegido.

Era vulg.

Já sem esperança de conseguir a concordia por meio de negociações, o Governador quiz vêr se a lograva por effeito do medo. Antes que chegassem os soccorros, que se esperavaõ na Cidade, mais justificada a resoluçaõ com a fugida de Zeinal, no dia seguinte manda elle dar fogo ás casas, que estavaõ pelas margens do mar, a tres náos de Cambaya surtas no porto, e principiou o terror a fazer na gente da plebe os seus officios. Os clamores populares constrangêraõ o Rei Mamud a enviarnos Rodrigo de Araujo com os mais

Era vulg. Portuguezes, que alli deixára Diogo Lopes, para fazer propostas de paz, pedirem a retirada das trópas de terra, e a extinçaõ do incendio. Do tom desta linguagem entendeo o Governador a pouca firmeza dos inimigos; conveio, em que se apagasse o fogo; mas ficou bem advertido pelo Araujo, de que quanto com elle se usava eraõ estratagemas, que o obrigavaõ a estar á lerta.

Esta negociaçaõ nova com o Albuquerque foi acompanhada de huma ordem mandada intimar pelo Rei á todos os Commandantes das náos de Mercadores para naõ sahirem do porto. Rompeo logo a voz pública, que *Mamud* queria nelle as Nações para Expectadoras da tragedia dos Portuguezes, quando chegasse a Armada, que o Rei esperava. O Governador contrapôz á esta outra ordem semelhante, rogando aos Capitães Chinas naõ se apartassem de Malaca sem o verem reduzir a cinzas a Cidade. Immediatamente foi observar o sitio, por onde havia fazer o ataque, e achou mais cómmodo o da pon-

te; e o lugar de huma Mesquita em pouca distancia della, aonde os Mahometanos se haviaõ entrincheirado. Na vespera do Apostolo Patraõ de Hespanha postamos em terra dous Esquadrões: O primeiro, que marchou a investir a ponte, era mandado por D. Joaõ de Lima, e com elle Fernaõ Peres de Andrade, Gaspar de Payva, Jayme Teixeira, Fernaõ Gomes de Lemos, Vasco Fernandes Coutinho, e Sebastiaõ de Miranda com outros bravos soldados.

O segundo buscou o mais grosso da povoaçaõ, e na sua têsta o Governador com Duarte da Silva, Simaõ de Andrade, Jorge Nunes de Leaõ, Ayres Pereira, Joaõ de Sousa, Antonio de Abreu, Pedro de Alpoem, Diogo Fernandes de Mello, Simaõ Martins Caldeira, Nuno Vaz de Castello Branco, e Simaõ Affonso Bisagudo, bravos conquistadores de hum dos Emporios da Asia. O Rei Mamud, além de outras defensas, havia feito armar vários elefantes, que deviaõ levar humas pequenas torres ambulantes guarnecidas

do

de soldados escolhidos, em hum dos quaes estava elle resoluto a montar, quando principiasse o combate para defender em pessoa ao seu Reino, e vassallos. Pelo meio de hum incendio marchavaõ intrépidos os nossos Esquadrões ao som das caixas, e trombetas, que enfureciaõ os animos para se avançarem sem piedade á degolla. O Governador com impeto monstruoso ganhou a fortificaçaõ pela parte da Mesquita; mettendo os inimigos pela bocca de huma rua, por onde os foi levando ás cutiladas. O primeiro, que montou o muro, foi Simaõ de Andrade; e quando D. Joaõ de Lima, e o seu Esquadraõ se conduziaõ com corage em nada desemelhante, appareceo o Rei em hum elefante seguido de outros.

Este Principe fez parar os soldados, que fugiaõ de todas as partes, sendo a sua resistencia hum instrumento da maior animosidade, e furor dos Portuguezes. Na Praça grande de Malaca se reuníraõ os elefantes em fórma de batalhaõ com espadas atadas nos dentes para deceparem com as trombas a

as nossas fileiras. O descostume de combatermos como inimigos animaes ferozes, com os aparatos artificiaes mais temerosos, pôz em suspensaõ o nosso valor. No meio deste pavor houvéraõ entre nós dous destemidos, que quizéraõ confortar as suas indústrias com a Fortaleza dos brutos. Fernaõ Gomes de Lemos ao lado direito, e Vasco Fernandes Coutinho ao esquerdo com as lanças enristadas lhes abríraõ caminho, e aos primeiros que passavaõ, as mettêraõ pelo ventre. Estes elefantes sentindo-se feridos entráraõ em fúria: desconhecêraõ a voz dos seus guias; chocáraõ huns contra os outros; recuáraõ *sobre os* inimigos com maior impetuosidade, que a do avance sobre os Portuguezes, e cresceo a desordem a favor da sua fortuna.

Era vulg.

O Rei em grande perigo teve de desmontar-se, combatter a pé para ganhar o Palacio, aonde as guardas trabalháraõ para lhe segurar a pessoa. Elle o conseguio ferido gravemente em huma maõ: infelicidade, que foi necessario occultar aos soldados mettidos em der-

ro-

Era vulg. rota para lhes naõ augmentar a consternaçaõ. Entaõ o Albuquerque, que estava rodeado de inimigos, deixando parte da gente na cabeça da ponte para a defender, se arrojou com tanto impeto aos que estavaõ nella, que os mais foraõ passados á espada, e o resto lançando-se ao rio, a gente dos batéis o fez em postas. O mesmo succedeo a hum grosso Esquadraõ, que estava firme na bocca de huma rua: vantagens, que nos deixáraõ senhores da ponte, aonde nos fortificamos. Como o combate tinha durado da madrugada até ao meio dia, e os soldados estavaõ cançados, o Governador naõ quiz entaõ entranhar-se na Cidade até ao Palacio do Rei; mas mandou dar fogo a todas as casas por ambos os lados da ponte, e as mais que corriaõ da Mesquita ao Paço: manobra, que durou até ao pôr do Sol, e para descançarmos della, nos recolhemos ás náos a esperar o outro dia. Neste foi grande a mortandade dos inimigos: nós tivemos treze mórtos, e setenta feridos; recolhemos na Armada 52 canhões, que se ganháraõ, e

o

o nosso temor obrigou muita da gente Era vulg. a fugir aquella noite da Cidade.

CAPITULO V.

Como foi conquistada a Cidade de Malaca, e dos intentos do Hidalcaõ sobre a restauraçaõ de Goa.

TANTO dominou o medo aos de Malaca á vista dos prodigios de valor, que os nossos acabavaõ de obrar, que o Rei de Paõ, pouco antes recebido com huma filha de Mamud, naõ teve corage para estar mais tempo na companhia de seu Sogro; que Utetimuta Raja, Mercador Jao poderosissimo, com presentes ricos se mandou offerecer ao Governador para empregar todas as suas faculdades no serviço do Rei de Portugal; e que outros muitos para se porem a cobérto do nosso furor, naõ se declarassem pelo partido dos Portuguezes. Os Chinas satisfeitos das nossas vantagens, porque lhes passava a monçaõ, rogáraõ ao Albuquerque os dei-

Era vulg. em fugida com grande estrago a todo o presidio da ponte. Pela sua parte o Albuquerque se conduzia com taes xtremos de valor, que os Barbaros naõ lhe podendo sustentar a presença, abandonáraõ a Mesquita, e hum Fórte visinho á Cidade.

Sobre hum Elefante rodeado de tres mil homens, appareceo o Rei para acodir aos seus neste aperto; mas vendo-os em derrota, e as estancias perdidas, se foi retirando para o Paço. Os Portuguezes circunspectos naõ quizéraõ entaõ seguillo, e perdêraõ a melhor preza. Entaõ se amparou o Albuquerque de algumas casas, a que tinha perdoado o fogo; plantou nas suas soteias peças de campanha, que batessem as ruas; mandou que as embarcações ligeiras rondassem o rio; a dous Esquadrões, que entrassem pelas ruas sem perdoarem a sexo, nem a idade; e sobrevindo a noite, cessou a peleija, e se separáraõ os combatentes.

Já os Portuguezes contavaõ ao Rei Mamud no número dos seus prisioneiros; mas elle na mesma noite se refugiou no sertaõ com suas mulheres, e filhos, com o enorme thesouro de Ma-

la-

laca, em que os nossos tinhaõ firme a esperança de ficar ricos. Quando amanheceo, e os Portugezes nada víraõ no Palacio, tomados da cólera lhe déraõ fogo. Voltáraõ sobre a Cidade, aonde ninguem lhes resistia, naõ cuidando as trópas, que restavaõ, em mais expedientes, que nos de se salvarem. Nesta consternaçaõ, já tudo abandonado á pilhagem, o Governador postou salvas guardas nas casas de Utetimuta Raja, de Ninachetu, dos Pegus, Jaos, e Quelins nossos amigos para as livrar dos insultos. Os despojos, com que os soldados se remuneráraõ as suas fadigas, foraõ monstruosos; e entre elles tres mil peças de artelharia, e naõ nove mil como dissera o Araujo; huma quantidade prodigiosa de armas, de munições de guerra, e bocca, de máquinas naõ conhecidas dos nossos, de aprestos para Armadas: em fim tanto de tudo, que só dos generos, que se acháraõ pelas casas, importou o quinto para El-Rei 200$000 escudos de ouro.

Erh. vulg.

Taõ grande conquista, riquezas immensas, huma Cidade brilhante, huma

Era vulg. ma glória esplendida, tantos inimigos mórtos; nós o compramos a troco de bem poucas vidas. Os nossos Officiaes, e soldados se conduzíraõ por modo taõ sublime, que enchêraõ de admiraçaõ aquellas Regiões. Daqui em diante se empregou o Governador em ganhar a benevolencia dos Póvos, que temiaõ aos Portuguezes, como gente feroz: Principiando pelos negoçios da Religiaõ, deo graças a Deos por taõ consummada victoria; fez edificar huma Igreja com o titulo da Assumpçaõ da Senhora; e passando aos temporaes, mandou publicar bandos, para que os Mercadores, e familias, que haviaõ fugido da Cidade, voltassem para ella sem susto: encarregou o governo dos Mouros a Utetimuta Raja, o dos Gentios a Ninachetu para administrarem sobre elles justiça confórme ás Leis da Cidade; advertencia saudavel, que attrahio grande número de Estrangeiros: fundou no lugar da Mesquita a Fortaleza, que se chamou Famosa, de que fez Commandante a Rodrigo de Brito Patalim; servindo-se para ella da pedra das sepul-

tu-

turas dos Reis, e dos Grandes, que mandou desfazer: cunhou moeda com as Insignias do Rei D. Manoel, e florecendo como d'antes o Commercio, Malaca se restitue debaixo da sujeiçaõ Portugueza o explendor primitivo.

Em vulg.

O Governador advertido, de que o Rei apartado da Cidade oito legoas, deixando a guarda do rio encarregada ao Principe Alodin seu filho, poderia formar intentos de reentrar na sua Corte; destacou para o irem atacar aos dous irmãos Simaõ, e Fernando Peres de Andrade com outros Capitães, alguns Portuguezes, Jaos, e Gentios da terra. Elles deraõ nos inimigos com tanto esforço, que lhes arruináraõ as trincheiras, totalmente os derrotáraõ; com todas as bagagens, e sete elefantes se recolhêraõ victoriosos a Malaca. Esta perda junta á tristeza, que o Rei afflicto tinha concebido, de naõ fazer a paz com os Portuguezes sugerido pelo Principe Alodin, e por alguns dos seus Officiaes, foraõ golpes, que o matáraõ de repente: Principe de coraçaõ aca-

nha-

Em vulg. nhado, que sem presença de espirito perdeo a constancia na desgraça.

Esta mórte abrio o passo para muita gente de Malaca tomar o nosso partido. Entre ella Lasaman, que fizéra as funcções de General do Rei defunto, se offereceo ao Governador para servir ao de Portugal. Elle lhe acceitou o convite; asségurando, que os homens do seu merecimento tinhaõ lugar em toda a parte, na sua estimaçaõ o mais distincto; que podia restituir-se a Malaca, aonde naõ acharia menos os agrados do Rei morto. Huma carta anonyma, que debuxava ao Albuquerque com as côres da tyrannia, e má fé, divertio a Lasaman do seu intento, e penetrou o fundo da alma do grande homem, que em nada pensava tanto, como em guardar a integridade da palavra, e o sagrado das promessas.

Adoçou o nosso Chéfe este desprazer com a vinda dos Embaixadores de muitos Principes daquelles continentes, que lhe rendiaõ honras, e o tratavaõ em tom de Testa coroada. Ao mesmo tempo chegou de Siaõ Duarte Fernan-

des,

des, que fora eſtimado daquelle grande Rei com exceſſo, e enriquecido com donativos precioſos. Elle aſſegurava ao Albuquerque quanto lhe era agradavel a alliança com o ſublime Rei de Portugal: que a ſua victoria ſobre Malaca o enchêra de prazer: que elle eſtava promto para contribuir em tudo, quanto foſſe vantagem do Imperio Portuguez; eſtimar a Dignidade delle Governador, e de todos os Capitães do grande Rei. Para elle retribuir eſta reputaçaõ do Monarca, ſenhor de onze Provincias, que cada huma dellas era hum Reino reſpeitavel, e que todo o enchia de honra, mandou a Antonio de Miranda de Azevedo, e a Duarte Coelho, que com os ſeus poderes plenos, e ricos preſentes foſſem a Siaõ gratificar ao Rei as condeſcendencias benevolas, com que o tratava a elle, e a ſua Naçaõ.

Era vulga

Eſtes Enviados enchêraõ bem os ſeus deveres junto á peſſoa do Rei, e da Rainha ſua Mãi, que dobráraõ com elles as attenções. Ainda que taõ grande o Rei de Siaõ, naõ contribuio pouco para a ſua humanidade a noſſo reſ-

Era vulg. peito, estar elle bem instruido nas Embaixadas solemnes, que, como a hum Soberano, haviaõ mandado ao Albuquerque os Reis poderosos de Java, de Pegu, e de outros grandes Estados, sollicitando a alliança, a amizade, o Commercio com os Portuguezes; fazendo elogios singulares as suas virtudes. Contra elles só o Principe Aladin naõ podia disfarçar o odio, que herdára de seu Pai com o resto dos Estados de Malaca. Elle se quiz esforçar para restituir a sua perda: ajuntou tropas, pedio soccorros, fez amigos, compoz hum pequeno Exercito, quiz arriscar-se a hum combate; mas sendo, tambem herdeiro da desgraça do Pai, perdidas as forças, e as esperanças, teve de se fortificar na Ilha de Bintaõ, donde lançou ao Governador, para ir passando em imagem de Principe vida de particular. Mas os movimentos do Hidalcaõ sobre Goa naõ nos consentem maior extensaõ nos negocios de Malaca.

CA-

CAPITULO VI.

Escreve-se a guerra do Hidalcaõ contra Goa, em quanto Affonso de Albuquerque estava em Malaca.

A IMPACIENCIA do Hidalcaõ para restituir a Cidade de Goa naõ lhe consentio que passassem muitos dias depois da partida do Albuquerque sem tentar fortuna, talvez considerando que ou elle na empreza poderia arruinar-se, ou ganhando a Cidade, a perda nos combates, e a guarniçaõ, que lhe deixasse, diminuiria as forças, que poriaõ Goa em fraqueza para fortificarem Malaca. Estes bem pensados designios o resolvêraõ a mandar com tres mil homens a Pulatecaõ sobre as Tanadarias da Terra firme. Melrrao, e Timoja, sempre fiéis aos interesses de Portugal, lhe sahíraõ ao encontro com quatro mil soldados da terra, e alguns cavallos, que facilmente o desbaratáraõ. Pulatecaõ soube recobrar a sua Praça; voltou á carga com trópas novas em maior

Era vulg.

Era vulg. tou o campo de Pulatecaõ, obſervou a deſigualdade, conheceo o engano. Se elle foſſe menos ardente faria huma retirada com honra; ſe reflectiſſe no conſelho prudente de Cogebiqui, naõ acabaria com a nota de temerario, ſequaz do proprio capricho.

Mas a fortuna, quando quer traçar a ruina, favorece a audacia. O Commandante arrojado, ſó com o voto de Manoel da Cunha igualmente atrevido, com a cavallaria, e alguns Malabares, ſem eſperar os Canarins, ſe lançou ſobre Pulatecaõ, que eſtava occupado em receber a gente, que paſſava para a Ilha em jangadas. Neſte repelaõ foraõ os dous Aventureiros taõ felices, que degolláraõ mais de 300 homens; fizeraõ que muitos ſe arrojaſſem ao rio, aonde ſe affogáraõ, e conſtrangêraõ Pulatecaõ a buſcar o refugio de humas paredes velhas, aonde ſe fez fórte com 80 Turcos. A eſte tempo chegavaõ os Canarins, que vendo os inimigos mettidos em derrota, ſe dividíraõ para os perſeguir na retirada. Rebello, e Cunha ſe avançavaõ, eſpada em maõ, para levarem o

o casaráõ á escalla. Cogebiqui prudente Era vulg. os quiz dissuadir do intento com a lembrança, de que nelle estava Pulatecaõ resoluto com muito mais gente que a sua, toda atrevida: que naõ arriscassem sem fructo as suas pessoas, quando aquelles contrarios estavaõ prisioneiros, se fossem atacados de longe com armas de arremeço.

O Commandante, e o Cunha, soberbos com a victoria, desprezáraõ o conselho prudente, e os inimigos vencidos; com quatorze cavallos entráraõ pelas roturas do casaráõ; mas os dous pagáraõ a pena da temeridade, cahindo atravessados pelos peitos de duas lançadas, e os mais feridos se pozeraõ em retirada.

Ficou Pulatecaõ senhor do campo, porque a gente desmandada se recolheo á Cidade, que estimou a Cogebiqui por hum Capitaõ sabio, e previsto. Tratou-se de eleger Governador para a Praça, e por unanimidade de votos foi reconhecido Francisco Pantoja, que pelo nascimento, qualidades, e valor e[illegible] digno do emprego; mas elle de tu[illegible] esquecido o recusou, sem reparar q[illegible]

des-

Era vulg. desanimava a gente com os motivos da escusa pública, que reduziaõ Goa ao estado de huma Praça indefensavel. A Nobreza, e Povo, que tinha outros sentimentos, e conhecia em Diogo Mendes de Vasconcellos espiritos para maiores emprezas, que a defensa da Cidade, naõ obstante o Albuquerque o deixar prezo, elles o nomearaõ Governador de Goa. Entaõ allegou Francisco Pantoja o seu direito, mas os seus requerimentos foraõ desprezados á proporçaõ do muito, que se possuía estava desattendida, o seu valor ultrajado.

O novo Governador applicou logo todos os cuidados para bem sustentar a dignidade do seu emprego. Elle fez trabalhar nas fortificações, dobrou a guarniçaõ, proveo a Praça de viveres, e com 200 Portuguezes, e 600 Canarins se fez prompto para sustentar o sitio de hum Exercito, que cada dia se engrossava. Pulatecaõ, que estava senhor da Ilha, para facilitar o trajecto das trópas levantou no passo de Benastarim huma Fortaleza, que proveo de grossa artelharia; e já com emboscadas, já com for-

força descoberta vinha insultar a Cidade para conseguir, que a pequena guarniçaõ sahisse a campo. O Governador a nada taõ attento, como á conservaçaõ do seu pouco mundo, tinha pela maior glória sacodillo da frente das muralhas com a gente em cima dellas. Entaõ experimentou elle duas próvas de amizade, huma em Crisna, que no mesmo dia, em que tomou posse do governo, sem se assustar com o perigo de Goa, lhe pedio o admittisse dentro da Cidade com a sua gente para o servir, como lhe foi concedido; outra em Francisco Pereira de Berredo, que veio de Cananor em huma fusta com trinta Portuguezes offerecer-se para seu companheiro nos trabalhos.

Era vulg.

Impaciente o Hidalcaõ porque o sitio se prolongava tanto, o encarregou a seu cunhado o Turco Rosalcaõ, que levava ordem para Pulatecaõ lhe obedecer. O ciume metteo aos dous Chéfes em desordem, que nos poderia ser util, se alguns dos defensores de Goa fossem menos crédulos. O Turco astucioso escreveo ao Governador, assegurando-lhe que

Era vulg. que elle naõ lhe vinha fazer a guerra; mas a castigar Pulatecaõ, que a intentára sem ordem de seu Amo: que para destruirem este homem arrogante era necessario, que elle unisse ás suas as forças da Praça; e que para próva da sua sinceridade, se elle nisso condescendesse, traria aos Portuguezes, que naufragáraõ em Dabul para lhos entregar. O Governador com a maior parte dos Officiaes acreditáraõ a suggestaõ, e déraõ ao General fraudulento soccorros por mar, que contribuíraõ muito para a ruina de Pulatecaõ.

Apenas Rosálcaõ se vio livre do seu competidor, fez saber a Diogo Mendes, que elle naõ só deixava de lhe mandar os Portuguezes captivos, como lhe promettêra; mas lhe requeria, que sem demora entregasse Goa a seu dono, sem se expôr a que elle levasse tudo a fogo, e sangue, naõ dando quartel a algum vivente. Todos se subprendèraõ á vista desta perfidia abominavel; e cuidáraõ em reparar a sua condescendencia indiscreta por meio de huma tal defensa, que naõ deixasse lugar vazio entre

a

a perda das vidas, ou ganhar a victoria completa. Tomou novas forças a guerra, acautelados os Portuguezes na defensa dos póstos, escusando-se ás sahidas, que naõ tivessem vantagens evidentes. A entrada do Inverno rigoroso, que fechava os mares, pedia outra circunspecçaõ a respeito das munições, e viveres, que se deviaõ poupar. Nelle foi tal a continuaçaõ das chuvas, que deitáraõ a terra hum grande lanço do muro: brecha capaz de entrarem de frente Esquadrões formados em batalha.

Era vulg.

Igual ao nosso susto foi a confiança dos inimigos nesta fatalidade. Rosalcaõ, até entaõ suspenso por causa das innundações, rompe todas as difficuldades, e se avança para levar Goa de assalto. Elle marchou com intrepidez a montar a escalada; mas encontrou outro muro de peitos fórtes, que fez invencivel a fraqueza do arrazado. Peito a peito se combatêraõ furiosos, sitiantes, e sitiados, ambas as partes com effusaõ de sangue, muito maior a dos inimigos. Nós perdemos de huma balla a Cogebiqui, que nos fizéra tantos

ser-

Era vulg. ferviços com fidelidade, acabando com a glória de valente soldado, e de Capitaõ advertido. Esta perda foi contrapezada com o gosto da retirada dos inimigos, melancolicos, e confusos, e taõ cortados, que nos deraõ tempo para repararmos a ruina dos muros. Entaõ conheceo Rosalcaõ, que para vencer Portuguezes lhe eraõ mais necessarios os estratagemas, que o valor; e arbitrou de dia mostrar-se com géstos de nos combater; de noite fazer tocar trombetas, que servissem de nos alvoroçar, para que a guarniçaõ rendida ao somno, desesperasse de se defender.

O nosso desterrado Joaõ Machado, de quem tenho dado noticia tantas vezes, e que fazendo bem o papel apparente de Mouro, commandava neste sitio huma companhia dos inimigos, avisou ao Governador a indústria de Rosalcaõ; que os trombetas andavaõ escoltados por huma companhia; que sahisse contra ella, e a derrotasse, para se vêr livre deste incómmodo. Assim se executou com felicidade; cessou o estron-

Era vulg.

trondo das trombetas; mas o ſeu lugar foi ſubſtituido pelos eſtragos da fome, inimigo mais inexoravel, que naõ deixa perceber veſtigios de humanidade. Ella foi cauſa, naõ ſó de nos fugirem; mas de apoſtatarem ſetenta homens, entre elles Fernaõ Lopes, diſtinto em qualidade, que cambiáraõ pelos alimentos do corpo os premios eternos da alma. A apoſtaſia deſtes homens foi o auxilio efficaz, que tocou até ao fundo o eſpirito de Joaõ Machado. Elle contrapõe aos impios a reſoluçaõ de vir lançar-ſe nos braços das anguſtias de Goa para ſe declarar Chriſtaõ, abandonando as honras, e fartura do campo com apparencias de Mouro.

Tinha elle de huma Moura dous filhos pequenos, que baptizára, e naõ lhe era poſſivel trazellos comſigo. Tranſportado de zelo, porque ſenaõ perdeſſem ſendo Mouros, pedindo a Deos perdaõ da ſua atrocidade, huma noite os afoga na cama, queixando-ſe de lhos haverem as feiticeiras embruxado. Deſta acçaõ taõ oppoſta á natureza, e aos principios da Religiaõ, de que elle vinha

nha

Era vulg. nha fazer huma profiſſaõ aberta, fingio o Machado, como de obra alheia, hum ſentimento taõ extremoſo, que ſe lhe permittio para deſafogo o paſſeio por toda a Ilha. Os Portuguezes *captivos*, e os apoſtatas o acompanhavaõ; e chegando perto de Goa, lhes deſcobrio os ſeus ſentimentos; a reſoluçaõ com que vinha; que a todos rogava naõ quizeſſem commutar a glória da eternidade por huma paſſagem mais commoda da vida do tempo tranſitoria, e caduca. Á efficacia das ſuas vozes nenhum dos apoſtatas ſe moveo; os captivos todos entráraõ com elle em Goa, que teve por preſagio dos *bons ſucceſſos* a acçaõ piedoſa dos Portuguezes reputados Mouros.

Roſalcaõ quiz deſpicar eſta injúria feita a Mafoma com reforçar contra a Praça os ataques; mas ſem ſe atrever a inveſtilla. O Governador para provar os motivos da inacçaõ, appareceo na téſta de oitenta cavallos diſcorrendo pelo campo, aonde carregou o groſſo dos inimigos, que mandava Roſalcaõ em *peſſoa*, com impulſo taõ vehemente,

que

que degolados muitos dos valerosos, Rosalcaõ com os prudentes buscou a segurança na fugida. Esta bella acçaõ do Governador foi acompanhada de outra naõ menos illustre de seu amigo Francisco Pereira de Berredo, que compadecido da fome, que se soffria na Praça, sem temor das náos dos inimigos, da ferocidade do mar no rigor do Inverno, na mesma fusta, em que veio de Cananor, foi a Baticala, e em poucos dias negociou com tanta dexteridade, que entrou pela barra com vinte paráos carregados de mantimentos.

Era vulg.

Experimentou Goa outra vantagem na chegada das náos de Joaõ Serraõ, e de Payo de Sá, que vinhaõ de descobrir a Ilha de S. Lourenço, como El-Rei lhes ordenára na sua partida de Lisboa. Como já entrava a Primavéra, veio pouco depois Diogo Fernandes de Béja com 200 Portuguezes, a artelharia, e munições da Fortaleza de Çocotorá, que se mandára desfazer. Quasi na sua reta-guarda chegou Manoel de la Cerda da Costa do Malabar com as seis náos, que o Albuquerque lhe deixou

Era vulg. xou encarregadas para a guerra de Calecut, e nellas 200 homens com abundancia de mantimentos: soccorros opportunos, que soblevárão a Cidade das oppressões; que lhe segurárão a defensa, fazendo a Rosalcaõ mais circunspecto.

Neste anno sahio de Lisboa para a India D. Garcia de Noronha, sobrinho do Albuquerque commandando huma Esquadra de seis náos com os Capitães Pedro Mascarenhas, Manoel de Castro Alcaforado, Jorge de Brito, D. Ayres da Gama, e Christovaõ de Brito. Destas náos quatro invernáraõ em Moçambique, a de D. Ayres veio a Cananor, a de Christovaõ de Brito entrou em Goa; que com estes reforços, a que os inimigos naõ fizéraõ opposiçaõ, nada temia os repelões, com que Rosalcaõ queria naõ se mostrar medroso. No ultimo, em que foi desbaratado na sahida, que fez o Governador com Christovaõ de Brito na vã-guarda, ficou elle desenganado do principal projecto, satisfeito com dominar a Ilha, e fortificar Benastarim para esperar occasiaõ mais favoravel ás suas vastas idéas.

CAPITULO VII.

Continuaçaõ dos successos de Affonso de Albuquerque em Malaca, com outros acontecimentos.

Era vulg

QUANDO Goa soffria as calamidades, que acabo de referir, o Governador da India em Malaca estava rodeado dos embaraços, que lhe maquinava Utetimuja Raja, que devendo pela escuridade do seu nascimento ser moderado, a sua oppulencia desmedida o fez taõ soberbo, que já na vida de Mamud, e agora no governo do Albuquerque, naõ se contentava com menos, que a dignidade de Rei de Malaca. Como na vida daquelle Soberano naõ pode lograr o designio, entendeo que o conseguiría, se o Albuquerque se fizesse senhor da Cidade, sendo hum Estrangeiro, que havia receber os soccorros da India, e por isso se declarou na guerra a favor do seu partido.

Naõ passou muito tempo depois da conquista, que elle naõ se abrisse com

Era vulg. os moradores da Cidade, e lhes declaraſ-ſe: Que deviaõ advertir a grande diſ-tancia, em que os Portuguezes eſtavaõ da India para terem ſoccorros effecti-vos: que elles eraõ mui poucos, *inca-pazes* de reſiſtir ao Principe Alodin, ſe com maiores forças vieſſe recobrar Ma-laca, e que como elles deviaõ entaõ te-mer que o Principe lhes imputaſſe *o* crime de infidelidade, pedia a pruden-cia que para evitar as contingencias funeſtas, cuidaſſem deſde já nos expe-dientes. Aqui teve lugar toda a abertu-ra do eſpirito ambicioſo, que offereceo toda a ſua potencia, a dos ſeus amigos, a das ſuas riquezas para impedir as ten-tatativas de Alodin, para lançar *fóra os* Portuguezes, ſe elles o quizeſſem ele-ger Rei de Malaca.

Huma eſperança vaga dominava ao ſugeſtor, e aos ſugeridos, eſtes goſto-ſos com as promeſſas da liberdade, o outro vaidoſo com os aſſombramentos de Monarca. Mas ellas em hum, e nos outros depreſſa ſe deſvanecem. Viraõ elles os ſábios Regulamentos do Gover-nador para a eſtabilidade da nova Re-

pú-

pública; as providencias regulares para a ſua economia; o freio, que lhes deitava com a fabrica de huma Cidadela inconquiſtavel; a força das náos, que deſtinava para a ſegurança do porto, e perdêraõ toda a corage os eſpiritos arrogantes. Utetimuta Raja, que nas calamidades dilatava o coraçaõ; na face do deſalento dos ſeus complices, ſem fazer mudança no fim das ſuas intenções, elle cuida em mudar de meios. Com facilidade arma correſpondencia, e faz promeſſas ao Principe Alodin de o ſervir com a peſſoa, com a fazenda, de lhe pagar as trópas, ſe elle quizeſſe vir arrancar os ſeus Eſtados do poder da tyrannnia. Recobrou alentos o Principe, que naõ duvidou offerecer logo todos os officios de Rei a Utetimuta Raja, ſe lograſſe o projecto, naõ querendo da Soberania para ſi, mais que o nome, e a figura: ultima extremidade, a que ſe arroja a ambiçaõ, o furor, ou a demencia nas repreſentações de dominar.

Era vulg.

Para o trahidor avançar o deſignio era neceſſario metter o ſegredo em mui-

Era vulg. tas boccas, que tapava com promessas de grandes vantagens individuaes. Os mais interessados temêraõ que, se a conjuraçaõ se descobrisse, elles seríaõ as victimas da indignaçaõ dos Portuguezes: temor, que inclinou a muitos dos conductores das cartas, e repostas a entregallas ao Albuquerque, instruindo-o nas idéas de Alodin, e Utetimuta Raja, de seu Filho Paciaco, e de Patripa séu genro. A politica do Albuquerque teve entaõ por conveniente dissimular, mostrar-se agradavel ao Povo, e conferir unicamente com Rodrigo de Araujo o modo, com que elle podería trazer á Fortaleza os tres conjurados. A pretençaõ do Persa Coge Abrahem, creatura de Utetimuta Raja, o facilitou; porque pedindo ao Governador o officio de Quetual, elle lhe respondeo que naõ tinha dúvida; mas que sendo o emprego importante, para naõ haverem queixosos era preciso, que elle trouxesse á Fortaleza as pessoas principaes da Cidade para as ouvir, e fazer com ellas que approvassem a nomeaçaõ.

Suc-

Succedêraõ as cousas, como o Governador as desejava. Ao sahir da Assembléa Utetimuta Raja, seu Filho, seu genro, todos os mais trahidores foraõ prezos. Formou-se logo o processo, em que elles se defendêraõ com ár de fidelidade, com alegria de innocentes, com constancia de bons servidores, na intelligencia de que contra o seu crime naõ haviaõ próvas. Apresentáraõ-se em juizo as cartas, e respostas da propria letra dos réos, e cahio de golpe a firmeza fingida, a fé, e innocencia affectadas. O temor das penas os arrojou aos pés do Governador para implorarem a sua clemencia; mas o crime era de natureza, que escondia a face ao perdaõ. Mandou-se levantar hum cadafalço no mesmo lugar, em que Utetimuta Raja quiz assassinar a Diogo Lopes de Siqueira, e desprezadas as gróssas sommas, que a mulher do trahidor offerecia pela sua vida, pela do Filho, e genro, a todos foraõ cortadas as cabeças. Malaca, ao mesmo tempo que ficou respeitosa á severidade dos Portuguezes, naõ desestimou o fim tra-

Era vulg.

gi-

Era vulg. gieó dós arrogantes, origens de tantas calamidades na Républica.

Compóstos estes delicados negocios, o Albuquerque despedio três náos ás ordens de Antonio de Abreu com os Capitães Simaõ Affonso Bisagudo, e Francisco Serraõ para descobrirem as Ilhas Molucas. Sahio Antonio de Abreu de Malaca nos ultimos de Dezembro, levava 200 Portuguezes, além dos soldados da terra; mas compelido dos tempos contrarios, arribou ao Reino de Java. Daqui passou á Ilha de Amboino, dependente das Molucas, e foi ter á de Banda, que communica o seu nome a outra quantidade de Ilhas, que a rodeiaõ, e que produzem muitas plantas odoriferas, entre ellas as que criaõ a maça, o cravo, a noz moscada, e das folhas se compõe medicinas excellentes. Os moradóres saõ Mahometanos; naõ se sugeitaõ a algum dominio, e quando entre si tem controversias, elegem hum Arbitro prudente, que as decide, e os compõe.

Antonio de Abreu foi tratado com humanidade por estes Póvos ferozes,

já inſtruidos no modo, com que os Portuguezes ſe conduziraõ em Malaca. Elle ſe lhes moſtrou officioſo aos ſeus obſequios, taõ condeſcendentes, que lhe permittíraõ levantar em Banda huma coluna com as Deviſas do Rei D. Manoel. Naõ lhe conſentindo os contínuos temporaes avançar o deſcobrimento na fórma das ordens do Governador, o Abreu voltou para Malaca. Franciſco Serraõ ſahio de Banda, e levado á toa pela meſma tormenta, naufragou na Ilha de Ternate, huma das Molucas, junto aos eſcolhos, que os naturaes chamaõ Lucopines, aonde eraõ contínuos os inſultos dos pyratas, e corſarios, que viviaõ da rapina.

Era vulg.

Eſtes Barbaros viéraõ em muitas barcas inſultar a náo, que por deſtroçada do tempo naõ ficou em eſtado de defender-ſe. Serraõ uſou de deſtreza para ſahir do perigo, eſcondendo-ſe nas lanchas com parte da gente á ſombra de huns rochedos para os atacar em poppa. Aſſim o fez o bravo Official com tanto valor, que os Barbaros attonitos ſe ſubmettêraõ, offerecendo-ſe aos Portu-

tu-

Era vulg. tuguezes para guias, que os conduzissem ao Paiz incognito, em que estavaõ. Como nelle naõ se conhecia a coragem do espirito; a que os nossos mostráraõ nesta occasiaõ estimulou aos dous competidores Almançor, Rei de Tidor, e Boleifa, Rei de Ternate, para solicitarem a alliança com os Portuguezes naufragados. Boleifa se adiantou nos ajustes, e mandou dez navios com mil homens de equipagem para receberem a Francisco Serraõ com as suas gentes, que o servíraõ contra Almançor.

O Governador em Malaca tinha-se descartado de hum trahidor, e adquirio outro. Como pela mórte do primeiro ficára vago o emprego de Juiz dos *Mouros*, elle o conferio a Patecatir, homem poderoso, inimigo declarado de Utetimuta Raja, por lhe negar huma filha para mulher. A viuva sagaz, mulher sem consideraçaõ nas paixões, desejosa de vingar a mórte do marido, attrahe Patecatir á sua devoçaõ com a promessa da filha, com a de seis mil homens pagos á sua custa para dar sobre Mala-

ca,

ta, e ficar senhor da Cidade. Outras imaginações de ser Rei arrastaõ Patecatir a acceitar as condições: recebe a moça em segredo: entra na execuçaõ dos designios, e fez pôr o fogo aos quarteis principaes de Malaca. Acode o Albuquerque a apagar a rebeliaõ, e o incendio com tanto ardor, que Patecatir se retirou para a segurança do lugar de Upi em estado de ja mais se lhe esvahir o cerebro com os fumos de Rei.

Era vulg

Restituida a tranquillidade a Malaca, o Governadór se preparou para voltar á India. As dispozições, que deixou na Cidade conquistada, foraõ arbitradas pela sua consummada prudencia. Do governo ficou encarregado Ruy de Brito Patalim, como dissemos; da Alcadaria Mór, e Feitoria, Rodrigo de Araujo; a Capitania do mar a Fernaõ Peres de Andrade com homenagem ao Governador da Praça, e por seus Capitães da Armada Lopo de Azevedo, Vasco Fernandes Coutinho, Joaõ Lopes de Alvim, Pedro de Faria, Jorge Botelho, Christovaõ Mascarenhas, Ayres Perei-

ra

que ajuntou do destroço as reliquias, que pode, e continuando a viagem, em que a fome, e sede renováraõ os trabalhos, ultimamente chegou a Cochim sem mais despojos de *tantos* triunfos, que a reputaçaõ, e a *gló-ria*.

LI-

LIVRO XXXIX.

Da Historia Moderna de Portugal.

CAPITULO I.

Trataõ-se os successos do anno de 1512, especialmente os da India.

Era vulg. 1512

ESPERAVAÕ pelo Governador em Cochim os cuidados de Goa para se caracterisar como Herõe semelhante ao mar, que no movimento contínuo tem o seu descanço. Alli o informáraõ do que se passára naquella Cidade, depois que partíra para a de Malaca; como Rosalcaõ estava senhor da Ilha com huma Praça fortificada em Benastarim: visinhança, que tinha Goa como bloqueada, sempre nos sustos de ser investida: que ella o esperava para a pôr a coberto dos insultos com a restauraçaõ da Ilha, e rendimento de Benastarim; mas que em quanto em pessoa naõ hia

a

a vulg. a estas expedições, ella tinha necessidade de socorros.

Sem perda de tempo mandou o Governador oito catures com gente, ordem a Manoel de la Cerda para governar a Praça, e a Diogo Fernandes de Béja provisaõ de Capitaõ do mar. O desprazer, que lhe causou huma desordem succedida em Cochim na sua ausencia, que teve por consequencia o degredo de Simaõ Rangel, innocente, e zeloso do bem público, para Goa; elle o suavisou com a chegada da náo de Pedro Mascarenhas, que era huma das da Fróta de seu sobrinho D. Garcia de Noronha, e vinha provido na Fortaleza de Cochim. Outra complacencia semelhante teve com a vinda do Embaixador de hum dos Reis mais poderosos das Maldivas, que sollicitava a nossa alliança com a submissaõ de vassallo, e tributario de Portugal: alternativa dos acontecimentos humanos, que com pezares e prazeres, com felicidades e infortunios hia tecendo a heróica vida do grande Affonso de Albuquerque.

A prosperidade das armas Portugue-

zas

zas na India foi acompanhada no principio deste anno do nascimento do Infante D. Henrique, que depois de Cardeal veio a ser Rei destes Reinos. A muita neve, que cahio no dia, em que nasceo, servio de materia aos investigadores dos futuros para preconisarem no Infante huma candura de espirito, que se faria luminosa com a pureza da vida, com a integridade da continencia, com fecundidade de virtude: horoscopo bem levantado pela exactidaõ, com que a liberdade do Infante auxiliada da graça fez verdadeira a lisonja do calculo.

Era vulg.

Tornando aos successos de Malaca, os seus moradores depois da partida do Albuquerque se deixáraõ rodear da consternaçaõ, nascida do temor panico, de que a sua ruina sería infallivel ás mãos de tantos inimigos poderosos, que os cercavaõ. Já parecia que chegava a execuçaõ destas idéas tristes, quando se rompeo a voz, de que Lasaman com huma Fróta consideravel vinha levar Malaca a ferro, e fogo. Fernaõ Peres de Andrade para mostrar aos mo-

ra-

radores, que para os defender naõ lhes fazia falta o Albuquerque, sahio a buscar Lasaman no mesmo rio de Muar, aonde se dizia que ajuntava a imaginada Fróta. Patecatir, que havia feito espalhar esta voz falsa, se aproveita da occasiaõ para vir de noite ganhar huma barca nossa, que defendia a cabeça de huma trincheira. Elle a tomou, e fez a gente prisioneira com o seu Capitaõ Affonso Chainho, ao qual mandou cortar a cabeça, quando Fernaõ Peres, que naõ achou a Lasamaõ, o foi atacar, o destroçou, e o fez mudar de posto.

A esta victoria, que acabavaõ de ganhar Fernaõ Peres, e Affonso Pessoa, quiz pôr tropeços hum novo Esquadraõ de 400 Barbaros com tres elefantes na sua frente armados de Castellos, que denodados, e briosos se avançáraõ sobre as nossas fileiras. Jorge Botelho matou o que vinha na vanguarda, e a trópa bem servida tomou o partido de retirar-se, ficando em nosso poder o Fórte, que era o refugio de Patecatir chamado Rei de Malaca. Fernaõ

naõ Peres, que naõ o perdia de vista, Era vulg. passados poucos dias o foi investir no novo posto, aonde se entrincheiráia com dobrada força. Nunca se devem desprezar os inimigos vencidos, que saõ homens, e o espirito humano nos abatimentos sabe recobrar corage. Tanta foi a nossa confiança neste choque, que cedemos a Patecatir huma especie de victoria, em que Fernaõ Peres, e Pedro de Faría ficáraõ feridos, e mórtos no campo doze homens, em que entráraõ Rodrigo de Araujo, perda sensivel, Christovaõ Mascarenhas, Antonio de Azevedo, Jorge Garcez, e Christovaõ Pacheco.

Patecatir soberbo com a sua vantagem, avisou a Lasaman, para que unindo a sua Fróta com a do Rei de Darguim, viessem ambas soccorrello no sitio, que deviaõ pôr a Malaca. Fernaõ Peres de Andrade poupou o caminho a Lasaman, buscando-o no mesmo porto de Muar, aonde se atacáraõ os dous Chéfes com hum valor taõ igual, que durou dous dias o combate, sempre indecisa a fortuna. Cedêraõ em fim, e

Era vulg. ſe pozeraõ em fugida os inimigos mais atemoriſados da corage Portugueza, que da ſua meſma mortandade, do incendio de algumas das ſuas náos, do deſtroço de outras varadas em terra, que tambem foraõ paſto do fogo. Quando Fernaõ Peres ſe recolhia victorioſo a Malaca, entravaõ no ſeu porto com tres náos os Capitães Franciſco de Mello, Jorge de Brito, e Martim Guedes mandados da India pelo Albuquerque com muitos obreiros para trabalharem na Fortaleza, e na fabrica de ſeis galéz novas, que nos aſſeguraſſem a ſuperioridade daquelles mares.

A falta de mantimentos, que ſe padecia na Cidade, obrigou o meſmo Andrade a ir buſcallos no corſo pelo Eſtreito de Cincapura. O primeiro encontro, que teve, foi com hum grande junco de Patecatir carregado delles, que trouxe para Malaca. Lopo de Azevedo, e Jorge Botelho ſahiraõ com igual deſtino, e voltáraõ com outros tres juncos do meſmo dono, que fornecendo Malaca com abundancia, reduziraõ o campo de Patecatir a huma fo-

me

me extrema. Pouco depois chegáraõ Gomes da Cunha do Reino de Pegu com huma náo carregada de viveres, e Antonio de Miranda da ſua Embaixada de Siaõ muito favorecido do ſeu Rei, com raridades eſtimaveis, com generos, e mercadorias de grande preço. Em vulg.

Ruy de Brito Patalim, Governador de Malaca, informado da neceſſidade, que padecia a gente de Patecatir depois da perda dos ſeus juncos, mandou a Fernaõ Peres, que foſſe deſalojallo do campo, que occupava para tirar a Malaca o ſuſto deſte eſpantalho transformado, e contrafeito Principe. A eſte tempo já elle ſe havia alliado com o Principe Alodin, e com Laſaman para ſer a guerra mais vigoroſa pela uniaõ de tres intereſſados. Com todos ſe portou Fernaõ Peres taõ façanhoſo, que Patecatir deſtruido abandonou as viſinhanças de Malaca, e com a ſua familia, e theſouros ſe retirou para o Reino de Java. Alodin naõ quiz eſperar golpe ſemelhante, e recolheo-ſe com tempo para a Ilha de Bintaõ.

Era vulg. Faltava o deſtroço de Laſaman para ſer completo o triunfo de Fernaõ Peres; mas quando elle mandava virar as prôas em ſua demanda, ſoube que o inimigo fizera huma retirada mais vergonhoſa, que as dos dous chamados Principes de Malaca, ſem que já mais foſſe ouvido o nome de Laſaman: época eſta bem feliz, em que a Cidade entrou a goſtar as doçuras da victoria, ſem ſe nauſear com os deſabrimentos do combate.

Quando Malaca gozava eſtas proſperidades, o Albuquerque em Cochim naõ ſe deſcuidava dos apreſtos neceſſarios para Goa poſſuir outras ſemelhantes. Elle teve meios de os fazer bem promptos com a chegada das quatro náos da Eſquadra de ſeu ſobrinho D. Garcia de Noronha, que o anno paſſado invernára em Moçambique, e trazia na ſua conſerva outras duas, que no preſente ſahíraõ de Lisboa. A mais forte, que mandava Jorge de Mello, ſe compunha de oito náos, e a ſegunda, que vinha ás ordens de Garcia de Souſa, era de quatro, nas quaes vinhaõ mais

de

de 20000 ſoldados, e que no dia 20 de Agoſto dérao a Cochim huma agradavel viſta. O Albuquerque tao poderoſo nao quiz differir por mais tempo o ſeu reſentimento contra Roſalcao, nem conſentir no ſeu dominio de Benaſtarim hum jugo pezado ſobre Goa. Elle ſe embarcou com toda a gente em huma Armada de dezaſeis náos, acompanhado de D. Garcia, e de Pedro Maſcarenhas, que nao obſtante eſtar occupado no governo de Cochim, esforço algum foi baſtante a impedir-lhe jornada de tanta honra, que nao ſeguio Jorge de Mello, por ir tomar poſſe do governo de Cananor.

Era vulg.

A Armada fez alto em Baticala, em quanto ſe requeria da parte do Governador ao Chéfe da Cidade lhe reſtituiſſe huma náo de Calecut carregada de pimenta, que tinha ſido conſtrangida a tomar aquelle porto, havendo-a vendido hum Arabe a Simao Rangel. Nao ſe atrevendo o Chéfe a recuſar a entrega, o Governador mandou a náo para Cochim. Em Onor o perſuadio Melrrao nao demoraſſe a empreza de Be-

Benastarim, por lhe constar com certeza que o Hidalcaõ fazia levas para formar hum corpo de 20 mil homens destinados para a Ilha de Goa. Sobre este aviso o Albuquerque apreçou a marcha, e apenas chegou, bateo a Praça com o fogo da Armada. Hum dos nossos artelheiros teve a felicidade de desmontar hum grosso canhaõ dos inimigos, que nos incommodava mais, que o resto da sua artelharia: mas naõ obstante esta vantagem, o Governador determinou vir a Goa para dispor os meios de sitiar a Benastarim com formalidade.

Bem entendeo Rosalcaõ pela retirada do Governador, que o seu desigñio era atacallo por terra. Para lhe cortar o passo fez sahir da praça hum grosso destacamento de Infantaria, que elle cobria na testa de 250 cavallos. Avançou-se Rosalcaõ até ao sitio chamado as duas Arvores, naõ longe de Goa. D. Garcia de Noronha, Manoel de la Cerda, Pedro Mascarenhas, Lopo Vaz de Sampayo, os mais Fidalgos, e Officiaes com quatro mil homens,

mens, e hum impulſo bem proprio da ſua magnanimidade, leváraõ os inimigos a golpes, até os metterem pelas portas de Benaſtarim. Eſta acçaõ ſe paſſou com tanto ardor da parte dos Portuguezes, que chegando á raiz das muralhas, ſe ſerviaõ dos piques, e alabardas, como de huma eſpecie de eſcadas, para ſobirem ao aſſalto. O Albuquerque, vendo a gente expoſta a todo o fogo da Praça, já mórtos Diogo Correa, que fora Capitaõ de Cananor, Jorge Nunes de Leaõ, Martim de Mello, e mais de cem feridos, em que entravaõ os primeiros Fidalgos, mandou tocar a recolher.

Era vulg.

Para ſe formar o ſitio com regularidade determina o Governador poſtar ſobre ferro as náos nas paragens, donde podeſſem batter Benaſtarim. Elle marchou por terra com tres mil Portuguezes, em que entrava bom número de Fidalgos, e dous córpos de Canarins, e Malabares, que mandavaõ Criſna, e Rulabranco. Foi Benaſtarim inveſtida por mar, e terra; mas ſe os ſitiantes bem a atacáraõ, os ſitiados melhor

Era vulg. lhor a defendêraõ. A Praça eſtava rodeada de muros mui largos, com muitas torres, donde ſem ceſſar ſe fazia fogo dia, e noite. Só a fome atemoriſava aos defenſores, que eraõ muitos, e quanto maior o número, menos ſe reſiſte áquelle voraz inimigo. Elle ſó obrigou Roſalcaõ a fazer huma ſahida vigoroſa, que forçaſſe o noſſo campo a retirar-ſe para buſcar remedio á neceſſidade commua.

O primeiro repelaõ foi taõ violento, que deitou a terra a trincheira de Manoel de Souſa Tavares, Commandante da artelharia, que ficou ferido, e os ſoldados com a fórma perdida. Como a fome fazia creſcer a raiva, no ſegundo impulſo padeceo maior deſordem a trincheira de Garcia de Souſa; e ella paſſaria a completa na de D. Garcia de Noronha, ſe a tempo naõ acodiſſe Pedro Maſcarenhas, que na téſta de hum batalhaõ, fez reunir os ſoldados diſperſos, metteo-os no fogo, e tanto os chegou aos inimigos, que depoſto o uſo de todas as outras armas, viéraõ os Portuguezes a puchar pelas eſ-

eſpadas. Entaõ foi tal o terror dos Barbaros, que fugíraõ para a Praça com a felicidade de naõ perderem hum ſó homem neſta refrega. O Governador, reſtabelecidos os póſtos, e determinado a impedir outras tentativas ſemelhantes, até que a miſeria ſem perda de vidas obrigaſſe a render Benaſtarim, fez dilatar as linhas do campo, que ficou coberto ás irrupções dos contrarios.

Era vulg

Os inimigos, que á viſta deſte trabalho tivéraõ a entrega por inevitavel, opprimidos da fome, cançados da continuaçaõ do ſitio, batêraõ a chamada, e pedíraõ capitulaçaõ. O Governador a concedeo com a clauſula de ſer ſó elle o author dos Artigos, que ſe reduzíraõ: Á entrega da Praça com toda a artelharia, armas, munições, e cavallos, que eſtavaõ nella: Á dos ſetenta apoſtatas, e deſertores, que haviaõ renunciado o Chriſtianiſmo, e fugido do ſerviço do ſeu Rei, com promeſſa de lhes naõ tirar as vidas: Á das caravellas, que tomára Pulatecaõ no paſſo de Naroa, e todas as mais fuſtas, que havia na Ilha: Que a guarniçaõ podia re-

a vulg. tirar-se com todo o seu movel para a Terra firme; mas desarmada, sem alguma das honras militares. Executáraõ os Barbaros com pontualidade este vergonhoso Tratado, e ao mesmo tempo que elles passavaõ para o Continente, o Governador tomava posse de Benastarim.

Elle se recolheo a Goa, para onde mandou ir os setenta infames, que se levavaõ segura a vida em virtude do Tratado, huma epiqueia igualmente piedosa, e politica, arbitrou meio para se fazer nelles hum exemplo público, que abstivesse aos relaxados, aos fracos, aos pusilanimes de cahirem nas enormidades desta natureza. Ordenou o Governador, que a todos elles, sem exceptuar o abominavel Cavalleiro Fernaõ Lopes, lhes fossem cortados os narizes, as orelhas, as mãos direitas, e os dedos polegares das esquerdas, como marcas infames, que a todos denunciassem a sua trahiçaõ, e apostasia. Fernaõ Lopes foi depois deixado ao desamparo na Ilha de Santa Helena, aonde quiz expiar os crimes com as plan-

tas,

tas, e arvores, que fez criar nella com admiravel ſagacidade, e indúſtria, para que as noſſas náos, que navegaſſem para a India achaſſem melhor cómmodo neſta chamada *Eſtallagem do Mar.*

Era vulg

CAPITULO II.

Das ultimas vantagens dos Portuguezes na India eſte anno de 1512, e ſucceſſos do meſmo anno em Africa.

AFFONSO de Albuquerque, que depois de huma ſérie continuada de victorias podia deſcançar á ſombra da ſua reputaçaõ, cortados, e temeroſos ſeus inimigos, ſem alentos para deſembainharem as armas; elle entrou a recolher os fructos de tantas vantagens em novas diſpoſições, que cada vez fizeſſem mais brilhante o nome Portuguez na Aſia. Já deſneceſſarias em Goa tantas náos, e tantos homens, mandou a D. Garcia de Noronha vieſſe para Cochim deſpachar a Fróta, que havia partir para o Reino; e que depois cruzaſ-

ſe

ra vulg. se com a que levava nos mares de Calecut, para lhe naõ escaparem naquelle anno as nàos de Meca. Despedio com outra esquadra a Garcia de Sousa para dar aviso aos Mercadores, que os cavallos da Persia os trouxessem a Goa, aonde se lhes rebaixaria huma consideravel parte dos direitos: perda, que facilmente se restituiria com a quantidade de cavallos, de que se faria hum monopolio em Goa para ao depois se venderem por alto preço aos Estrangeiros.

Da mesma reputaçaõ do Governador nascia o cuidado, com que sollicitavaõ a nossa alliança, naõ só os Reis visinhos, mas ainda os mais distantes das nossas Praças. O de Vengapor, que confinava com os Estados do Hidalcaõ, foi o primeiro, que depois da tomada de Benastarim mandou hum Plenipotenciario ao Governador com o rico presente de sessenta jaezes magnificos; pedindo a alliança com Portugal debaixo das condições de fornecer a Goa de todos os mantimentos, de que necessitasse, e de fazer a guerra ao Hidal-

dalcaõ, cada vez que nos fosse conveniente; permittindo-lhe elle comprar naquella Cidade 300 cavallos cada anno. Esta propoziçaõ taõ vantajosa por si mesma, o Albuquerque a acceitou gostoso, e com hum presente brilhante ordenou a Gaspar Chanoca, que voltava a Narsinga pedir ao seu Rei o porto de Baticala, fizesse caminho pela Corte de Vengapor para da sua parte gratificar, e agradecer ao Rei as suas boas, e officiosas vontades.

Era vulg.

Ao mesmo tempo que o Governador pedia ao Rei de Narsinga a Baticala, que era hum porto mal habitado pelos seus vassallos, com pouco commercio de Estrangeiros, e agora conveniente para o dos cavallos, que vinhaõ a Goa, o Hidalcaõ lhe enviava dous Embaixadores a pedir o ajuste da paz firme, e duravel, com a permissaõ de nos comprar cavallos, quando os necessitasse para a guerra. O Governador tratou estes Ministros com distinçóes especiaes, e com elles mandou ao Adail Diogo Fernandes de Faria para concluir, e formar o Tratado dos

ajus-

Era vulg. ajuſtes. Meliqueaz por hum Emiſſário ſe congratulou com elle pela conquiſta de Malaca, pelo rendimento de Beneſtarim, enviando-lhe de preſente huma náo carregada de refreſcos. O Rei de Cambaya lhe mandou outro *Embaixador*, que trouxe todos os *Portuguezes* captivos naquelle Reino: tudo effeitos admiraveis do crédito bem eſtabelecido do grande Albuquerque, merecedor pelas ſuas façanhas, de que ſe lhe inclinaſſem officioſas as Coroas mais luminoſas do Oriente.

Se tantos Miniſtros Eſtrangeiros na Corte do Governador da India deſafiavaõ as delicadezas da ſua civilidade, elle a apurou com Mattheus, que o Preſte Joaõ da Ethiopia enviava a *Liſboa* por ſeu Embaixador a El-Rei D. Manoel. O Albuquerque para moſtrar ao meſmo tempo a tanta publicidade de gentes a ſua piedade á Religiaõ Catholica, que eſte Miniſtro profeſſava, o recebeo com huma prociſſaõ ſolemne, em que fez levar a precioſa Reliquia da Santa Cruz, que elle trazia para da parte de ſeu Amo a offerecer em

Liſ-

Lisboa ao Rei, acompanhando este apparato pio huma pompa magnifica, e brilhante. Nesta acçaõ foi indisivel o júbilo dos espiritos Portuguezes, por verem nas Regiões taõ remotas da Europa o Ministro de hum Rei Christaõ, que com tanto culto, e respeito tratava o madeiro da verdadeira Cruz para confusaõ dos Novadores, que desprezaõ o que nós rendemos ás Reliquias adoraveis, confórme ao uso introduzido até agora do tempo da Igreja primitiva, que elles crêm verdadeira, Catholica, e Apostolica.

Era vulg.

Continuando a reputaçaõ do Albuquerque a produzir os seus effeitos, o número dos Ministros Estrangeiros cresceo em Goa com a chegada dos Embaixadores de Ormuz; mas o que entaõ levava mais as attenções, foi o modo com que se conduzio a nosso respeito Naubeadarim, novo Rei de Calecut nomeado por seu Tio o velho Çamorim Apparecêraõ sobre a barra daquella Corte as náos de D. Garcia de Noronha. Immediatamente lhe escreveo Naubeadarim, protestando o muito obse-

Era vulg. ſequio, de que os Portuguezes lhe eraõ devedores; que todos ſabiaõ a grande inclinaçaõ, que ſempre lhes tivera; que ella o movia a offerecer-lhe a paz da parte de ſeu Tio, e lugar para ſe fazer nos ſeus Eſtados a Fortaleza, que nós ſempre deſejámos. O Governador com extrema complacencia acceitou a propoſta, mutuamente ſe firmou o Tratado, e para conſtruirem a Fortaleza em Calecut deſpedio logo a Gonçalo, e a Franciſco Nogueira, a Gonçalo Mendes, e elle ſe preparou para a jornada de Adem, encarregando a Pedro Maſcarenhas o governo de Goa.

Eſtes foraõ na India os ſucceſſos memoraveis do anno de 1512, a que correſpondêraõ naõ menos luminoſos os de Africa. Corria o mez de Junho, que ſaſona os fructos da terra, quando Barraxe, e Almandarim ſe reſolvêraõ a caſtigar com a aſſolaçaõ dos campos aos Mouros tributarios de Portugal. Na frente de trópas numeroſas entráraõ elles pelos territorios de Arzila, e quanto nelles havia foi paſto do fogo. Paſſou a lavrar o incendio nas ſeáras de

Tan-

Tangere, aonde as columnas de fumo impediaõ as luzes do Sol. D. Duarte de Menezes, que governava esta Praça, sensivel ao clamor dos Mouros amigos, e prejudicados, determinou reparar-lhes o damno, antes que se fizesse geral. Em quanto os batedores exploravaõ o campo, elle se postou á porta da Praça na testa de 200 cavallos, e 300 infantes, esperando as noticias, que elles lhe trouxessem.

Era vulg.

Informado de que os inimigos eraõ muito superiores em número, que estavaõ acantonados nas faldas de huma montanha, aonde se naõ podia chegar sem romper muitos desfiladeiros, D. Duarte se avançou para coroar a montanha; mas os Mouros, ou naõ querendo ser forçados no mesmo posto, ou para levarem os Portuguezes mais longe de Tangere, aonde naõ podessem ser soccorridos, fingíraõ huma retirada. D. Duarte, que lhes percebeo a idéa, e naõ esperava mais soccorros, que os do seu valor, os foi seguindo. Elles voltáraõ cáras, e com os seus costumados alaridos se movêraõ ao com-

ptivos, tomámos carregados de rique- zas 250 camellos, e cavallos, entrámos ricos, e gloriosos em Tangere, aonde a primeira acçaõ de D. Duarte foi encaminhar a marcha de toda a tropa ao Templo para dar as graças ao Senhor das victorias.

Em quanto succediaõ estas cousas em Tangere, naõ estavaõ ociosos os fronteiros de Çafim. Os Mouros seus Comarcãos, e tributarios, sugeridos pelos Reis de Féz, e de Marrocos, duvidavaõ pagar os feudos costumados. Alguns permanecêraõ constantes na fidelidade; mas os rebeldes determinou Nuno Fernandes de Ataide, que fossem castigados. Com este designio mandou a Lopo Barriga atacar a cabeça das Capitánias de Bida, onze legoas distante de Çafim; plantada no outeiro de Xiatima junto ao Rio Arguz. O nosso Alliado Abentafut se incorporou com a gente de Lopo Barriga, e andáraõ ambos pelas Aldêas na cobrança dos tributos, que se deviaõ. Os de Xiatima injuriados desta, que chamavaõ extorsaõ, fizéraõ entender aos outros

Era vulg.

[illegible] tros Mouros seus visinhos, que violencia semelhante era huma causa commua, que elles conformes deviaõ repelir. Com 800 cavallos soccorrêraõ os convidados aos de Xiatima, que marcháraõ a investir o Castello de Mirabella, aonde Abentafut fazia a sua residencia.

Naõ tinha elle entaõ mais de 160 cavallos; mas pedindo auxilio aos Dabidenses confederados, para mostrar aos de Xiatima, que naõ os temia, sahio a esperallos no campo. O alentado, e fiel Capitaõ, naõ só conseguio desbaratar aos seus inimigos neste encontro; mas restaurou os negocios de Portugal, deixando os Mouros submettidos, effectiva, e desembaraçada por aquella parte a cobrança dos tributos. Para se lograrem as mesmas vantagens pela de Azeze, Aldêa poderosa situada no monte do Ferro, Nuno Fernandes mandou sobre ella a Lopo Barriga com Abentafut, que a destruíraõ. O mesmo succedeo aos Mouros de Tazarot, que resolutos a despicar a affronta dos seus amigos de Azeze, que

mesmo Nuno Fernandes os atacou em pessoa, obrigando-os a retirar-se menos vaidosos, mais diminuidos. Era vulg.

Como El-Rei D. Manoel tinha grande cuidado, em que a mocidade illustre se instruisse na Aula de Marte, que estava sempre aberta em Africa, mandou para Çafim a D. Joaõ de Menezes, filho do Conde da Tarouca, e a D. Alvaro de Noronha, que depois foi Governador de Azamor, cada hum com cem cavallos para servirem, e em tudo estarem ás ordens de hum Professor taõ sábio na sua Arte, como Nuno Fernandes de Ataide. Como estes dous Fidalgos só respiravaõ desejos de se assignalar, a occasiaõ se offereceo, Nuno Fernandes fez-lhes o gosto, naõ os quiz ociosos. Os moradores de Almedina, huma das Cidades mais nobres da Provincia de Ducala, a respeito da soluçaõ dos tributos estavaõ divididos em bandos, huns a favor de Portugal, outros de Féz. Nuno Fernandes intentou fazer a sua espada o arbitro desta discordia: com ella na maõ amanheceo hum dia diante de Almedina;

co-

Era vulg. cobrindo a frente de 400 cavallos, e de poucos infantes.

A numerosa guarnição de 6000 homens de pé, e de 600 de cavallo, que já sabia da nossa marcha, quando D. Alvaro de Noronha com parte da gente marchava a atacar a porta de Marrocos, e Nuno Fernandes com D. Luiz de Menezes se movia á que lhe ficava opposta; elles as acháraõ abertas, e aos Mouros formados em batalha com a reta-guarda nos muros esperando a visita. Os Portuguezes foraõ acomettidos com impeto taõ bizarro, que retrocedèraõ; mas sempre com caras ao inimigo, que perdeo vinte homens, e elles tres. Applacou se a escaramuça, e sem mais vantagem, entendeo o nosso Chéfe, que devia recolher-se a Çafim. Póde ser, que com esta retirada se quizesse conservar inteiro para subprender os Aduares dependentes de Almedina, aonde nada obrou por ser sentido antes de tempo.

Os Barbaros reforçados pelo Rei de Marrocos, e pelo Senhor da Serra, fiados no número viéraõ plantar o cam-

po

po a tres legoas de Çafim, quando nesta Praça havia 700 cavallos, entrando cem, que D. Nuno Mascarenhas agora trouxéra de Portugal. Quiz Lopo Barriga saber as forças dos Mouros, e huma noite com 30 cavallos forçou a guarda do campo, matou seis, e captivou quatro. Das informações que estes nos dérao, resultou marchar o mesmo Official no dia seguinte com 150 cavallos, e D. Nuno Mascarenhas com os cem da sua companhia, cobrindo-lhes o Governador a reta-guarda. Já perto dos inimigos D. Nuno se pôz de emboscada; Lopo Barriga os acometteo, degollou cinco, prendeo quatorze, fez huma grande preza de gados, e se retirou, para onde estava D. Nuno. Entaõ cahio sobre elle a multidaõ dos Mouros picados do seu atrevimento: sahe D. Nuno da emboscada, e se travou entre todos o choque mais desesperado, que até entaõ fora visto na campanha de Çafim. Muitos dos nossos ficáraõ desmontados, alguns feridos, nenhum morto; mas das marchas, e do combate taõ fati-

Era vulg.

ga-

a vulg. gados, que o Governador, abandonadas 20 mil cabeças de gado, se recolheo com elles para a Praça.

Desejoso de desaffrontar esta apparencia de menos vantagem, o bravo Ataide, sabendo que o Exercito do Rei de Marrocos acampava junto ao Cabo de Cantim, deo ás suas trópas oito dias de descanço, e huma noite a tempo que o Rei ceava, se lançou sobre dous Aduares, que captivou. Quando se recolhia com 300 prisioneiros, e muitos gados, as trópas do Rei o assaltáraõ, e perseguíraõ toda a noite com tal diluvio de armas de arremeço, especialmente pedras, que o lugar do combate ficou chamado *o campo das pedradas*. Sem mais perda que a de hum ferido, elle entrou com todo o despojo em Çafim. Sabendo pouco depois, que o Rei mudára o campo para a Serra de Benimagra, o Chéfe infatigavel determinou subprendello.

Elle com 500 cavallos Portuguezes, e Abentafut com hum Esquadraõ dos seus Mouros o assaltaõ a favor da noite. Os Barbaros atonitos com a continua-

maçaõ dos insultos, com a fúria do repelaõ, mettidos em desordem, cuidáraõ mais em salvar-se, que em defender-se. O Rei, porque fugio em hum cavallo em osso, escapou de ser prezo; a sua soberba ficou abatida, as suas forças destroçadas, o seu pavilhaõ, huma das suas principaes mulheres, muitos Nobres em nosso poder: captivos 400, despojos immensos, gados em grande cópia, que tudo com marcha lenta viemos conduzindo a Çafim, sem haver em todo o caminho quem de nada nos pedisse contas.

Em vulg.

Uniformidades de successos na Historia, parece que saõ capazes de nausear os espiritos; mas os de Nuno Fernandes de Ataide saõ taõ heróicos, que fazem a repetiçaõ deleitavel. Poucos dias depois da victoria referida se deixáraõ vêr dos muros de Çafim as trópas attrevidas de Almedina commandadas pelo alentado Xeque Jahomazonde, que quiz enganar-nos com emboscadas. Lopo Barriga com 160 cavallos os ataca por hum lado, por outro Nuno Gato com força semelhante. Este

re-

a vulg. raõ degolados mil sobre a marcha, ficáraõ 150 captivos, e tomámos toda a bagagem, que enriqueceo a guarniçaõ de Çafim.

Os Portuguezes mais animados com esta victoria, immediatamente entráraõ pelo territorio de Xiatima, que deixáraõ assolado com muitos mórtos, e alguns captivos. A noticia desta irrupçaõ forçou o Xarife a pôr-se na tésta das suas trópas para nos combater a todo o risco. Lopo Barriga, e Abentafuf com todos iguaes lhe sahíraõ ao encontro, e depois de hum chóque bem disputado, a victoria ficou indecisa; mas nós tivemos a vantagem de prender a hum filho de Mezéfre, Rei de Dará. Com pouco intervallo de tempo os mesmos Chéfes marcháraõ sobre o lugar de Tanli no territorio de Xiatima, que quizéraõ levar á escala. Os seus moradores, que naõ tinhaõ mais exercicio, que o de cuidar na multiplicaçaõ das abelhas, e sabiaõ por experiencia quanto saõ duras de soffrer as picadas dos seus ferrões, elles trouxéraõ aos muros quantidade de colmêas,

a que dérao fogo para exasperar a có- Era vulg.
lera dos habitantes dos cortiços : lan-
çárao-os sobre os Portuguezes , que
incommodados pelas ferroadas das in-
dustriosas artistas do mel, lhes cedêrao
a victoria. Animárao-se os Barbaros com
a sua inquietaçao para despedirem ar-
mas de arremeço, que lhes ferírao al-
guma gente.

Como a conquista de Tanji era cou-
sa de pouca importancia, Barriga, e
Abentafut se retirárao para Aguz a ajus-
tar os meios de se defenderem do Rei
de Marrocos, que marchava com gran-
de Exercito. Tinha entao chegado a Ça-
fim com boas trópas Nuno da Cunha,
que depois foi Governador da India:
soccorro, que veio a tempo para Nu-
no Fernandes reforçar os dous Cabos
acantonados em Arguz com este hospe-
de na testa de 200 cavallos. No pri-
meiro encontro com os inimigos a per-
da de ambas as partes foi consideravel;
mas nós tivemos a vantagem infeliz de
prender hum Mouro astuto, que met-
tido a tormento para declarar as idéas
do Rei de Marrocos nesta guerra, de-
cla-

Era vulg. claron: Que Abentafut tinha huma intelligencia secreta com o mesmo Rei; que elle lhe fazia avisos de quanto se passava entre os Portuguezes; e que se elles naõ prevenissem as consequencias de semelhante perfidia, o seu *damno* seria inevitavel.

Huma noticia desta importancia, que Nuno Fernandes havia averiguar antes de partir, de tal fórte o subprendeo, que ordenou a Lopo Barriga, e a Nuno da Cunha se apartassem sem demora da companbia de Cide Abentafut. Naõ obedeceo a esta ordem D. Rodrigo de Castro, que com tres criados se fez delle inseparavel. O Mouro generoso, offendido de procedimento semelhante, naõ quiz levallo em silencio, nem soffrello pasmado. Elle enviou hum expresso a Nuno Fernandes com huma carta, em que lhe dizia: Que até ao fundo da alma o feria a injustiça, que com a sua pessoa acabava de se usar: que se admirava de hum General da sua prudencia differir taõ cégamente aos conselhos, e noticias de hum Mouro ladraõ, e infiel, quando

os seus serviços feitos á Coroa de Portugal o punhaõ a coberto de toda a calúmnia; que para confundir aos seus emulos, para dar as ultimas próvas da fidelidade de vassallo, que jurára ser del Rei D. Manoel, marchava já com tres mil homens de cavallaria todos da sua gente a dar huma batalha ao Exercito formidavel do Rei de Marrocos, na qual a sua mórte, ou o seu triunfo fosse o pregaõ immortal da pureza incontrastavel dos seus sentimentos.

Era vulg.

Com esta carta ficou Nuno Fernandes corrido, sem outro recurso, além do arrependimento, para a sua credulidade facil. Elle despedio logo a Henrique de Parada com doze Cavalleiros para levar a Abentafut a resposta com tantas desculpas, que bem persuadissem ao aggravado a confiança extrema, que sempre tivera nelle; e que no dia seguinte a veria confirmada no soccorro de 500 cavallos, que lhe mandava para ir atacar o campo do Rei de Marrocos. O bravo Abentafut sem esperar a resposta do Ataide, marchou á sua expediçaõ, e quando chegou Parada já elle

bia

Era vulg. hia no alcance dos inimigos vencidos. Occupado das imagens da injustiça, que se lhe fizera, com os seus tres mil cavallos se lançou taõ furioso sobre os córpos avançados do Exercito, que levando-os de tropel sobre o grosso do campo, o metteo em desordem, naõ deixando ao Rei, e soldados mais acordo, que para a fugida.

Nesta victoria, a todas as luzes admiravel, foi horrivel a mortandade especialmente no alcance. Os captivos foraõ muitos, os despojos immensos, e todo o campo ficou no poder dos vencedores. Depois de tudo concluido chegáraõ Lopo Barriga, e Nuno da Cunha com os 500 cavallos, que viéraõ ser testemunhas da glória de Abentafut, do orgulho abatido do Rei de Marrocos. Todos os nossos Officiaes no meio da complacencia de feito taõ cheio de honra, que teve por author a hum Mouro fiel com tres mil homens valentes; elles naõ podiaõ dissimular a dôr de naõ participarem della pela credulidade facil de Nuno Fernandes contra hum homem inculpavel na fideli-

da-

dade, que nos havia promettido. Entaõ se desatáraõ as vozes do escandalo em reprehensões contra o Chéfe, que perdèra para si, e naõ deixára adquirir aos outros a reputaçaõ de huma das maiores façanhas, que se tinhaõ visto em Africa: façanha, que era bastante para immortalizar nos nossos Fastos o nome de Cide Haya Abentafut. Como o seu estrondo soava em toda a parte, Nuno Fernandes para impedir com alguma acçaõ naõ vulgar o golpe, que elle poderia descarregar no seu crédito, ordenou aos nossos dous Commandantes, que com os 500 cavallos, que tinhaõ em campo, atacassem huma fórte Praça na Comarca de Xiatima, e que a todo o preço a rendessem. Elles executáraõ a ordem com tanto de exactidaõ, e de rigor, que levando a Praça de assalto, quasi toda a guarniçaõ foi passada á espada.

Era vulg.

Quando se obravaõ estas gentilezas em Çafim, o Rei de Féz para despicar as injúrias recebidas o anno passado sobre Arzila; Barraxe, e Almandarim para se desaffrontarem das muitas, que as

[illegible] ; [illegible], feito [illegible] Exercitos numerosos sobre Arzi-la, e sobre Tangere. Como nestas [illegible] naões, além da morte de D. Diogo Coutinho, irmaõ do Conde de Marial-va ; [illegible] tempo.

Tantas guerras na Mauritania, tantas Esquadras para a India, despezas enormes em tanta multidaõ de expedientes, em que entaõ se occupava a nossa Corte ; nada era bastante para diminuir em El-Rei o ardor do zelo pelos augmentos da Religiaõ no Reino de Congo. Já nós dissemos as Igrejas, que mandára fundar nelle, e os *Missionarios*, que enviára da *Congregaçaõ dos* Conegos de S. Joaõ Evangelista para propagarem o Evangelho. O Catholico Rei D. Affonso, que vencèra a seu irmaõ o gentio Panso, quando lhe disputou a successaõ do Reino, para dar a D. Manoel as demonstrações mais cordiantes do seu reconhecimento ; nos annos antecedentes mandou para Portugal a seu filho D. Henrique, a seu ir-

maõ

mão D. Manoel, e a D. Pedro seu pri- [illegible]
mo para serem instruidos nos Dogmas
Catholicos, na lingua Latina, e em
outras sciencias.

Como D. Pedro, que nestes Reinos me-
receo agrados especiaes aos nossos Prin-
cipes, neste anno teve de voltar a Con-
go, o Rei D. Manoel enviou com elle
novos Missionarios, officiaes para a fa-
brica dos Templos, ornamentos pre-
ciosos para os Officios Divinos, pre-
sentes riquissimos a ElRei, e por Em-
baixador junto á sua Pessoa a Simaõ da
Silva, Fidalgo honrado. Este Ministro
levava ordem para promover todo o
genero de interesses do Rei D. Affonso,
e aconselhar-lhe da parte de D. Manoel,
que elle em qualidade de Principe Chris-
taõ devia mandar hum Embaixador a
Roma para render obediencia á Santa
Sede, e que para o instruir no modo
de escrever ao Papa, hia na sua com-
panhia hum Jurisconsulto, que tambem
lhe serviria de conselheiro na adminis-
traçaõ da justiça. Como esta Embaixa-
da havia ser a primeira, que o Rei de
Congo mandava a Roma, e o Mu

D. Manoel lhe mandava, levantou os olhos ao Ceo, e deo graças ao Todo Poderoso, que fazia evidente na sua pessoa, como todas as cousas concorrem para a felicidade dos que amaõ, e crem no verdadeiro Deos.

Era vulg.

Finalmente, D. Pedro destinado Embaixador para Roma, tornou a embarcar na nossa Fróta para voltar a Portugal, acompanhado de doze Cavalleiros distinctos, e doze moços nobres, estes para serem instruidos nos nossos Collegios, aquelles para lhe engrossarem a comitiva na Embaixada. El-Rei D. Manoel o recebeo em Lisboa com muitas honras, e o preparou para a jornada de Roma, aonde chegou no anno seguinte de 1513. O Papa, o Collegio dos Cardeaes, toda a Curia Romana mostrou huma alegria extrema com a chegada deste Ministro, que era hum Padraõ vivo, hum testemunho eloquente do ardor, com que na Ethiopia propagava a Religiaõ Catholica; da obra de piedade, que tinha origem no zelo santo do Rei D. Manoel de Portugal.

Apre-

Era vulg.

Apresentou o Embaixador ao Papa Julio II. a carta do Rei de Congo, que entre outras cousas dizia: Como o Rei D. Joaõ II. de Portugal o havia arrancado do poder de Satanaz, e entregue nos braços de Jesus Christo; o apartára do horror das sombras, e o mettera de posse da regiaõ da luz: que D. Manoel com maiores perigos dos seus vassallos, e despeza dos seus thesouros, entranhára os resplendores do Evangelho nos certões tenebrosos da Ethiopia: que elle dava graças ao Ceo pela Providencia especial, que mostrava sobre o Reino de Congo, guardado nos abysmos dos Decretos eternos para receber as verdades reveladas, de que *dependia* a sua predestinaçaõ: que *sendo informado*, de que elle na terra era o Vigario de Jesus Christo, a quem todos os Principes Christãos respeitavaõ, como a Pai commum; naõ lhe parecia justo deixar de os imitar na reverencia, nos cultos, nos obsequios; que para estas protestações, e em seu nome lhe beijar o pé, mandava por Embaixador a seu parente D. Pedro, homem

mem de vida proba, e sãos costumes, Eta vulg.
que por elle D. Affonso submetteria todo o seu Reino á vontade, e imperio da Santa Sede Apostolica. « O Papa respondeo a esta carta com as expressões vivas de huma caridade paternal; despedio com summo agrado ao Embaixador, que veio embarcar a Lisboa, e foi recebido em Congo pelo Rei D. Affonso com prazer extremo, de todo o Reino com alvoroço sem igual. »

CAPITULO IV.

Trataõ-se os acontecimentos da India no anno de 1513.

DEIXOU de ser inconstante a que chamaõ roda da fortuna no Reinado feliz de D. Manoel, ella firme, pregada com dous cravos, hum em Africa, outro na Asia. No fim do anno, que acabo de tratar, quando o estrondo das nossas victorias na Mauritania enchia o mundo de assombros, na Ilha de Java hum Mouro potentissimo por nome Pateonuz preparava, em huma Armada des- 1513

tinada a conquistar Malaca, outro trofêo para o nosso valor invencivel. Este Barbaro havia annos, que prevenia poder taõ formidavel, como o de trezentas vélas para promover os intentos de seu amigo Utetimuta Rajá: primeiro contra o Rei de Malaca, depois contra Affonso de Albuquerque. Agora que o seu amigo já perdéra a cabeça em hum cadafalso, como a despeza estava feita, Pateonuz a quiz resarcir com os despojos de Malaca, que suppunha rendida sem mais trabalho, que pôr-lhe á vista a perspectiva fastosa da sua Armada.

Justamente se jactava elle, de que tudo mostrava semblante de favorecer os seus designios. O Albuquerque, que era o terror dos Indios, estava ausente: os Mouros lhe forneciaõ huma multidaõ de homens: elle tinha outra de navios; e para maior avance das suas forças, conseguio com industrias sublevar a gente das duas Ilhas, chamadas a grande, e a pequena Java, visinhas de Ceilaõ, de quem as sepára hum pequeno braço de mar. Foi huma grande

vaõ-

vantagem trazer Pateonuz ao seu partido estes Póvos bellicosos, que do officio de forjar armas, e fundir metaes, tomaõ hum ar deshumano, que os faz medonhos. Do porto de Javara, Cidade de que Pateonuz era Senhor, sahio elle com o pomposo apparato, fazendo-se na volta de Malaca. Todos os pórtos por onde este passava, ignorantes do seu destino, sem apparencias de defender se, só cuidavaõ nos meios mais honrados de entregar-se. A primeira glória estava preparada para os Portuguezes, que naõ confrontavaõ com o seu valor número de inimigos.

Era vulg.

Como na vã-guarda destes marchava o terror dos Póvos, depressa chegáraõ as noticias a Malaca. O seu Governador, Ruy de Brito Patalim, immediatamente ordenou ao Almirante Fernaõ Peres de Andrade sahisse com a Esquadra a observar os movimentos da de Pateonuz. Este navegava pelo Estreito dos Savens, o Almirante o buscava pelo de Sabaõ; e como naõ o encontrou, se recolheo ao porto, aonde a noticia da vinda de Pateonuz foi tida

por

Era vulg. por falſa. Naõ paſſou muito tempo; que todo o horiſonte viſivel da parte do mar naõ pareceſſe bordado da quantidade de navios grandes, e pequenos, que vindo eſpalhados, formavaõ huma linha de vaſta extenſaõ na frente de Malaca. O Governador, que receava ſer ſubprendido, ou ficar meſmo atracado com as náos, que tinha ſobre ferro, determinou embarcar-ſe, levallas, e fazer-ſe ao mar.

Entendeo o Almirante Andrade, que eſta manobra do Governador era huma uſurpaçaõ do exercicio do ſeu poſto, hum golpe, que deſcarregava no ſeu crédito, e lhe requereo que ſe recolheſſe á Fortaleza para a defender, como era obrigado; que a elle ſó lhe tocava ir inveſtir aos inimigos no alto mar. Naõ cedeo o Governador; mas o prudente Almirante, preferindo a cauſa commua á ſua razaõ particular, e por naõ fazer mais nublado hum tempo taõ critico, conveio em que embarcaſſem ambos; elle nas náos, de que o Albuquerque o fizera Almirante; o Governador nos navios deſtinados á defen-

fensa do porto de Malaca, com elles Era vulg.
o junco de Tuaõ Mafamede; que Ni-
nachetu costearia o longo da terra com
as embarcações de remo, em que leva-
va 1500 Malaios bem armados; e que
a Fortaleza ficaria encarregada ao Al-
caide Mór Ayres Pereira de Berredo.

Tentáraõ os inimigos a entrada no
porto de Malaca. Para o impedir, com
resoluçaõ que huns chamáraõ atrevida,
outros temeraria, se poz na sua frente
a nossa Esquadra, que parecia nada em
comparaçaõ da dos contrarios. Naõ se
podéraõ conter os espiritos intrépidos
de Jorge Botelho, que montava hum
navio muito veleiro, e de Pedro de
Faria, que mandava huma galé, sem
lhes mostrarem, que o seu valor naõ
se rendia a apparencias antes de experi-
mentarem os golpes. Elles rompêraõ
por toda a Armada de Pateonuz; che-
gáraõ á falla com elle no bórdo da sua
Almiranta, que servíraõ com duas ban-
das de artelharia; mas esta confiança
naõ lhes servindo para mais, que dar-
lhes a conhecer a necessidade de obra-
rem unidos contra huma monstruosida-
de

de de adversarios, elles voltáraõ a incorporar-se com os camaradas.

Naõ só a retirada destes dous Officiaes, senaõ os movimentos do inimigo, que trabalhava para rodear a nossa frota; o Governador, porque perdera a vantagem da fórma, foi obrigado a fazer-se com a terra, incidentes ambos, que lhe deixáraõ livre a entrada do porto. A noite se passou em escaramuças, como ensaios do valor para a representaçaõ do dia. Os nossos fizéraõ conselho de guerra na galé de Pedro de Faria, aonde se resolveo: Que o Governador devia ir para a Fortaleza, e defendella até esperar soccorros da India, no caso de nós perdermos a batalha naval: Que desta se havia encarregar Fernaõ Peres como Almirante, e que se a ganhasse, de hum repelaõ se acabava a guerra. Executou-se o que o conselho determinára; e nós vendo que os inimigos em toda a noite nada fizéraõ do que deviaõ indispensavel ao seu muito poder, julgavamos mudança nos seus designios.

A nossa idéa naõ foi errada; porque

que na mesma noite alguns Jaos residentes em Malaca foraõ a bórdo da Capitania, e persuadíraõ a Pateonuz, que para investir Malaca com probabilidades de a render, voltasse para o rio de Muar: que dalli negociasse huma alliança com o Rei de Bintaõ, que lhe podia fornecer abundancia de artelharia, e trópas numerosas para fazerem o sitio de Malaca; em quanto elle com a Armada atacava a dos Portuguezes, e impedia a entrada dos mantimentos na Praça: diversaõ, a que os mesmos Portuguezes naõ poderiaõ resistir por poucos, ainda que muito valentes. Pareceo bem o arbitrio a Pateonuz, que o abraçou; e ao romper do dia, quando se esperava vêr o terror derramado em Malaca, elle mandou levar as ancoras, soltar o pano, sahir do porto.

Era vulg.

O Almirante Andrade naõ podia crêr o mesmo, que estava vendo. Rodeado do seu assombro, já sem poder reprimir os impulsos do coraçaõ magnanimo, elle diz aos seus Officiaes: A elles, camaradas, que algum temor mandado do alto comprimio os espiritos des-

Era vulg. desse sem número de Barbaros. Soltem-se sem demóra as vélas, vamos a elles, que o Ceo nos he propicio, hoje será immortal a nossa glória. Distribuidas as ordens, de que ninguem abordasse, e sem cessar fosse a artelharia bem servida, a nossa Esquadra foi carregando a reta-guarda da inimiga. Pateonuz, sem se embaraçar com o nosso arrojo, mandou soltar todo o pano á sua náo, foi sahindo, e ordenou, que todas o seguissem. Os seus Capitáes, que naõ lhe penetravaõ a politica, naõ entendendo que movimento semelhante era fingido, o tiveraõ por huma fugida verdadeira. Os Portuguezes, que percebiaõ a consternaçaõ dos Barbaros, dobravaõ o fogo, lançavaõ-lhes panellas de polvora, que ateavaõ incendios horriveis. Para fugirem á sua voracidade muitos se arrojavaõ ao mar, que se via coberto de homens; mas os nossos nos batéis os perseguiaõ, fazendo huma carnagem espantosa.

A desordem, em que Pateonuz via a sua Armada, o obrigou a metter a sua náo no centro de quatro das maio-

res,

res, ligadas humas a outras, que representavaõ huma Fortaleza no meio do mar, e que as mais as rodeassem como muro, que os Portuguezes naõ poderiaõ romper. As cinco náos ligadas as encheo de homens, que se viaõ apinhados de poppa a proa: movimentos militares cheios de erros enormes, que foraõ a causa da ruina dos inimigos. Das nossas náos naõ se disparava tiro sobre homens, e navios amontoados, que naõ matasse huns, que naõ mettesse outros a pique. Já rendidos muitos vasos, alguns no fundo, vários queimados, grande número de homens mórtos, quasi todos feridos, os nossos se foraõ chegando para abordarem os maiores. Martim Guedes, que havia destroçado muitos, balroou huma grande náo, saltou dentro, degollou parte da gente, a outra lançou-se ao mar. O mesmo fez Joaõ Lopes de Alvim a hum junco alteroso, e a ambos estes vasos consummio o fogo. Os mais Capitães cumpríraõ os seus deveres com igual esforço, naõ apparecendo de Armada taõ formidavel em es-

Era vulg.

Era vulg. eſtado de combater, mais que as cinco náos incorporadas.

O Almirante Andrade fazia toda a força por inveſtir a Capitanea de Pateonuz; mas naõ podendo chegar-lhe por levar na ſua reta-guarda a fórte náo de Temungaõ, atacou eſta, botou-lhe os arpéos, ferrou-a por hum coſtado, e Franciſco de Mello com o ſeu navio a tomou de proa; ſaltando ambos com a ſua gente a ſuſtentar huma viſtoſa peleija. Temungaõ eſtava nos termos de ſe render, a tempo que hum moço biſarro de vinte annos, ſeu ſobrinho, e Commandante de outra náo, acodia a ſoccorrello. Elle entrou na noſſa Almiranta; mas advertindo, que primeiro que rendella, eſtava ajudar a ſeu tio, ella lhe ſervio de ponte para entrar na náo de Temungaõ. Eſte auxilio, ſobre renovar o combate, poria tropeços á victoria do Almirante, ſe Jorge Botelho, que notou o perigo, naõ ganhaſſe a náo do ſobrinho de Temungaõ com morte de toda a gente, e com o meſmo impulſo generoſo naõ foſſe conſummar o triunfo ao lado dos ſeus camaradas. Ni-

na-

nachetu, e Tuam Mafamede, depois de encherem as obrigações de bons foldados, foraõ no alcance das reliquias destroçadas dos inimigos, que degolavaõ sem piedade.

Era vulg.

Hum dia inteiro se naõ víraõ naquelles mares mais que espectaculos ingratos á humanidade; tudo fogo, sangue, mórte, e pilhagem. Sobreveio a noite, e nella hum vento rijo, que espalhou as náos dos Barbaros, e as levou a differentes pórtos. Esta tempestade foi favoravel a Pateonuz, que com ella ferrou a Ilha de Java em parte, aonde naõ podia ser atacado. De sessenta náos grossas, que elle trouxe á empreza de Malaca, huma só lhe escapou de ser tomada, ou mettida a pique. Das fustas, e embarcações ligeiras, muitas foraõ queimadas, botadas no fundo, e outras prisioneiras. Morrêraõ oito mil Barbaros em tantas náos derrotadas: dos Portuguezes, e Malaios seus alliados faltáraõ trinta, e ficáraõ muitos feridos. Esta victoria, que até entaõ naõ tinha exemplar na India, fez universal o espanto em todos aquelles Póvos; obri-

 gou-os

[illegible] a [illegible] para Malaca com ref-
peito profundo, e os feus moradores a-
gradecem ao Almirante Fernaõ Peres
de Andrade as ultimas [illegible] de deli-
cadeza, que faõ devidas aos Liberta-
dores.

Com efta guerra acabou efte o an-
no, que prometêra a Affonfo de Al-
buquerque de fervir em Malaca. Entre-
gado o governo da Armada a Joaõ
Lopes de Alvim, fem demora partio
para a India, elle, e Vafco Fernandes
Coutinho em huma não, Lopo de Aze-
vedo, e Antonio de Abreo cada qual
na fua, todos ricos dos defpojos de al-
ta reputaçaõ, e gloria fublime.

Efta aufencia do Almirante Andra-
de hia fendo caufa de fe moverem em
Malaca negocios funeftos. Hum Sarra-
ceno perfido, que fe eftabeleceo na Ci-
dade, chamado Tuaõ Mazeliz, fe apro-
veitou della para fe fazer fenhor da
Fortaleza por trahiçaõ, e entregalla a
Alodin, Rei de Bintaõ, que era o Prin-
cipe expulfo de Malaca, com o qual
elle tinha intelligencias fecretas. Como
o proiecto naõ fe podia confeguir fi-

vivendo o Feitor Pedro Pessoa, fiado em bons amigos, conspirou contra a sua vida, mandou chamallo com pretexto de negocios, e assassinou-o. O golpe, que descarregou o trahidor, naõ foi taõ mortal, que o Pessoa com toda a presença de espirito naõ fechasse o quarto para os outros pérfidos naõ entrarem, e que naõ gritasse pedindo soccorro. Acodio a guarda, que estava perto; carregou os Mouros, e os Bintamezes, que estavaõ á pórta, e fez em póstas ao trahidor Maxeliz. Com estes poucos golpes foraõ dissipados todos os inimigos, e forçado o Rei de Bintaõ a pedir humilde a paz, que Malaca por alguns annos gozou feliz, e inviolavel.

Era vul[illegible]

CAPITULO V.

Da expediçaõ de Affonso de Albuquerque a Adem, e mar da Arabia, com outros successos da India.

Era vulg.

NEM sempre a felicidade com constancia acompanha ao Varaõ fórte. Nós acabámos de vêr ao grande Affonso de Albuquerque conquistador glorioso de Goa, de Malaca, de Benastarim, em muitas expediçöes estrondosas o terror das Indias Ulterior, e Citerior, o assombro de toda a Asia. Para que esta reputaçaõ fosse recebendo novos incrementos, elle se dispunha na entrada deste anno para conquistar a Cidade de Adem, huma das mais bellas do Oriente, situada ao pé de huma montanha em huma lingua de terra, que se avança pelo mar dentro, e que fórma huma peninsula. Ella he recommendavel, naõ só pelo número, e formosura dos seus edificios, mas pelos seus gróssos muros, e altas torres, pelo seu avultado

ado commercio, que frequentaõ os Mercadores da Perſia, India, Ethiopia, e Arabia.

Era vulg.

Como ſe eſte deſignio houveſſe de ter grandes conſequencias, o Albuquerque ſahio de Goa a emprehendello no dia 17 de Fevereiro; deixando o governo da Cidade encarregado a Pedro Maſcarenhas com a guarniçaõ de 400 Portuguezes, de 80 cavallos, e a gente da terra; Benaſtarim a Rodrigo Pereira, e o do mar a Joaõ Machado. Elle levava huma Armada de vinte vélas, em que embarcou toda a Nobreza da India com 1700 ſoldados Portuguezes, 1000 Canarins, e Malabares. O empenho deſta conquiſta naſceo dos diſcurſos do Albuquerque, entendendo elle, que ſendo Portugal ſenhor de Adem, naõ ſó o era tambem dos mares da Arabia, mas das pórtas do ſeu golfo, por onde as Armadas do Soldaõ do Egypto já mais poderiaõ ſahir a infeſtar a India: Que ella fazia evidentes duas grandes vantagens, huma a de que com poucas náos ſe tapava a bocca daquelle Golfo; outra a de ſobirem com fa-

ci-

ſta, de que o Imperio Po
Aſia ſeria, na ordem das co
mana, de huma duraçaõ longa.

A conſtancia deſtes penſa
vou ao Albuquerque a Adem
lançou ferro a Armada, e
mento da diſciplina das tróp
fundas para brotar nos morad
odio, que para o arrancar já
veraõ forças. O Governador
mandou logo hum Emiſſario
Albuquerque o que pretendia
dade. Foi-lhe reſpondido :
quanto a Adem, nada deſejav
como contrahir com a Cidade h
concordia, firmar alliança p

o Soldaõ havia preparado no mar de Arabia para fazer a guerra aos Portuguezes na India : guerra , que pelo seu crédito elle devia prevenir , naõ só amparando-se do golfo , mas indo forçar os inimigos no mesmo porto de Suez para mostrar ao Soldaõ, que os Portuguezes , naõ lhe tendo dado motivos para huma inimizade aberta , elles eraõ incapazes de soffrer atrevimentos.

Era vulg.

Miramir-Jam conveio na proposta do Albuquerque ; assegurando-lhe , que Adem estava ás ordens do Rei de Portugal , e que os seus vassallos podiaõ entrar , e sahir da Cidade com a segurança de quem estava na casa propria. Como no porto havia trinta náos , que as suas tripulações desampararaõ , quando chegou a Armada ; o Albuquerque, recebida a resposta , e o refresco de Miramir , mandou dizer á gente das náos, que podiaõ recolher-se aos seus bórdos debaixo da palavra de se naõ fazer violencia a elles , nem aos generos do seu negocio. Estes homens , longe de aceitarem a nossa condescendencia , publicáraõ calumniosamente , que os Por-

Era vulg. tuguezes lhes promettiaõ obſervancia da boa fé, depois de lhes terem pilhado os ſeus navios, obrigando-os a retirar á Cidade, antes que paſſaſſem adiante com as ſuas coſtumadas inſolencias.

O Governador ouvindo eſtas queixas, ſem mais exame mudou de ſentimentos, e fez ſaber ao Albuquerque: Que na Cidade de Adem naõ tinha elle acçaõ para mandar recados a outra peſſoa além da ſua: Que elle acabava agora de conhecer a ſua ſimulaçaõ, e pouca fé, que com apparencias de paz vinha derramar a perfidia: Que como naõ cuidava em mais expedientes, que fazer a guerra, e abuſar da credulidade das Nações, chamava para fóra de Adem a tantos homens com a idéa de lhe deixar a Cidade enfraquecida. Ao meſmo tempo que o Albuquerque recebia eſte aviſo, chegava á ſua nâo nadando hum Ethiope Chriſtaõ, que fugia de Adem, aonde eſtava captivo, e o inſtruio com a noticia, de que Miramir depois da ſua chegada ajuntava gente de todas as partes, e fortificava

a

a Cidade para fazer huma defenſa vigoroſa, ſem animo de cumprir nada do que na primeira negociaçaõ lhe promettêra.

Era vulg.

A reſpoſta, que Affonſo de Albuquerque deo ao recado referido, foi bater a Adem, poſtar gente em terra, com corage, e ardor inveſtir os muros, tanto que a brécha ſe pôz em termos de montar o aſſalto. Os noſſos ſe atropelavaõ na porfia de qual havia ſer o primeiro, que ſobiſſe pelas eſcadas, que infelizmente ſe rompêraõ depois de Garcia de Souſa, e outros bravos ſoldados eſtarem em cima dos muros. Elles ſuſtentáraõ repelões horrendos, em quanto por huma parte o Alferes de Manoel de la Cerda, por outra Jorge da Silveira contendiaõ para os ſoccorrer. O Silveira, que com a eſpada na maõ ſobira ſó o muro, dando golpes formidaveis, foi feito em pedaços por huma multidaõ, que o cercou. Miramir em todas as partes cumpria as obrigações do ſeu cargo; mas os Portuguezes furioſos, olhando para a mórte com deſprezo, augmentavaõ o fu-

ror

Era vulg. ror á proporçaõ da reſiſtencia. O Albuquerque, que via cahir muitos Portuguezes mórtos, e queria poupallos para a guerra do Soldaõ, mandou que ſe lhes deitaſſem córdas para deſcerem do muro, e retirallos do ataque.

Garcia de Souſa com generoſidade infeliz, quando ſe lhe offereceo eſte ſoccorro, diſſe: Que era indignidade do ſeu naſcimento, e das proezas, que tinha obrado, baixar dos muros por huma corda. Outros bravos foraõ do meſmo ſentir: mas eſtando elles debaixo de nuvens de armas de arremeço, huma pedra perdida deo na cabeça de Garcia de Souſa, rompeo-lhe o caſco, derrubou-o morto. Fim ſemelhante experimentáraõ os mais atrevidos: cataſtrofe, que obrigou os camaradas, huns a ſervir-ſe das cordas, outros a ſaltar as muralhas com a láſtima de quebrarem as pernas. Tocou-ſe a retirada; nella ſe deo fogo ás trinta náos, que eſtavaõ no porto; embarcou a trópa; e porque marchar ſobre a Armada do Soldaõ, e naõ perder a conjuntura de navegar aquelles mares, eraõ negocios

maiſ

mais importantes; o Albuquerque levantou o ſitio, e ſe fez ao mar. Elle olhou de longe para a Adem ſoberba, com viſta melancolica ſobre o primeiro padraſto da ſua conſtante fortuna.

Era vulg.

Em poucos dias ferrou a Armada a Ilha de Camaraõ na bocca do golfo da Arabia, aonde mandou que ſaltaſſe D. Garcia de Noronha para obſervar a terra, que achou abundante de gados, de plantas, e de aguas. Os moradores prevenírão as calamidades imaginadas, paſſando para o continente: mas o Albuquerque, que levantava as viſtas muito além de intimidar Póvos pouco aguerridos, fornecendo a Armada de agua, e mantimentos, continuou a viagem para a Cidade de Juda. Diſtante della trinta legoas, huma tempeſtade furioſa o obrigou a arribar á meſma Ilha de Camaraõ para paſſar nella o Inverno na companhia dos moradores reſtituidos a ſuas caſas, que tomando o goſto á doçura do trato com os Portuguezes, mudáraõ em complacencia o primeiro ſuſto. Quiz o Albuquerque fundar aqui huma Fortaleza, que naõ teve

vulg. ve effeito por falta de materiaes; fatis-fazendo-se com levantar nella hum Padraõ com a imagem da Santa Cruz, que depois deo á Ilha nome *novo*.

Quando o mar se pôz *navegavel*, o Governador resolveo voltar para a India; sentido, de que em huma expediçaõ, que o metteo em alvoroço, elle ao menos naõ encontrasse meio para resarcir as despezas, que fizéra na Armada. Com este desejo quiz outra vez tentar fortuna sobre Adem, aonde esteve quinze dias despedindo, e recebendo ballas, olhando para a Praça com maior respeito; porque a via mais bem fortificada, do que antes. Com a estranheza de nada obrar memoravel, o Albuquerque chegou a *Dio*. *Meliqueaz* o mandou visitar a bórdo com refrescos da terra; mas os espiritos destes dous Chéfes estavaõ bem conformes na pouca sinceridade; o Albuquerque com vontade de se fazer senhor de Dio; Meliqueaz com desejos de arruinar o Albuquerque. Este sem mais demóra, que a de seis dias, navegou para Chaul: o outro o foi seguindo com 80 navios

de

de remo, e lhe mandou recado adiante, de que como naõ o visitára em Dio, o vinha fazer ao mar. O Albuquerque lhe protestou a alegria, com que o esperava; que podia chegar sem susto; naõ tendo elle empenho igual ao de lhe dar as próvas mais sensiveis da candura das suas intenções.

Era vulg.

Com confiança nesta resposta Meliqueaz se adiantou da Fróta, e da sua fusta fallou ao Albuquerque, que o tratou com agrados excessivos, com tantas lisonjas do gosto, que lhe mandou a bórdo quatro Mouros de alta qualidade, que trazia captivos: presente de Meliqueaz taõ estimado, que sobre lhe imprimir a marca de huma gratidaõ delicada, o fez mudar o conceito improbo, que do Albuquerque lhe introduzíra a calúmnia. Chegou este a Chaul, aonde encontrou a Tristaõ de Gá, que voltava da sua Embaixada de Cambaya com permissaõ do Rei para elle fundar huma Fortaleza em Dio. Em fim, a Armada entrou em Goa com a preza de seis náos de Mouros; e porque duas pertenciaõ a

Ca-

Era vulg. Calecut, o Governador as reſtituio em obſervancia do Tratado precedente. A Fortaleza, que na fórma do meſmo Tratado, elle mandára fazer em Calecut antes de partir para *Adem*, ainda eſtava por principiar, aſſim por cauſa das intrigas do Rei, como pela emulaçaõ eſcandaloſa dos Officiaes Portuguezes, que a alto tom ſentenciavaõ o Albuquerque por hum arremeçado audacioſo, que havia arruinar os noſſos negocios na India pela jactancia, com que pretendia, que em cada lugar, aonde chegava com a Armada, ſe levantaſſe huma Fortaleza.

O máo ſucceſſo de Adem fez agora a emulaçaõ, a invéja, a murmuraçaõ mais ſoltas. Com conſtancia de Heróe ouvia dizer o Albuquerque: Que huma Eſquadra poſta no mar á cuſta de hum theſouro, que conſummíra, para nada preſtára: que enchendo ella aos Portuguezes de expectacçaõ, ás Nações da Aſia de terror, o fructo que ſe recolhêra, fora vêr Goa os animos ſublimes, pagos da ſua te- , entrarem pela barra dentro com

Era vulg.

com cára de modeſtos, e de prudentes: que bem ſe conhecia agora pela ſubtracçaõ dos auxilios ſuperiores, como as victorias paſſadas do Albuquerque eraõ huns esforços da clemencia Divina, ſem ter nellas parte o ſeu valor: em fim, que as flamulas, e galhardetes, que tremolava eſta Armada para indicar as ſuas memoraveis victorias, eraõ os lutos, que arraſtava pela mórte de tantos homens eminentes na guerra, que perdêra ſobre Adem.

Surdo a eſtes éccos da calúmnia o grande Albuquerque, que naõ lhe dava eſtar mal com os homens por amor d'El-Rei, e depois El-Rei ſe poz mal com elle por cauſa dos homens: eſte Heróe magnanimo recebeo em Goa com as honras devidas a Fernaõ Peres de Andrade, que chegára de Malaca triunfante. Pouco depois veio á meſma Cidade Joaõ de Souſa de Lima, que neſte anno ſahíra de Lisboa com tres náos, e os dous Capitães Henrique Nunes de Leaõ, e Franciſco Correa, que ſe perdeo nas Ilhas de S. Lazaro. Exacto no comprimento da ſua

pa-

cobrar no ſeu porto, como tributo, que elle ſe impunha, a metade do ſeguro de todo o genero de embarcaçőes, que era hum avultado rendimento.

Era vulg.

Deſte modo conſeguio o grande Albuquerque deitar hum jugo ao Rei poderoſo de Calecut, que do tempo da noſſa entrada na India atégora tinha ſido o rival inexoravel da noſſa glória, oppoſitor conſtante á fortuna das noſſas armas. Eſta paz metteo em grande movimento aos Reis de Cochim, e de Cananor, que com o reſtabelecimento dos negocios de Calecut, conſideravaő os ſeus arruinados. Ambos os Principes ſe queixáraő cioſos ao Albuquerque da injuſtiça, que ſe faría a elles, e aos ſeus vaſſallos, ſe á nova alliança ſe ſeguiſſe a abertura geral do trafico com Calecut. Elle teve por muito attendiveis os officios juſtos dos dous Monarcas, e diſpôz huma paſſagem pelos ſeus Reinos para os ſatisfazer, e deixar as ordens preciſas, que deſterraſſem das ſuas, e das imaginaçőes dos ſeus vaſſallos o temor da interrupçaő do Commercio.

[illegible] vulg. Para que o nosso Heróe naõ gozasse felicidade sem contrapezo ; quando elle tinha attentas sobre o seu valor, e equidade as admirações, e os louvores das Nações mais circumspectas, nos *seus* Patricios invejosos encontrava as perfidias mais indignas. Para lhe abatter a reputaçaõ, o seu mesmo Secretario Gaspar Pereira, perfido, e trahidor, *obrava* de concerto com os inimigos do homem, semeadores da zizania, que queria affogar a seára plantada na India para utilidade de Portugal por humas mãos taõ limpas, como as de Affonso de Albuquerque. Com o pretexto, ou presumpçaõ de dar a El-Rei avisos uteis, Gaspar Pereira tomou a confiança de lhe escrever para representar : Que se Goa houvesse de se conservar, toda a India se viria a perder, sendo poucos os Portuguezes para defenderem a extensaõ do seu recinto : Que elles tinhaõ quasi abandonado o imperio do mar para se exporem a maiores perigos sem fructo entre quatro paredes. O tom das vozes de Pereira a cada instante metnos ouvidos do Rei por outras igual-

mente dissonantes, dividio os pareceres sobre a resolução, que se devia tomar. D. Manoel como prudente escolheo o meio de communicar estes avisos ao Albuquerque, para que elle em conselho com os seus officiaes deliberasse se Goa devia, ou naõ conservar-se.

Era vul-

Quando no Conselho pleno foraõ lidas as cartas do Rei pelo mesmo Secretario infiel, elle naõ pode dissimular a complacencia, bem certo de que a mesma estimaçaõ, que o Governador faria delle, e o crédito que tinha adquirido entre os primeiros Officiaes, naõ consentiriaõ haver hum só voto, que se apartasse dos seus sentimentos. Tudo porém lhe succedeo pelo contrario, quando se acabou de lêr a Memoria injuriosa ao Albuquerque, que elle enviára a El-Rei, e El-Rei mandou ao Albuquerque. Examinada com o peso de circunspecçaõ, que ella merecia, naõ houve no Conselho pessoa, que naõ tivesse o desamparo de Goa por huma injúria enorme da Naçaõ Portugueza. Todos clamáraõ, que sugestões semelhan-

ſujeiçaõ, de tributo; quando foi cauſa delle mandar D. Joaõ de Menezes a Africa para recolher o fructo deſtas promeſſas, e elle pérfido, e perjuro o enganou: motivos, que deſafiavaõ a indignaçaõ juſta do Rei benigno para naõ deixar ſem caſtigo huns crimes deſta natureza com a conquiſta da meſma Cidade rebellada.

Era vulg.

Com eſte deſignio ſe preparou huma Armada de quatrocentas vélas de differentes grandezas, a mais fórte, e brilhante, que até entaõ ſe víra no porto de Lisboa. Embarcáraõ nella, além da gente do mar, 2ↀ700 cavallos, e mais de 20ↀ000 infantes. Nomeou El-Rei para General Supremo da expediçaõ a ſeu ſobrinho D. Jayme, Duque de Bragança, Principe ſuperior á empreza pela qualidade do ſangue, pela ſublimidade da prudencia, pela grandeza do Eſtado. Elle engroſſou o Exercito com tres mil dos ſeus vaſſallos, que veſtio de branco, e os cruzou, como deſtinados para huma guerra ſanta. Outros Fidalgos aliſtáraõ gente á ſua cuſta, eſpecialmente Joaõ Gonçalves

da

Hist. Geneal. da Camara, filho de Simaõ Gonçalves da Camara, Governador da Ilha da Madeira, que incorporou na Armada 20 navios, 200 cavallos, e 600 infantes.

Embarcáraõ com o Duque Ruy Barreto, que hia nomeado Governador da Praça, que se havia conquistar, os primeiros Titulos do Reino, os grandes Fidalgos, a maior parte da Nobreza da Corte, e das Provincias. Para governar o Exercito nos impedimentos do mesmo Duque nomeou El-Rei por seu Tenente General ao grande D. Joaõ de Menezes, que levava todas as recommendações no seu nome. Em quatro mezes, e meio poz prompta toda esta maquina sobre o Tejo a actividade de D. Martinho de Castello-Branco, Conde de Villa-Nova, a quem El-Rei a encarregára. No dia determinado para a partida assistiraõ o Rei, e o Duque na Cathedral aos Officios Divinos celebrados pelo Arcebispo D. Martinho da Costa, que fez a ceremonia de benzer a Bandeira Real, que o Rei entregou ao Duque com a recommendaçaõ,

de

de que em projecto taõ importante, e nos meios para o conseguir procurasse a glória de Deos, naõ esquecesse a administraçaõ da justiça, promovesse a boa ordem.

Era vu

No dia 17 de Agosto sahio a Armada de Lisboa, e com viagem feliz chegou a Faro no Algarve, aonde se deteve até 22 do mesmo mez para receber a bórdo a gente deste Reino. A 28 avistou a Cidade de Azamor; mas o vento contrario a impedio tomar a barra, e foi lançar ferro em Mazagaõ, duas legoas distante de Azamor, aonde o Duque deo ordem para o Exercito saltar em terra. A nobre Cidade, que agora era o objecto, em que se hiaõ empregar o valor, e a fortuna das armas del Rei D. Manoel, está situada ao Occidente do Estreito de Gibraltar na fertil Provincia de Ducala. O seu terreno he banhado pelas aguas do rio, que os Mouros chamaõ Omirabith, e alguns o estimáraõ pelo Asama. Na sua embocadura, naõ longe do mar, está plantada Azamor cercada de gróssos muros pela extensaõ, que occupaõ cinco mil

mo-

invulg. nidas humas máquinas com materias inflammaveis, que ardiaõ na mesma agua, para queimarem os navios ligeiros, que mais se chegassem á praia; e ordenou a Pedro Affonso, e a Garcia de *Mello*, que o seu primeiro empenho fosse destroçar estas máquinas. Quando chegou o Duque já os dous Fidalgos tinhaõ executado a ordem com desprezo invencivel do fogo das batarias, das torres, e dos muros.

Na frente do Exercito marchava como batedor do campo, e guarda avançada o Adail Francisco de Pedrosa com hum troço de cavallaria, que resistio com ferocidade ao vigor barbaro de inimigos muito superiores. Como de todas as partes parecia, que brotava a terra os seus Esquadrões formados, coroando os montes, e galopando pelos valles para atropellarem o bravo Pedrosa: D. Joaõ de Menezes com a cavallaria de hum dos lados correo em seu soccorro, conhecendo-se logo pelas imagens do combate, que andava nelle a espada de D. Joaõ de Menezes. Contra tanto valor vinha cahindo tal multi-

ti-

tidaõ de Barbaros, que o Conde de Borba os buscou por outro lado, e sendo já batalha a escaramuça, o Duque acodio em pessoa a consummar a victoria, que a noite naõ deixou ser completa. Entre os inimigos mórtos se achou o cadaver do valente Mouro Cide Azo, que havendo servido com inclinaçaõ, e experimentado a beneficencia del Rei D. Manoel, neste encontro pagou com a vida o crime da ingratidaõ.

Em vulg

Chegou o Exercito na mesma noite à Azamor, e na mesma ordem da marcha foi tomando campo ao longo do rio na frente da Armada. Ao romper a aurora mandou o Duque desembarcar a artelharia, as munições, as máquinas de bater os muros para no mesmo dia se dar hum assalto brusco, ainda que naõ fosse espaçosa a bréchá. Ao tempo que nós occupavamos nestas disposições, appareceo a tiro de canhaõ do nosso campo hum corpo numeroso de inimigos com ar, de que vinha a investir-nos. O Conde de Borba pedio licença ao Duque para lhes pagar a visita sem demóra; mas elle lhe respondeo:

a vulg. deo: Que ſuſpendeſſe a cortezia; porque elle viéra de Portugal ganhar Azamor, naõ a pôr tropeços á conquiſta. Os Mouros, vendo que naõ ſe fazia caſo delles, abandonáraõ o campo, e os deſignios para nos deixarem a victoria mais ſegura.

Eſcolheo o Duque as trópas do Algarve para o primeiro aſſalto contra as obras exteriores, que impediaõ chegar ao muro. Elle as encarregou ao commandamento de D. Luiz de Menezes, de Jorge Barreto, e a Joaõ da Silva o da gente de ſeu Tio D. Fernando Coutinho, Biſpo do meſmo Reino. Os Algaravios vaidoſos com eſta preferencia em occaſiaõ de tanta honra, redobráraõ a ferocidade natural dos ſeus eſpiritos, mais animados com as vozes, e os exemplos do grande D. Joaõ de Menezes, que os conduzia ao avance, como primeiro Chéfe. A eſcalada principiou taõ vigoroſa, que os inimigos, levados de poſto em poſto, perdêraõ todas as obras exteriores; os Algaravios ſe arrimáraõ aos muros, que entráraõ a picar incançaveis, ſoffrendo intrépidos

dos com conſtancia incrivel o diluvio Era vulg.
de fogo, de pedras, de inventos de matar, que a arte da guerra enſinou para defender.

Cide Mançor, longe de ſe aſſuſtar com o perigo, que o ameaçava, deſcobria a ſua firmeza na corage impavida, com que animava a gente, entrincheirava, e guarnecia os póſtos, aonde melhor poderia defender-ſe, ſem faltar a algum dos deveres de Capitaõ advertido. Mas na meſma tarde do primeiro dia do ſitio, quando a noſſa artelharia laborava com o fogo mais bem ſervido; eſte Governador, girando a muralha para deſtribuir as ordens, ſem ſe reſervar a perigos, perdeo a cabeça ao golpe de huma balla de canhaõ, aſſommando-ſe por huma das ameias para obſervar as noſſas batarias. A noticia naõ eſperada deſta mórte, a horribilidade do noſſo fogo, os Algaravios picando o muro animoſos, tudo cauſou na Cidade tal deſordem, que nella ſó ſe ouviaõ os clamores triſtes da plebe mettida em deſſolaçaõ. O terror ſe fez geral, e a favor da noite a gente de tro-

pel

pel abandonou a Cidade, taõ precipitada na fuga, que se suffocáraõ oitenta entalados nas pórtas.

Antes que amanhecesse, Jacob Adibe, hum dos Judeos expulsos de *Portugal*, veio humilde prostrar-se *aos pés* do Duque, dar-lhe a noticia da deserçaõ dos defensores de Azamor, implorar para si, e para os individuos *da sua* Naçaõ a clemencia do Principe. Elle lha concedeo benigno; e ajoelhado em terra com o espirito, com os olhos, e com as maõs levantadas ao Ceo, exclamou: Grande Deos, adoravel Redemptor da geraçaõ de David, quantas graças vos devo dar, quando vejo em hum só dia reduzida ao gremio *da* vossa Igreja, entrada em hum *Reino Christaõ* a Cidade de Azamor, a grande, a rica, a formidavel Cidade, aonde daqui em diante será louvado o vosso Nome. Sem a perda de hum só homem, já tremolando nos muros as Insignias do Rei de Portugal, o Duque fez nella a sua entrada de triunfante. Sem demora mandou purificar a Mesquita, que consagrou ao Espirito Santo, aonde assis-

ſiſtio ao Sacrificio dos noſſos Altares com a piedade catholica, que herdára dos ſeus maiores. Era vulg.

Depois ſe deo balanço á Cidade, e naõ ſe acháraõ nella as precioſidades de Azamor; porque os moradores antes do ſitio as haviaõ tranſportado para lugares ſeguros. De artelharia, e armas, de munições de guerra, e bocca foi o deſpojo immenſo; muito mais importante o ſuſto, de que ſe occupou toda a Provincia, com eſpecialidade as praças de Tite, e Almedina, que ſe deſpovoáraõ; buſcando os moradores ſeguros á vida, no intrincado dos boſques, no horror das grutas. O Duque lhes ordenou ſe recolheſſem a ſuas caſas como vaſſallos del Rei D. Manoel, debaixo da ſegurança da ſua palavra Real; havendo elle já tomado poſſe de Tite, e Nuno Fernandes de Ataide de Almedina; de que nomeou Governador ao fiel Abençafut para o fazer eſquecer a deſconfiança, que concebêra da ſua infidelidade imaginada. Daqui em diante as Cidades de Tite, e Almedina entráraõ a ſer mais frequentadas, a floreſ-

Era vulg. refcer o Commercio, a crefcer com a riqueza o gofto dos moradores na fugeiçaõ de Portugal.

A noticia da felicidade das fuas armas em Africa, mandada immediatamente pelo Duque a El-Rei D. Manoel o enchêraõ de huma alegria taõ viva, de huma complacencia taõ piedofa, que mandou ordens apertadas por todo o Reino, para que fem intervallos de demóra fe deffem graças ao Todo Poderofo, que elle adorava por Author das maravilhas, que os Portuguezes em feu Nome obravaõ por todo o mundo. Como vantagem da Religiaõ fez o Monarca Fideliffimo faber a conquifta de Azamor ao Papa Leaõ X.: noticia, que o Papa celebrou com dias de Feftas folemnes, com huma Prociffaõ edificante, com o Pontifical, que elle celebrou na Igreja de S. Pedro, com o Panegyrico eloquente, que mandou recitar no mefmo dia em honra do grande Rei de Portugal, que quando a maior parte dos da Europa fe faziaõ guerra cruel por intereffes puramente temporaes; elle fó affignalava o feu zelo, mar-

marcava a ſua piedade em expedições glorioſas por todo o Mundo contra os inimigos de Deos, e da Igreja.

Era vulg.

Com a reſtituiçaõ dos moradores de Azamor a ſuas caſas, elles entráraõ a commover a Cidade com Deputações repetidas encaminhadas ao Duque, em que lhe repreſentavaõ: Que elle naõ devia deixar paſſar occaſiaõ taõ favoravel para emprehender a conquiſta do Reino de Marrocos, que naõ tinha Praças fórtes para deterem a marcha do Exercito vencedor, nem trópas diſciplinadas para competirem com os Portuguezes taõ aguerridos: Que os Reis viſinhos naõ eſtavaõ confórmes, nem tinhaõ fundos de riqueza capazes de manter trópas por muito tempo, e que ſe elle quizeſſe deſpender algumas quantias de dinheiro em gratificações, veria ao ſeu lado os Mouros de maior conſideraçaõ, que tudo conſultavaõ com o ſeu intereſſe: Que naõ deixaſſe paſſar a conjuntura, em que o terror minava toda a Mauritania; em que elle eſtava rodeado de hum Exercito forte, e victorioſo; em que a Eſtaçaõ agrada-

Era vulg. vel, a cópia dos fructos, a quantidade das forragens, a abundancia dos transportes, sobre tudo o valor dos seus soldados, e a consternaçaõ dos Mouros lhe estavaõ a clamar, que sem perda de tempo marchasse sobre Marrocos para dar ao seu Rei glória immortal, ao seu nome reputaçaõ sem fim, á Naçaõ Portugueza, e aos Mouros seus vassallos memoria eterna, esculpida nos bronzes immortaes.

Porque á gente de Azamor naõ pareceo bastante a efficacia das suas Deputações, ella conseguio do Padre Fr. Joaõ de Chaves, Religioso Franciscano depois Bispo de Viseo, que em hum Sermaõ prégado na presença do Duque tratasse ao largo esta materia, como elle fez com tanto ardor do seu espirito, que obrigou o Duque a prevenir a attençaõ de toda a Assembléa, e satisfazella com este discurso: Eu sei, que Portuguezes, e Mouros me arguem, porque naõ me ponho em campo para marchar sobre Marrocos: mas de que me devo eu deixar predominar, do rumor dos homens, ou das máximas da ra-

razaõ? Nada ha no mundo mais antigo, que a fidelidade, e a obediencia: El-Rei mandou-me conquiſtar a Azamor, naõ me fallou em Marrocos: Se eu exceder as ſuas ordens em hum empenho de tantas conſequencias, em que conta terá elle a minha obediencia; que dirá da minha fidelidade? Se nós gaſtaſſemos muitos mezes na conquiſta de Azamor, ſe perdeſſemos muitas vidas, e no fim a rendeſſemos, nós o teriamos por huma victoria glorioſa, ſó com eſta empreza ficariamos contentes. Agora que em hum dia fizemos tudo, tudo deſprezamos, e naõ pretendemos por deſpojo do triunfo nada menos, que levar hum Reino potentiſſimo ſobre a marcha. Eu ſim tenho valor para o emprehender; mas faltaõ-me as ordens para o executar.

Era vu

A eſtas vozes do Duque emudeceo o Pregador, e os ouvintes; e elle, que já padecia huma moleſtia, que o impoſſibilitava para montar a cavallo, a 21 de Novembro embarcou em Mazagaõ ſem mais eſcolta, que a de dous navios, e veio a Tavira, aonde ſoube

Era vulg. que a Corte eſtava em Almeirim. Partio para ella ſem demóra a receber do Rei as honras, que merecia a peſſoa, e o ſerviço. A maior parte do Exercito voltou pouco depois para o *Reino*; ficando Rodrigo Barreto com o governo de Azamor, e D. Joaõ de Menezes com o commandamento de hum conſideravel corpo de trópas para ſuſtentar a campanha, e conſervar a fidelidade dos Mouros pelas comarcas, que nos ficavaõ ſugeitas. Eſtas authoridades repartidas naõ tardáraõ em ſer origem de diſcordias; qualquer dos dous Chéfes mais facil a deixar de vencer, que a conſentir na diviſaõ da glória dos triunfos: Emulaçaõ, que diz o noſſo Faria, he hum contagio univerſal, que algumas vezes ſe extinguio entre várias Nações, mas que entre a Portugueza nunca.

CA-

CAPITULO VII.

Continúaõ os successos de Africa no anno de 1514.

OS nossos Capitães de Africa, com a ausencia do Duque de Bragança, naõ pendurárаõ os morriões, e os arnezes para descançarem á sombra das victorias. Naõ obstante a competencia entre D. Joaõ de Menezes, e Rodrigo Barreto, elles, e Nuno Fernandes de Ataide desejavaõ amontoar triunfos para assumpto de maior consternaçaõ nos Barbaros, para incremento da nossa reputaçaõ em toda a terra. Com estes designios, sabendo que na Xerquia estavaõ descuidados os Mouros das Aldêas de Benacafiz, e de Fafut, déz legoas de Azamor, os primeiros dous Chéfes sahíraõ desta Praça com 1(|)200 cavallos, e mil infantes, que postáraõ a tarde do dia seguinte nas faldas da Serra verde, que toma o nome da sua continuada primavéra. Nos primeiros crespusculos da Aurora foi atacada Benacafiz, aonde

Era vulg 1514

de foraõ paſſados á eſpada os que ſe defendêraõ; captivos 180, que naõ ſe reſiſtíraõ, e os que quizéraõ eſcapar-ſe, ſe precipitáraõ no rio, que vem banhar a Azamor.

D. Bernardo Manoel, e Joaõ da Silva haviaõ ido ſobre Tafut ſeguidos de Rodrigo Barreto; mas o incendio de Benecafiz aviſou os ſeus moradores para ſe porem a ſalvo além do rio. Alguns, que eſtavaõ deſta parte quando aquelles Fidalgos chegáraõ, foraõ prezos, e ſaqueada Tafut, que ſe achou bem provida de gados, e mantimentos. Juntas as trópas, que haviaõ dividido para eſtas expedições, eſcoltando a preza, entráraõ felizmente em Azamor os victorioſos Chéfes.

Por eſte tempo os dous Irmãos Xerifes, que nós diſſemos andavaõ feitos Alcaides do Rei de Fez, prégando contra os Portuguezes a gazua na téſta de huma trópa de cavallos: correndo ambos a terra, hum para a parte de Tangere, outro para a de Arzila, conſeguíraõ a grande victoria de nos matar quatro homens, e captivar cinco. Eſta

acçaõ memoravel foi eſtimada em Féz Era vul-
mais por hum effeito da ſantidade dos ſeus authores, que por huma façanha da ſua corage. Os dous fanaticos, que cuidavaõ mais em fazer-ſe Reis, que em ſer validos, ſe laſtimáraõ com o de Fêz das calamidades, que o de Marrocos padecia ás mãos dos impios Portuguezes: que elles deſejavaõ acodir-lhe no ſeu aperto, e que para iſſo lhe pediaõ licença. Promptamente a concedeo o Rei de Féz, acompanhando-a de armas, de dinheiros, de permiſſaõ para os ſeguirem aos pais hypocritas dos filhos tontos, que elles haviaõ diſciplinado nas ſuas cabalas diabolicas. Chegados a Marrocos eſtes gróſſos troncos da arvore da geraçaõ dos Xerifes; elles foraõ recebidos com as altas honras, que ſe deviaõ a dous monſtros de ſantidade, domadores façanhoſos dos ſoberbos Portuguezes.

Eſta retirada dos Xerifes naõ ſei ſe precedeo, ou ſe foi poſterior á ſua perda de Tedneſt, aonde vivia o Xerife, pai dos Heróes, e das patranhas. Eſta Cidade era huma das mais antigas da Pro-

Era vulg. Provincia de Hea, situada em huma planicie fertil, e dilatada, recommendavel pela célebre Mesquita, que se estimava por hum Santuario, aonde muitos Sacerdotes se occupavaõ nos Cultos, e expiações do *Mahometismo* igualmente barbaras, e ridiculas. *Nuno* Fernandes de Ataide se *resolvec* a investilla na tésta de 400 cavallos, esforçado por Abentafut, que levava de cavallaria 2000 homens, e 600 infantes. O bravo Chéfe, que naõ queria repartir a glória desta acçaõ com D. Joaõ de Menezes, fez a ceremonia de o convidar para ella; mas pondo-se em marcha sem esperar a resposta. D. Joaõ, que acceitou o convite, e tinha de andar quarenta legoas até Tednest, mandou diante a D. Bernardo Manoel com 120 cavallos, que elle seguia com 600, e com mil infantes.

Os Xerifes informados da marcha do Ataide, lhe sahíraõ ao encontro com 4000 cavallos. Abentafut, que fazia a nossa vã-guarda, ainda que inferior em número de gente, os atacou com tanto vigor, que o Ataide fez alto pa-

ra

ra vêr a promptidaõ, com que elle Era vulg. dobrando-lhes os Esquadrões os mettia em desordem. Pouco efficazes foraõ os rógos do Pai, e filhos santificados nesse combate. Naõ lhes valeo Mafoma. Elles fugíraõ covardes, seguindo-lhes o alcance o Ataide, e Abentafut, que lhes degolláraõ 800 homens, fizéraõ 200 prisioneiros, rendêraõ Tednest, e os tres Xerifes se refugiáraõ em Tazarote. Assegura-se, que nas campinas da Cidade rendida tomáraõ os Portuguezes duzentas mil cabeças de gado grosso, e miudo, fóra tres mil cavallos, e camellos. Ella foi a preza maior, que nós até aquelle tempo fizemos em Africa, nem depois se fez outra semelhante. O desgosto desta perda causou ao Xerife pai huma enfermidade, que lhe tirou a vida em Tazarote: mas elle morreo com a consolaçaõ de deixar nos filhos abominaveis outros semelhantes a si, fructos correspondentes de tal arvore.

Despedio o Ataide a D. Joaõ de Menezes com a noticia da victoria hum expresso, que o encontrou em Almedina.

Era vulg. na. D. Bernardo, que vinha adiante, chegou a Tedneſt quando o Ataide eſtava ajuſtando a paz com os Mouros da Comarca ſobmettida. D. Joaõ ſeguindo a jornada veio a Chiquer reſoluto a dar ſobre Marrocos, que diſtava menos de 20 leguas. Como para expediçaõ de tanto empenho era neceſſario unir as forças; D. Joaõ, ſem embargo das competencias, pedio ao Ataide, que o acompanhaſſe. Elle ſe deſculpou com o pretexto frivolo do muito, que havia que fazer em Tedneſt, aonde era juſto que elle vieſſe para com o ſeu parecer ſe regularem tantos negocios de importancia. D. Joaõ, ainda que entendeo a intriga, e que eſtava doze leguas além de Tedneſt, elle as deſandou, fez-ſe deſentendido, obedeceo ao conſelho de Nuno Fernandes, como ſe foſſe huma ordem do ſeu Rei: Varaõ prudente, que ſabia ceder do dictame proprio, quando era neceſſario conformar-ſe com o alheio.

Nas primeiras conferencias todo o esforço de Nuno Fernandes de Ataide ſe empenhou em ponderar razões para di-

divertir a empreza de Marrocos, naõ tendo elle mais embaraço, que o da consideraçaõ, de que o mundo todo havia attribuir a D. Joaõ de Menezes a glória de tamanho feito. Depois de ponderações sérias, viéraõ a concluir, que Nuno Fernandes com a sua gente, seu genro D. Affonso de Noronha com os 800 cavallos de Mouros de Almedina, com que acabava de chegar a Tednest, e Abentafut com as suas trópas se ajuntassem para assaltarem hum Lugar tres legoas distante daquella Cidade plantado na eminencia da serra. Facilmente se executou este projecto; porque os inimigos avisados da marcha, pozéraõ em cobro as pessoas, e as riquezas. Á vista da generalidade do terror das nossas armas, D. Joaõ renovou a prática da marcha sobre Marrocos; mas elle encontrou no Ataide huma montanha de ciumes, que razões divinas, e humanas naõ pudéraõ abalar. Cedeo á teima de hum homem a glória da Religiaõ, e da Patria.

Era vulg.

Apartou-se o grande D. Joaõ de Menezes desgostado justamente. Os Portugue-

Era vulg. guezes, e os Mouros noſſos alliados ſe enchêraõ de eſcandalo, que levantava altas as vozes para ſe queixar, de que huma competencia indiſcreta houveſſe de arruinar o maior negocio de Portugal em Africa. Mas como a fortuna naõ deixa de olhar com reſpeito ao Varaõ fórte; ſe ella negou a D. Joaõ o crédito, que lhe adquiriria a jornada de Marrocos, concedeo-lhe outras nos ultimos paſſos da carreira da vida para acabar com a reputaçaõ conſtante de hum Heróe. Na ſua retirada de Tedneſt foi elle informado, como os Reis Mafamede de Féz, e Molei de Mequinéz marchavaõ ſobre Azamor com Exercito poderoſo. Preſumio elle, que na diſtancia, em que eſtava da Praça, lhe ſería inevitavel eſte encontro no caminho, eſpecialmente depois que recebeo os expreſſos, que de Azamor lhe mandára Rodrigo Barreto.

Mandou D. Joaõ aviſos repetidos a Nuno Fernandes de Ataide, do que ſe paſſava. Pedia-lhe por Deos, e por El-Rei, que ſem perda de tempo lhe mandaſſe a D. Bernardo Manoel com a ſua

gen-

gente, munições, e mantimentos, para sustentar a marcha, e o combate, que esperava. A resposta que o Ataide deo a estes recados foi retirar-se para Çafim; mas se a D. Joaõ lhe faltáraõ estes soccorros, os do estrondo do seu nome foraõ bastantes para lhe abrirem o passo até Azamor, aonde chegou sem encontrar na marcha longa o menor embaraço.

Era vulg.

Aqui foi elle informado com exacçaõ da mudança dos intentos dos Reis inimigos; mas que os Alcaides de Latar, e Lutete mandados pelo de Féz com muitas trópas, tinhaõ vindo firmar na sua obediencia a Provincia de Ducala, e esperar o de Mequinéz, que estava em Nafe, para que conformes, e unidos marchassem sobre Azamor. Impedir esta uniaõ era advertencia de hum General do caracter de D. Joaõ de Menezes; e o meio de o conseguir naõ podia ser outro, senaõ bater, derrotar os dous Alcaides antes da chegada do Mequinéz. Sabendo que elles estavaõ na fórte Villa de Balba, e que as forças de Azamor eraõ poucas para se ar-

Era vulg. arroſtarem contra tantos inimigos: cortando por todas as paixões humanas, D. Joaõ faz ſaber a Nuno Fernandes de Ataide a ſituaçaõ critica dos negocios de Portugal, ſe em occaſiaõ ſemelhante elle deixa de marchar com *as forças* de Çafim para as unir ás de *Azamor*: crime, que para Deos ſería enorme, na face do Rei inexpiavel.

Cedeo o Ataide neſta conjuntura da ſua teima; e ajuſtado que no campo de Sea, diſtante déz ou doze legoas de Balba, ſe ajuntaríaõ as trópas, a 12 de Abril marcháraõ para elle os dous Chéfes: D. Joaõ de Menezes com 800 cavallos, e mil infantes: Nuno Fernandes de Ataide, e Abentafut com 10500 cavallos a maior parte Mouros alliados. Conferíraõ os tres Officiaes o modo, por que haviaõ formar o ſeu pequeno Exercito para atacar aos inimigos, e determináraõ, que a artelharia marchaſſe na vã-guarda: que a cavallaria ſe dividiſſe em cinco Eſquadrões, o primeiro mandado por D. Joaõ de Menezes; o ſegundo ás ordens de Rodrigo Barreto, e de Joaõ Gonçalves da Camara;

o terceiro coberto por Joaõ da Silva, e por Alvaro de Carvalho; o quarto por Nuno Fernandes de Ataide, e por seu genro D. Affonso de Noronha; o quinto por Abentafut; e que a infantaria no centro sería governada em dous batalhões pelos Mestres de Campo Pedro de Moraes, e Joaõ Rodrigues.

Era vulg.

Nesta fórma lhes rompeo o dia á vista dos inimigos, que estavaõ postados na planicie á raiz de hum monte, e lhes cobria a reta-guarda hum rio, que separava o monte da planicie, para impedirem aos Portuguezes o ganharem a eminencia, que dominava a campanha. Observou-se, que o Exercito dos inimigos constava de 4000 cavallos, e a infantaria formada em quatro córpos era tanta, que cobria a campina. D. Joaõ, que com palavras taõ heróicas, como o seu espirito, acabára de animar os camaradas para huma batalha taõ desigual, fez soar a carga, marchou a intrepidez ao avance. Elle carregou as primeiras fileiras dos contrarios com tanto de vigor, e impetuosidade, que as deitou por terra: o mesmo succedeo

á

Era vulg. á cavallaria, que perdeo todo o campo até ao rio. Nuno Fernandes, que corria a investir outro Esquadraõ de cavallos, furtando este o corpo para acudir aos seus camaradas, que D. Joaõ levava atropelados, fez *maõ baixa* na infantaria, que foi degolando sem piedade até a margem do mesmo rio.

Os mais Officiaes nos seus póstos obravaõ com valor taõ conforme, que os Mouros naõ podendo sustentar-se, em fugida precipitada queriaõ salvar-se na montanha. A infantaria pode facilmente passar o rio, e sobir ao monte; mas a cavallaria, que para chegar a elle, e o vadear, tinha de descer hum grande despenhadeiro quasi perpendicular com a súa margem, naõ o podendo conseguir com a agilidade necessaria, a maior parte foi talhada em póstas. D. Joaõ de Menezes apenas chegou á mesma margem, como prudente, e sabio Capitaõ, mandou fazer alto ás suas trópas. Para os mais Portuguezes dos outros Esquadrões naõ houvaõ difficuldades, que lhes impedissem

ſem a paſſar o rio para perſeguir os Barbaros. O advertido General deſtacou a toda a preſſa ſeu ſobrinho D. Garcia de Menezes com ordem de fazer retroceder aos bravos incautamente generoſos. Todos obedeciaõ, até que chegou a palavra a Ayres Teles, Fidalgo moço de grande valor, que arraſtado dos impulſos do coraçaõ magnanimo, diſſe a D. Garcia: Ah Senhor, naõ he tempo de retirar: camaradas, eſtes Barbaros levaõ-ſe ás cutiladas até os metter em Féz. Todos os que voltavaõ obedecem a eſta voz. D. Garcia reſponde a ella: Pois como vós quereis, levemo-los ainda além de Féz: e foi ſeguindo a Ayres Teles.

Era vulg.

D. Joaõ de Menezes, que premeditava o que tinha de ſucceder, paſſou o rio, e ſe pôz em fórma de receber aos que eſperava, que tinhaõ de vir fugindo. Nuno Fernandes ficou formado deſta parte do meſmo rio para impedir, que os Mouros o rechaçaſſem. Abentafut eſtavaocioſo; porque as ſuas gentes engolfadas na pilhagem do campo, o deixáraõ ſó. Os Barbaros, que co-

Era vulg. roavaõ a montanha, vendo que hum punhado de homens os perseguia, fizéraõ volta face, e com impeto rude os obrigáraõ a pagar com as vidas a pena da temeridade. Cincoenta *cavalleiros* impavidos nos fez perder a *inconsideraçaõ* de dous Moços taõ atrevidos como Ayres Teles, e D. Garcia de Menezes, que ambos ficáraõ mórtos no campo, e com elles D. Rodrigo de Menezes, D. Francisco Deça, Fernaõ Coutinho, Diogo de Sousa, Antonio de Sampayo, Martim Calado, Jorge Barbudo, Ayres Brandaõ, Joaõ Gonçalves de Lemos, Pedro Homem de Figueiredo, e outros até cincoenta. Em toda a acçaõ tivemos cem feridos, entre elles Joaõ Gonçalves da Camara de huma setta no braço esquerdo, que naõ quiz tirar em quanto durou a batalha. Dos Mouros morrêraõ 2$\mathfrak{D}$600, hum dos Alcaides, sete Xeques; a infantaria perdeo 650 homens mórtos, 300 captivos, e passáraõ de quatro mil os seus feridos. Concluida huma victoria taõ illustre, que nada nos custaría, se a temeridade juvenil naõ a ensanguentára,

os

os Chéfes ſe recolhêraõ ás ſuas Praças Era vulg. reſpectivas.

CAPITULO VIII.

Do ſitio, que os Reis de Féz, e de Mequinéz pozeraõ a Azamor, com os mais ſucceſſos de Africa no anno de 1514.

OS Reis alliados de Féz, e Mequinéz, ainda naõ ſabedores da derrota dos ſeus Alcaides, com Exercitos poderoſos eſtavaõ em marcha para virem ſobre Azamor, como entre ſi tinhaõ ajuſtado. Só as trópas de Mequinéz eraõ taõ numeroſas, que o ſeu Rei gaſtou ſete dias em paſſar o rio de Azamor. D. Joaõ de Menezes deo logo parte á Corte da tempeſtade, que eſperava a Praça, e da neceſſidade, que ella tinha de ſoccorro, que lhe foi mandado fórte, e effectivo. O Rei de Féz chegou com o ſeu Exercito ao meſmo tempo, e ſe deſcobrio dos muros da Praça a multidaõ, que cobria a ſua campanha. Quando ella fazia os primeiros movi-

Era vulg. mentos para principiar o ſitio, os ſeus Reis foraõ informados da derrota dos Alcaides em Balba, da mortandade, e ruina das ſuas trópas: noticia, que os confunde; que os faz occupar de hum terror panico, que talvez quizeſſem diſfarçar com perſuadir, que era propriedade do ſabio mudar de conſelho.

Sem deſparar hum canhaõ ſe retíraõ de Azamor dous Exercitos formidaveis, que tinhaõ dous Reis nas ſuas téſtas. Com as prerogativas dos Heróes famoſos, ſó baſtava a D. Joaõ de Menezes a reputaçaõ do ſeu nome para vencer. Para de hum golpe naõ romper a ſua, o Rei de Mequinéz córou a covardia ſobre Azamor com huma imagem de deſembaraço em Almedina, que achou ſem defenſa, porque a gente ſe retirou a tempo para Çafim. Em tres homens, que ficáraõ, manifeſtou mais a fraqueza, mandando degollallos. Mas o que naõ pode fazer o valor, executou a crueldade. Em todos os contornos de Almedina ſe derramou o furor do barbaro Rei para devaſtar tudo o que naõ reſiſtia. Abentafut o de-

ſe-

fejava fazer; mas faltando-lhe as forças para arreftar tanta multidaõ, elle pede foccorros a Çafim. Nuno Fernandes, que duvidava fe ella lhe fitiaría a Praça, fó lhe mandou vinte cavallos ás ordens de D. Rodrigo de Noronha.

Era vulg.

Naõ quiz Abentafut, depois da glória de tantos triunfos, expôr-fe a fer huma irrifaõ da fortuna, e fe recolheo a Çafim com a fua familia, abandonando a fua Villa de Cernu, de que El-Rei D. Manoel lhe fizéra mercê. Antes que elle o executaffe, talou os campos, encheo os poços de cadaveres de animaes, e os mandou tupir todos por efpaço de tres legoas para os inimigos naõ acharem agua, de que fervir-fe. Acabadas eftas manobras, quando fe recolhia para Çafim, naõ pode efcufar-fe a hum combate com o Rei de Féz, que vinha defefperado de achar os poços tupidos com damno irreparavel das trópas. Abentafut com corage extrema em retirada airofa foi fempre fuftentando a carga, em que perdeo alguns foldados: perda, que feria pouco fenfivel á vifta da fua gentileza, fe nella naõ en-

entrára a do valeroso Benamim, Xeque principal de Garabia. Nuno Fernandes o recebeo com agrado extraordinario, e junto ao muro lhe assignalou campo, aonde aquartelasse a sua gente, alliada fiel, merecedora das nossas attenções.

Retirou-se o Rei com huns longes de vencedor para a Villa de Cerne, aonde havia abrir novos poços, ou vêr perecer de sede o seu Exercito. Abentafus o livrou deste incommodo; porque sabendo delle, sahio huma noite de Çafim com as suas, e parte das nossas trópas para lhe dar hum rebate; mas o Rei avisado da marcha, com Exercito semelhante abandonou o campo, e foi entricheirar-se em Tudela. Observárão os Mouros da Xerquia movimentos taõ indignos ao Rei, que os fizéra ser perjuros á fé promettida a El-Rei de Portugal com a promessa, de que elle conquistaria Çafim, ou Azamor. Elles estavaõ vendo a palavra naõ cumprida, o Exercito de Mequinéz, naõ só huma zombaria dos Portuguezes, mas o entretenimento de hum

Mou-

Mouro, qual era Abentafut. Todas estas idéas os faziaõ conceber odio entranhavel ao Rei de Mequinéz, e desejos vehementes de obrarem huma façanha merecedora de os restituir á graça do de Portugal. Elles se conjuraõ, e resolvem ir atacar o Exercito infeliz, que acampava em Tazarote.

Era vulg

Ao conselho se seguio execuçaõ taõ prompta, que investindo ao Rei no seu campo, os de Xerquia lhe degolláraõ grande número de gente, pozéraõ-no em fugida, prendêraõ 80 cavallos, e mil infantes, fizéraõ huma preza consideravel, e obrigáraõ o Rei afflicto a ir parecer em Mequinéz no estado de miseravel. Pouco plausiveis se nos fizéraõ estas vantagens, se nós as houvermos de confrontar com a perda, que se nos seguio na mórte do grande D. Joaõ de Menezes, que valia por muitas victorias. Elle acabava de receber cartas del Rei, que o enchia de louvores sublimes, e promettia premios eminentes. Com a carne enferma, o espirito prompto, que já queria soltar-se do ergastulo do corpo, nem premios, nem lou-

vo-

Era vulg. vores o tocavaõ; unicamente ſenſivel á graça, que o illuminava para ſentir, que em morrer bem conſiſte a glória do homem. Com morte precioſa nos olhos de Deos acabou D. Joaõ de Menezes a vida em Azamor, para que *Africa*, que lhe levára o melhor da idade, o viſſe completar o fim dos dias.

Foi D. Joaõ de Menezes hum Heróe, que ſoube unir as virtudes militares, e a authoridade de Chéfe com a candura do animo, moderaçaõ, e ingenuidade, que fazem amaveis aos grandes homens. O ar civil na Corte totalmente diſſipava nelle as nuvens da ferocidade de guerreiro. Na continencia foi taõ exacto, entre o ruido das armas taõ compoſto, que nem acções, nem palavras ſe lhe notáraõ, que offendeſſem a caſtidade. Elle era o pai dos ſoldados, o amparo dos Cidadãos, o terror dos inimigos: nenhum moſtrou na ſua mórte, que o era; lágrimas communs o choráraõ. Diſcorria com delicadeza; fallava com eloquencia; crêo nos agouros dos Fidalgos do ſeu apellido; alguma couſa ſe deixava tomar

mar da cólera ; mas eſtes vicios da humanidade ficavaõ abafados debaixo do heroiſmo das virtudes. Succedeo-lhe no emprego D. Pedro de Souſa, que depois foi Conde do Prado, e aſſumpto benemerito da Hiſtoria. Era vulg.

Eſtes foraõ os ſucceſſos memoraveis do anno de 1514 reſpectivos aos defenſores bizarros de Çafim, e Azamor: mas os das outras Praças já convidaõ as noſſas attenções, eſpecialmente os de Ceuta, que neſte tempo era governada por D. Pedro de Menezes, Conde de Alcoutim, filho primogenito do Marquez de Villa-Real. Eſte Fidalgo em várias expedições tinha illuminado bem os retratos magnificos dos ſeus Progenitores, que na meſma Aula ſe haviaõ graduado em actos grandes de heroicidade. Chegando em huma dellas a bater ás pórtas de Tetuaõ, donde ſe recolheo com captivos, e deſpojos, cauſou tal terror nos Barbaros daquelles contornos, que huns fugíraõ para Féz, outros buſcáraõ a noſſa protecçaõ, eſtabelecendo-ſe em Ceuta.

O Rei de Féz, póde ſer que com

os intentos de defpicar efta injúria, encarregou a feus dous irmãos de virem invadir Ceuta com hum Exercito de déz mil cavallos, e numerofa infantaria para obrar de concerto com outro corpo confideravel, que hia embarcado para fazer outro ataque pela parte do mar. Os Principes de Féz fizéraõ duas emboscadas, e mandáraõ hum piquete de quinze homens para fe deixar vêr da Praça. O Conde fahio della com 130 cavallos, e deftacou outros quinze, que foraõ levando o piquete até a primeira emboscada, donde fahíraõ tantos, que o Conde teve de fe recolher á eftaçada. Nella entráraõ de tropel 250 dos inimigos; mas o Conde os atacou com tanto vigor, que fez 200 em póftas fem elle perder mais de hum homem.

A efta refrega acodíraõ os dous Principes com o refto da cavallaria, bem advertidos, de que fendo indifpenfavel ao Conde recolher-fe á Praça, elles a todo o galope entrariaõ tambem de envolta. Ao mefmo tempo a gente da Efquadra faltava em terra para lhe diver-

vertir as forças em outro avance. O Conde, que penetrou o designio, se houve com tanto acordo, que recolheo o destacamento na Praça, fez fechar as pórtas, ordenando as estancias para repelir em toda a parte a violencia. Os Barbaros a suspendêraõ á vista da nossa corage, e do estrago da maior parte da sua Nobreza mórta no campo; e a Esquadra, que veio para levar os nossos captivos, servio para elles transportarem os seus mórtos.

Em vulg

Tanta repetiçaõ de infelicidades se fez sensivel aos Mouros, que vinhaõ em bandos ás nossas Praças offerecer-se tributarios de Portugal, promptos a tomar as armas no seu serviço. Entre todos os da Xerquia se determináraõ a renovar a alliança, que quizéraõ ajustar com o mesmo Rei em pessoa. Para isso mandáraõ a Lisboa os tres Xeques Mahamet, Bencelme, e Nazer, que pedíraõ a El-Rei admittisse a obediencia, e acceitasse a vassallagem de toda a Xerquia, nomeando para Commandante das suas trópas a Abderaman, que era fiel, valeroso, e tinha sido criado

a vulg. do de Abentafut. D. Manoel ouvio attento; fez mercês liberal, e despachou prompto aos tres Emissarios, como elles requeriaõ. Mas para o fazer de modo, que naõ escandalisasse a Abentafut, como Chéfe, que era dos Mouros de Dabida, de Garabia, e da Xerquía, lhe escreveo com agrados excessivos: Expondo-lhe o requerimento dos ultimos, a attençaõ, que com elle tinhaõ, pedindo para Capitaõ a hum seu criado; que elle desejava differir-lhes, e entendia que sem o aggravar o fazia, pela lembrança, de que elle assaz tinha em que occupar-se com o governo de Garabia, e de Dabida. Estas saõ as benevolencias dos Principes, que sem mais desperdicio que o de palavras volantes, adquirem affectos, fidelidades permanentes.

Abentafut teve por taõ grande honra o modo, com que El-Rei o tratava, que longe de se resentir pela desmembraçaõ do seu governo, elle deo as evidencias da maior alegria, fosse pela benignidade do Rei, que o determinára; fosse pela satisfaçaõ, de que

a hum ſeu criado o achaſſem beneme- rito para emprego de tanta importancia; ou foſſe por lhe conſtar que El-Rei D. Manoel mandára ordens as mais preciſas a Nuno Fernandes de Ataide, e a D. Pedro de Souſa, para elles promoverem quanto foſſem vantagens da peſſoa, e dos Eſtados de ſeu fiel vaſſallo Abentafut.

Era vulg.

He verdade que a ſujeiçaõ voluntaria da Xerquia, a ſua harmonia recem-confórme, tudo ſe hia perturbando; porque Nuno Fernandes de Ataide quiz obrigar os Mouros a levarem a Azamor o trigo dos tributos. A prudencia do Almocadem Diogo Lopes, que com dezaſete homens fora mandado a eſta diligencia, no principio da commoçaõ dos Mouros atalhou a revolta, dizendo-lhes que elle naõ viera a Tazarote por negocios de taõ pouca entidade, como era o do tranſporte dos trigos, ſenaõ para provar o ſeu valor em huma acçaõ grande, que elle meditára, e lhes ſería honroſa. Promptamente ſe lhe offerecêraõ 423 de cavallo, que com 17 Portuguezes fo-

Anno 1515. foraõ darem vários Aduares, huma legoa de Marrocos, aonde apprehendêraõ déz mil ovelhas, e 330 camelos. Alguns destes Mouros, em quanto Diogo Lopes recolhia os despojos, para darem huma próva sublime da sua fidelidade, foraõ bater com os recontros das lanças nas pórtas de Marrocos, clamando: Viva El-Rei D. Manoel, nosso Senhor. O de Marrocos sahio com alguns cavallos a reprimir esta insolencia; mas elles se retiráraõ ao corpo dos seus camaradas, e entráraõ na Xerquia gloriosos com captivos, e despojos.

Esta acçaõ façanhosa; que encheo de admiraçaõ todas aquellas Comarcas, estimulou a Abentafut, que convidou a Lopo Barriga para fazerem a Marrocos outra visita. Ambos marcháraõ, o Barriga com cem cavallos, Abentafut com a sua gente. No caminho soubéraõ, que no lugar de Aleborge estava hum corpo de trópas muito superior com intentos de fazer alguma subpreza. Elles se resolvem a atacallo, e avisaõ a Nuno Fernandes queira vir

ser

ſer participante da honra daquelle fei- Em vulg.
to ; mas como entaõ naõ pode, mandou a ſeu genro D. Affonſo de Noronha com 200 cavallos. Eſte combate foi taõ ſingular, que nós em deſconto de tres Portuguezes, e de poucos ſoldados de Abentafut, deixámos o campo juncado de mórtos, e nos recolhêmos com 500 captivos.

Os Portuguezes em Africa já venciaõ menos com o valor, que com o nome. D. Joaõ Coutinho, depois Conde do Redondo, filho do famoſo Conde de Borba, que ſervia ás ordens de ſeu Pai em Arzilla, ſahio com 140 cavallos a correr a Serra do Farrobo. Encontrou-ſe com 800, que mandavaõ dous Alcaides, e hum filho de Barraxe: foi-ſe a elles, paſſou 200 á eſpada, captivou 41, poz os mais em fugida. Os memoraveis Xerifes, depois de fazerem as ultimas honras ao cadaver de ſeu Pai, tornáraõ ao exercicio ſanto de perſeguir os Portuguezes por honra do ſeu Mafoma, crédito, e honra da coragem propria ; mas encontrando a Lopo Barriga com cem cavallos

ra vulg. vallos, elles deixáraõ no campo outros tantos, e se retiráraõ fugindo para arbitrarem novas idéas, que forjadas no ardor do zelo apparente, servissem para avançar os designios da sua ambiçaõ sem medida.

FIM.